

Co  
295-44

## Ultimas Farpas





in  
mon ami Raimundo Ortigas  
John H. Sargent  
Santiago 1903

90 219544 A.F. 21342  
RAMALHO ORTIGÃO

Registado a fl. 219544 do livro n.º 1140

# Ultimas Farpas



Deu entrada em 24  
de Outubro de 1906  
de



## Livraria FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO  
166 — Rua do Ouvidor — 166

S. PAULO  
65 — Rua de S. Bento — 65

BELO HORIZONTE  
1055 — Rua da Bahia — 1055

## Livrarias AILLAUD e BERTRAND

AILLAUD, ALVES & C.<sup>ª</sup>

PARIS  
96 — Boulevard du Montparnasse — 96  
(Livraria Aillaud)

LISBOA  
73 — Rua Garrett — 75  
(Livraria Bertrand)

---

*Todos os exemplares são rubricados pelo procurador  
dos herdeiros do autor.*

---

*Vasco Artigues*

A' SAUDOSA MEMORIA  
DO  
CONDE DE ARNOSO

*— heroica personificação da amizade, espêlho de fidalgos e de homens de bem, modêlo de honra, de valor, de coherencia e de fidelidade, lição dos seus contemporaneos, gloria da sua raça —*

*piadosamente consagra as seguintes paginas, sobre algumas das quaes esvoaça melancolico e benigno o derradeiro sorriso de companheiro, de camarada e de amigo,*

*Ramalho Ortigão.*

## Advertencia justificativa

---

*No espolio litterario de Ramalho Ortigão encontraram os seus herdeiros numerosos manuscritos, inteiramente ineditos uns e outros dispersos já pela imprensa jornalística do Brasil e de Portugal. Todos estavam porem pelo seu auctor methodicamente arrumados n'uma evidente preocupação de futura publicidade por meio de livro.*

*Para satisfazer um piedoso sentimento de respeito pela memoria do illustre escriptor resolveram reunir n'uma nova edição definitiva e quanto possivel completa a sua vasta obra, parte da qual é ainda imperfeitamente conhecida na nossa terra por de ha muito estarem esgotadas as primeiras edições de algumas e o*

*resto carecer de disposição material que o torne, sem vulgaridade, accessivel a todos os meios.*

*E' isto o que se vae fazer agora, iniciando com as Ultimas Farpas o primeiro volume da nova edição, constituido com os elementos agrupados por mão do auctor e inteiramente subordinado ás suas indicações escriptas, não só no que respeita á materia do livro, como em especial, no amoroso carinho pela memoria querida do homem a quem, devotado amigo e leal camarada, elle o dedicara.*

*Seguidamente virão os seus escriptos de arte, de litteratura, de critica, as suas notas de viagem, tudo, em summa, o que já publicado ou ainda inedito, forma a honesta e moral herança litteraria de Ramalho Ortigão, o palpitante documento de uma patriotica devoção pela cultura do espirito dos seus concidadãos, por cujo amor se dera ao trabalho de criticar os costumes, de atacar preconceitos, de desnudar aleijões curáveis ou revelar bellezas mal apreciadas no evidente intuito de franquear horisontes novos á sua alma incerta de ulteriores destinos.*



*Toda esta obra tem o singular e reconfortante aspecto de harmonia que lhe dá o ser a lição util de uma vida, a todos os respeitos, exemplar. Em quanto disse, em tudo o que escreveu se reflecte o ensinamento pratico de uma existencia consagrada ao amoroso trabalho das letras, ao culto da arte, a uma saudavel curiosidade de investigação das cousas lindas da sua terra, á emmenda dos nossos vicios, á troça alegre e inoffensiva dos nossos prejuizos. D'ahi lhe vem a penetrante sinceridade com que se impoz ainda aos que sahiam doridos d'essas refregas. Em todos o riso de si mesmo acabava por desvanecer a irritação superficial da vaidade, para, no fim de tudo, se apurar o elevado conceito moral contido no seu trabalho honrado, honradamente conduzido sem desfalecimento ao longo de uma vida inteira consagrada ao altruismo patriotico.*

*Tal é o proposito visado pelos promotores d'esta nova edição. Julgam elles que por tal forma se evidencia que talvez seja desnecessaria cousa adduzir o posthumo testemunho*

*que se pretende dar do respeitoso acatamento que, no espirito dos que ficaram, é sagradamente mantido pelo que julgam ter sido a ultima vontade de um morto muito querido.*

*Lisboa, Janeiro de 1916.*

*Os Editores*

CARTAS PORTUGUESAS

## A revolução de outubro

---

Victor Hugo, regressado a Paris do seu exílio de Guernesey, depois da queda do imperio e da proclamação da terceira republica, reuniu a jantar alguns amigos e camaradas de letras. Depois do jantar, que Edmond de Goncourt diz ter sido uma farta e succulenta refeição d'abbade, o pae Hugo, encostado á chaminé do salão, tendo installado em auditorio os seus convivas, e dispondo-se a ler os ultimos versos que escrevera, como de costume, em grandes folhas de incorruptivel papel de linho, — impavido, quasi insolente de saude, de resistencia e de mocidade, principiou por este breve exordio: «Messieurs, j'ai soissante quatorze ans et je commence ma carrière».

Ao pegar na penna para de novo me dirigir, depois de tão larga e saudosa ausencia, aos meus antigos leitores da «Gazeta de Noticias», alegre-me que uma leve analogia — puramente chronologica apenas — me permita encetar auspiciosamente esta pagina por palavras identicas ás do mais glorioso mestre.

«Meus senhores, tenho setenta e quatro annos e recomeço a minha carreira».

A historia do meu regresso de velho filho prodigo á modesta e calma laboriosidade do meu antigo officio conjuga-se estreitamente com a dos ultimos acontecimentos politicos.

De volta de dois mezes de férias nas doces margens do lago Lemán, cheguei a Lisboa na vespera da revolução.

Poucas horas depois de um breve tiroteio de barricada no alto da Avenida e de um lacónico bombardeamento proveniente de uma insubordinação de marinheiros a bordo de um navio de guerra, proclamava-se perante Lisboa attonita e, immediatamente depois, perante a

passividade do paiz inteiro, o triumpho dos revolucionarios.

Este desenlace quasi incruento é em sua apparente superficialidade o tragico desmoro-namento instantaneo de todo um velho mundo. E' o reviramento, com o de dentro para fóra e com o debaixo para cima, de uma sociedade inteiramente desarticulada. E' uma nação ferida de morte na continuidade da sua tradição e da sua historia. Assim o affirmam os triumphadores, principiando expressivamente por arrancar do pavilhão que cobria a nacionalidade portuguesa a corôa real, mais da nação que de qualquer rei, pois que foram os nossos antepassados, ricós homens e filhos d'algo, fundadores das cinco grandes gerações da nossa linhagem, — os Sousões, os Braganções, os da Maia, os de Baião e os de Riba Douro, — os que puzeram essa corôa na cabeça de Affonso Henriques para assim assegurarem inviolavelmente, perante o respeito do mundo, a autonomia e a independencia da patria que elles, com o seu braço, edificaram.

Pobres homens, mais dignos de piedade que de rancor os que imaginam que é com um carapuço phrygio, talhado á pressa em panno verde e vermelho, manchado no lôdo de uma revolta num bairro de Lisboa, que mais dignamente se póde coroar a veneranda cabeça de uma patria em que se geraram tantos grandes homens, a cuja memoria imperecível, e não aos nossos mesquinhos feitos de hoje em dia, devemos ainda os ultimos restos de consideração a que pudemos aspirar no mundo! Pobre gente! Pobre patria!

Ao antigo reino, assim desfeito com o mesmo leviano descuido com que as meninas de Lisboa desmanchavam «puzzles» num jogo á moda no inverno passado, succedeu-se o regimen de um governo provisorio, ao qual creio que unicamente por serem republicanos os individuos que o constituem, se chamou «da republica.»

A indiscutível evidencia é que em tal governo não concorre por enquanto nenhuma das clausulas que assignalam e caracterizam um regimen democratico. Falta-lhe como base

essencial a annuencia prévia da maioria das vontades; falta-lhe pacto fundamental; falta-lhe estatuto regulador da sua acção dirigente e falta-lhe sobretudo nas suas fórmulas de proselitismo, de apostolado e de conciliação patriótica, o intimo sentimento de sympathia, de indulgencia, de bondade, de liberdade, de fraternidade e de igualdade, que é a chave de todo o poder popular.

A segurança de um governo do povo pelo povo, consiste em crear e educar nos mais altos exemplos de civismo um numero preponderante de bons patriotas. Assim o proclama Numa Droz, o glorioso democrata suisso auctor do cathecismo intitulado *Instrucção civica*, ao qual alguém chamou o Evangelho da educação democratica.

Ha patriotas bons e patriotas maus. *Bom patriota* — diz Numa Droz — *é aquelle que, ao mesmo tempo que serve fielmente o seu paiz, exerce com assiduidade a sua profissão, procede sempre honradamente, se dedica á sua familia e a mantem e educa segundo os pre-*



*ceitos da mais pura moral. Mau patriota é o que, sob pretexto de se occupar dos negocios publicos, se esquece da sua casa, abandonando o trabalho, menospresando a familia, desleixando a educação dos filhos, para consumir a vida na esteril agitação do club e da rua. Pessimos patriotas são os tribunos de botequim, que entre libações declamam como possessos contra as coisas mais dignas de respeito: a ordem, a familia, a propriedade, e não sabem appellar senão para os sentimentos mais vis do coração humano, para as paixões mais degradantes, para o espirito de rancor, de violencia e de sedição.*

Que diremos da propaganda republicana de jornaes officiaes ou officiosos do nosso actual Governo Provisorio senão que elles parecem ser outras tantas aulas de um seminario de decomposição, de animosidade e de rancor, destinado a crear os maus patriotas, a que com tão simples e familiar bonhomia se refere Numa Droz!

Onde e quando se viu jamais, como em

Lisboa, sob o novo governo, um tão grande numero de cidadãos despegados das suas profissões e *occupados dos negocios publicos*? Quanto *abandono de trabalho*! quanto *menos-presos da familia*! quanto *desleixo de educação*! quanta *esteril agitação de clubs*!

Em vez do jejum federal que o governo da Republica helvetica decreta em cada anno para que, em determinado dia, todos os cidadãos se reunam num pensamento religioso e patriotico de humilhação perante Deus, dir-se-hia que o governo da Republica portuguesa, depois de abolir os dias santos, promulgára o dogma do regabofe nacional, para que, não perante Deus, mas perante a nova instituição, temulentos de entusiasmo e de rethorica, se prostrem de indigestão todos os patriotas portugueses.

Por toda a parte e todos os dias pullulam os *tribunos de botequim*, espumam as *libações* e estoiram as *declamações dos possessos*.

Depois de se rodear de patriotas bons conviria talvez que a republica procurasse esta-

belecer entre elles um mutuo accordo sobre o modo de conceber a noção de liberdade. Da incompreensão deste principio e da inaptidão mental de um povo para adquirir essa noção resulta fatalmente a anarchia demagogica.

O modo como o governo está principiando a iniciar na comprehensão da liberdade democratica a vasia intelligencia de uma população, composta de quatro milhões de analphabetos sobre cinco milhões de habitantes, figura-se-me antinomico com os fins que o mesmo governo — quero crer que nos mais ingenuos intuitos — se propõe attingir. As duas leis com que elle abriu a era da desopressão nacional, a lei de imprensa e a lei das congregações religiosas, são das mais improprias para fundamentar a educação de gente livre. Ambas ellas são por atropelamento a denegação das mais sagradas das liberdades publicas, a liberdade de palavra e a liberdade de reunião, da qual é natural dedução a liberdade religiosa. No cathecismo suisso lemos: *A liberdade religiosa representa uma das maiores conquistas*

*dos tempos modernos. A religião dirige-se aos mais intimos sentimentos do ser humano: corresponde á irresistivel necessidade que muitas creaturas ainda sentem de elevar a alma á origem de todo o bem, e nessa fonte haurir energia e consolação para a vida presente, assim como animadora esperança de uma vida futura. De que serviria a um grupo de individuos acharem-se de accordo sobre um certo numero de principios politicos, ou terem a mesma maneira de comprehender a divindade e de render-lhe culto, se o governo pudesse prohibir que taes individuos se reunissem e trocassem uns com os outros ideas e sentimentos?*

Assim se pensa na Republica suissa, que os republicanos invocam como modelo de todas as republicas, e onde, só em Friburgo, entre numerosas escolas officiaes, ha uma universidade catholica, um grande pensionato de Ursulinas, uma escola normal protestante e mais de vinte conventos de frades e de monjas, sob a egide do preceito constitucional que estabelece a liberdade de pensamento e a liberdade

de reunião. Emquanto á religião na escola é de notar ainda que o ensino primario suisso é geralmente regido pela lei Siebler, a qual, nos seguintes termos, define os fins dessa instituição: *A escola primaria destina-se a formar creanças de todas as classes sociaes, creando homens socialmente utilisaveis e providos de uma solida moralidade, baseada no sentimento religioso.* Na America do Norte, outro modelo do genero, a Egreja é officialmente considerada como inviolavel e officialmente protegida. Os legados com fins religiosos são isemptos de imposto; os mais altos funcionarios da republica, os seus mesmos presidentes, não se dedignam de sancionar com a sua presença as pacificas solemnidades escolares dos institutos confissionaes; e Roosevelt opina que é para o Estado um crime recusar a cooperação daquelles que a offercem em nome de Deus e a bem do proximo, qualquer que seja a religião que professem.

Fóra do campo da applicação politica, na transcendente esphera da especulação mental,

é o Sr. Anatole France, — aquelle mesmo que, recentemente ainda, trocou com alguns dos chefes republicanos portuguezes o osculo da confraternidade philosophica, — quem formula este conselho aos livres pensadores: *É faltar ao sentimento da harmonia tratar sem piedade aquillo que é piedoso. Eu dedico ás coisas santas um respeito sincero. Sei que não ha certeza fóra da sciencia. Mas considero pensamento pouco scientifico o de suppor que a sciencia possa jámais substituir a religião. Emquanto o homem se amamentar do leite da mulher elle terá de ser consagrado num templo e iniciado num divino mysterio.*

Desdizendo radicalmente os principios fundamentaes da politica e da administração suissa e americana, a recém-nascida Republica portuguesa empenha-se a dar ao mundo a mais eloquente lição sobre o modo como se não deve educar um povo.

Infelizmente a imprensa estrangeira está-nos em cada dia demonstrando que o mundo, a não ser na limitada zona geographica da rua

que em Lisboa lhe tomou o nome, se mostra assaz desinteressado das lições que Portugal lhe propina.

Não me parece, portanto, — repito — que o governo provisório de Lisboa seja mais autenticamente o prefácio de uma liberal republica que o da mais despotica tyrannia.

Não é por isso — está claro — que elle desmerece a minha estima porque, molecularmente rebelde a todo o sectarismo, eu não posso ser senão muito moderadamente e muito condicionalmente monarchico, e não sou nem nunca fui republicano, apesar de frequentemente me accusarem de profugo e de renegado os jornaes desse partido, ligando a tal invectiva um tão grande desdouro do meu character como se fosse para mim um opprobrio ter acamaradado com elles.

A razão desse equivoco dos meus biographos está certamente na indifferença que as fórmas de governo me inspiram, consideradas como factores do progresso, da civilisação ou da felicidade dos povos. Entre monarchia con-

stitucional parlamentar e republica parlamentar constitucional não distingo differença, nem considero que ella sequer exista, a não ser historicamente, entre o principio da eleição e o da hereditariedade, tendo eu por tão precarios os acasos do voto como os do nascimento.

O que me repugna num e noutro dos dois regimens é a embusteira tyrannia do suffragio em que ambos elles se baseiam, e a consequente interferencia da nescia razão da urna na solução de problemas tão melindrosamente scientificos, como o da governação dos homens.

O votismo e o parlamentarismo são, em Portugal pelo menos, os agentes mais perniciosamente destructivos de toda a competencia administrativa. Desde 1836 até hoje, toda a historia do liberalismo portuguez subsequente á dictadura philosophica de Mousinho da Silveira, o ultimo dos nossos estadistas que teve idéas proprias e soube governar manejando-as, é a flagrante demonstração da



nossa incapacidade governativa dentro de um regimen absorventemente parlamentar. Dessa estagnação do pensamento nacional na esphera governativa nasceu a progressiva corrupção dos caracteres polluidos e dos costumes progressivamente rebaixados, dando em resultado final, á mingoa de intercorrentes dictaduras da intelligencia ou do asco, que de quando em quando sacudissem e purificassem a massa, a podridão profunda em que nos afundimos. Dahi as estupendas flores de fermentação que em cada dia estamos vendo desabrochar num fulgor de gangrena á superficie do pantano.

Assim foi que, ao ler inesperadamente num jornal da manhã a noticia da formação tumultuaria do actual governo — por que o não confessarei? — houve no meu espirito doloridamente desencantado um bruxoleante vislumbre de esperanza. A victoria da revolução havia-lhe sido em grande parte ministrada pela tenebrosa cumplicidade do ultimo dos quatro ou cinco ministerios monarchicos, que se succe-

deram ao assassinato impune do pobre rei D. Carlos, eliminado da existencia ao primeiro passo que dava para sahir do atoleiro do mais viciado rotativismo e estabelecer extra-parlamente, nem d'outro modo poderia ser, um arduo regimen de honestidade na politica do seu reinado. Os supervenientes ministerios do reinado novo idearam do modo mais inepto uma politica de *acalmação*, exercida pela suggestão do exemplo, e produzindo assim o absurdo phenomeno de uma sociedade em profunda e effervescente desordem, no meio da qual só firme e inabalavelmente persistiam *calmos* o rei e os seus ministros! O erro boçal de quererem ser da opinião de toda a gente deu naturalmente a esses homens o resultado logico de não haver ninguem da opinião delles. Assim, no seio da monarchia se creou, em opposição aos governos, um partido enorme, apathico, perigosissimo de inercia, — o partido dos descrentes.

O estrangeiro via claramente o perigo da situação portuguesa. Tres semanas antes da re-

volta da Avenida, pessoas e relações de amizade me fizeram tomar parte num jantar de diplomatas, realizado no Royal Hotel de Lausanne. Depois do café, fumando num recanto do *hall*, um estadista, bem conhecido e devidamente amado no Brazil, dizia-me, resumindo familiarmente a moralidade das opiniões trocadas ao jantar: — *Ou em Portugal se constitue promptamente uma forte dictadura intelligente, patriotica, integra e ousada, ou Portugal é um paiz irremissivel perdido no concerto da civilisação.*

Ainda que fundamente compenetrado da razão historica que torna incompativel com o presente estado da mentalidade portuguesa, o regimen de uma equilibrada republica democratica, uma vez dado o advento do actual governo provisorio, eu perguntei a mim mesmo se elle não poderia ser, como salutar e indispensavel dictadura, um transitorio encaminhamento para novos e prosperos destinos.

Ahi tinhamos, com effeito, uma especie nova de ministerio, que não provinha aleijado á nas-

cença da sordida indicação parlamentar bestialmente expressa a murros desconjuntadores da mobilia, da grammatica, da decencia e do senso commum. Não resultava constitucionalmente de nenhuma prévia argumentação de injurias, de aleives e de cartas roubadas. Nem junto do throno se engendrara de torpes e empestantes mexericos vertidos estrategicamente e em marcha de um de fundo pelos marchaes dos partidos no ouvido virginal de um credulo e innocente rei.

O novo governo constituiu-se muito mais decentemente, ainda que de assalto, pela intervenção esporadica de uma elite de intellectuaes, que entre si distribuiram o exercicio das funcções pela especialisação das capacidades. Nada mais satisfactoriamente irregular e mais picantemente aprazivel para expectativa de philosophos.

Ao interessante areopago presidiu, para maior satisfação minha, o meu antigo amigo e camarada de estudo Theophilo Braga, o qual ás altas regiões do poder levaria o prestigio do

seu talento, da sua grande obra litteraria e da sua inconcussa honradez, bem como — temerariamente anticipada talvez — a resolução de todos os problemas da governação indicados em dois ou tres verbetes das suas encyclopedicas notas. Com esse schema das reformas essenciaes não deixaria tambem S. Ex.<sup>a</sup> de se fazer acompanhar da preciosa collecção zoológica daquellas baratinhas que, com tão sinuosa e subtil arte, elle sabe opportunamente lançar, a uma por uma, na sôpa dos seus antagonistas.

Os resultados praticos dessa curiosa experiencia governativa surprehendem por muitos titulos. A mim especialmente me commovem e me desorientam, dada a esclarecida intellectualidade do governo, pelo character anti-scientifico que os assignala.

Toda a obra legislativa do regimen vigente é desastradamente contradictoria da doutrina positivista que o illustre chefe do governo teria forçosamente incutido nos governantes, a não ser que nos seus conselhos de ministros

elle não prefira cautelosamente guardar para si as idéas e não repartir pelos parceiros, de todo o seu peculio opulento e admiravel de erudição, senão, exclusiva e desacompanhadamente, as carochas que acima especifiquei.

O fim da politica scientifica, segundo os sociologos, é favorecer, coordenando-os, os esforços da progressão social. Tudo que não houver sido sancionado pela sciencia se deve pôr de parte. Não é possível accordo entre o governo e a opinião sobre pontos insufficientemente definidos pela maioria dos espiritos. A politica é uma obra exclusivamente pratica, que não pôde exercer-se sobre theorias ou sobre hypotheses. Sómente quando os pontos em litigio chegam a soluções universalmente adoptadas é que o dominio politico se alarga na proporção desses resultados. E' incompreensível que doutos revolucionarios, como os que estão no poder, ignorem, por exemplo, que o alto character scientifico da politica de Danton se manifesta na necessidade, que elle superiormente comprehendeu, de renunciar a

uma reconstrucção total da sociedade, mantendo-se deliberadamente em uma obra relativa, tendo por intuito permittir a espontanea elaboraçção e a vulgarisação dos elementos que por si mesmos gradualmente produzam a reconstituição que se tem em vista.

A' luz da mais simplificada e mais succinta exposiçção que se possa fazer dos mais rudimentares elementos da moderna philosophia politica, quem é que immediatamente não vê o erro, fundamentalmente grosseiro e funestissimo de promulgar arbitrariamente, sem especie alguma de respeito pelo consenso publico, leis que tão gravemente e tão profundamente implicam com o que ha de mais litigioso, de mais problematico e de mais incertamente definido na intelligencia, na consciencia, no coração e na alma de um povo, como são as leis da familia, da religião, da justiça, do trabalho e do pensamento, — lei do divorcio, lei do ensino, lei das gréves, lei do inquilinato e lei da imprensa?

Vai longe de mais esta minha primeira epis-

tola aos leitores da *Gazeta de Noticias* meus amigos nesse generoso Brasil, sagrado e bemdito palladio, a que felizmente pôde recorrer ainda das perturbações do seu ninho o foragido e alado pensamento de um escriptor da minha lingua.

Não terminarei, porém, sem uma breve nota de character puramente anecdotico e domestico.

Dois dias depois de aclamado o governo provisorio, achando-me ausente de Lisboa, na quinta de uma das minhas filhas, em Linda-a-Pastora, fui distinguido com uma busca policial na casa do meu domicilio, na capital. Sob o annuncio formal de que a minha casa seria arrombada, a pessôa depositaria da chave abriu obedientemente a casa, acompanhando na sua visita os oito cidadãos encarregados desta diligencia por expressa determinação de S. Ex. o Sr. Eusebio Leão, dignissimo governador civil. Eram oito cavalheiros vestidos á paisana e armados de revólver, sob o commando de um bravo e honesto sapateiro, meu conhecido da antiga rua larga de S. Roque, hoje do Mundo. Não sei se todos os outros eram igual-



mente artistas de sapataria. Sobre este particular Ss. Exs. não me quizeram dar a confiança de se pronunciar. O que posso e devo consignar é que todos me deixaram penhoradissimo pela affabilidade das suas maneiras e pela benigna lhaneza do seu trato. Vindo por ordem do Sr. governador com a missão especial de averiguar se nos meus aposentos havia jesuitas armados e escondidos, Ss. Exs. teceram tocantes elogios ao estylo da minha mobilia, á escolha das minhas obras d'arte e á perfeita ordem em que encontraram as minhas camisas, as minhas gravatas, as minhas luvas, os meus papeis e os meus livros. Mexendo conscienciosamente em tudo não destruíram nem desarrumaram nada.

De parte do Sr. governador, uma unica coisa me penalisa. É que S. Ex. não conheça sufficientemente o que em physiologia chamariamos a idiosyncrasia dos homens de bem. Se a conhecesse S. Ex. facilmente descobriria, sem necessidade de incommodar os seus meirinhos, que se alguém me tivesse feito a honra

de procurar refugio sob a protecção das minhas telhas e da minha honra, eu não teria ido villegiaturar no campo; ficaria na minha casa, para nella defender contra qualquer especie de violencia, comprehendendo a da força bruta, a inviolabilidade do meu lar e o meu direito de asylo.

Dizem-me que o Sr. governador é tambem medico. Se assim é, que S. Ex. não mais incorra no giro da sua clinica em erro de diagnostico igual áquelle em que cahiu na mallograda operação a que me submetteu! Taes são os meus sinceros votos de bom anno, a bem de S. Ex. e, ainda mais, a bem dos enfermos que tenham o infortunio de o consultar. «Saude e fraternidade». E para que o digno governador não vá entrever uma subentendida praga ao exercicio da sua actividade medica na formula regulamentar do cumprimento que affectuosamente lhe dirijo, especificarei ainda: «Saude» a S. Ex., «fraternidade» aos seus doentes.

E, ao leitor benigno, até breve.

Janeiro de 1911.

## Portugal antigo

---

Na precedente carta tentei, ainda que muito abreviativamente esboçar a physionomia do governo. Procurarei hoje, pela compilação d'alguns dos seus mais característicos gestos, delinear o aspecto dos governados.

O genio heroicamente aventureiro, confiado e audaz do povo portuguez, encheu de gloria o mundo durante perto de quatro seculos, desde a fundação da nacionalidade pela aclamação da dynastia affonsina até á perda da independencia pela derrota de Alcacer-Kibir e pela subsequente dominação castelhana.

Durante esse glorioso periodo combatemos, vencemos, navegámos, conquistámos, coloni-

sámos, civilisámos, aprendemos, ensinámos. Pela força do nosso braço e da nossa fé pela progressiva cultura do nosso espirito e pela poderosa cohesão da nossa disciplina hieratica fundámos no continente europeu e através dos mares uma das mais vastas, das mais fortes, das mais ricas e das mais civilisadas nações do mundo.

Estabelecemos no reino sobre solidas bases tradicionaes e ethnicas as nossas primeiras instituições administrativas: direito publico e direito consuetudinario, poder central, nobreza e milicia, foraes, inquirições, côrtes, corporações d'artes e officios, regimen do trabalho, regimen da propriedade, admissão do povo nas assembleias geraes do reino, fundação do ensino.

Ao interior da Africa, á America, á Asia, enviámos os nossos grandes portadores de sciencia e de civilisação mundial: Affonso d'Albuquerque, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Bartholomeu Dias, Magalhães, Pedro da Covilhã, Diogo Cão, S. Francisco Xavier, Men-

des Pinto, o padre Anchieta e o padre Manuel da Nobrega.

De volta das navegações offerecemos á Europa assombrada, sem fallar pomposamente da conquista de um novo mundo e do pleno conhecimento do globo, os mais lindos presentinhos que jámais a Europa recebeu da mão de um só povo. Demos-lhe os leques, os guarda-sóes, as laranjas dôces, a porcellana, as especiarias, a sêda da China e as tapeçarias da Persia, o almiscar d'Ormuz, as perolas de Manaar e de Kalckar, os rubis do Peru, o ebano e o marfim.

No exiguo torrão paterno se haviam no emtanto gerado e desenvolvido homens de uma grandeza lendaria como Egas Moniz, D. Fuas Roupinho, Gonçalo Mendes da Maia, Mendo de Souza, Gualdim Paes, Martim de Freitas. E todos estes nomes soam hoje em nosso apoucado ouvido como outras tantas badaladas de um dobre de finados, ao som do qual se levantam do Campo Santo da nossa historia, dôces, ternos, elegiacos e formidaveis fan-

tasmas, vaporizados na infinita e mysteriosa escuridão da morte.

A lingua, esse poderoso alicerce da nacionalidade, principia a constituir-se pelas archaicas tentativas dos clerigos jograes do seculo XII e desenvolve-se com o despontar da poesia lyrica portuguesa nas trovas dos cancioneiros do cyclo de D. Diniz. No cancionero da Ajuda figuram cincoenta e quatro poetas. D. Sancho I era já um trovador, assim como o foi o rei D. Diniz.

Mais tarde surge a deslumbrante pleiade dos maiores escriptores da nossa lingua, chronistas, naturalistas, contemplativos e poetas: Fernão Lopes, João de Barros, Damião de Goes, Garcia e André Rezende, Garcia da Orta, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Gil Vicente, Luiz de Camões.

As artes chegam então a uma perfeição de technica, de sentimento e de expressão moral que os tempos modernos não têm feito mais que procurar impotentemente attingir.

Foi na primitiva época do nosso estylo ro-

manico, quando não havia ainda nem palacios solarengos nem paços reaes, que em honra de Deus e para amovavel junccão dos homens, cavalleiros e peões, mesteiraes e lettrados, ricos homens e mendigos, a nossa terra se cobriu das mais grandiosas cathedraes e das mais interessantes e delicadas das nossas igrejias e ermidas.

Aviventada pelas penetrações da arte flamenega, borgonhesa, florentina e catalã, a nossa pintura nacional assume nos seculos xv e xvi um logar que nunca mais depois d'isso tornou a occupar no mundo.

*As Coplas do Infante D. Pedro* imprimem-se em Portugal, segundo a affirmativa incontestada do conde da Ericeira, seis annos apenas depois das primeiras impressões typographicas de Basilea. As nossas typographias de Lisboa e de Leiria, fundadas por judeus portuguezes, são das primeiras na Europa. Principiamos a imprimir antes da França, da Inglaterra e da Allemanha.

Como expressivo padrão de tolerancia reli-

giosa funda-se a famosa *junta de cosmographos*, em tempo de D. João II, com um bispo e dous judeus.

Os pilotos e cartographos portuguezes Jorge e Pedro Reynel assentam nos seus portulanos as bases technicas de toda a navegação do novo mundo.

Com o alvorecer da Renascença o espirito dos nossos humanistas entra na mais intima convivencia com o dos primeiros sabios da Europa.

O infante D. Pedro, o das Sete Partidas, enfileira-se em Florença com os representantes da mais alta cultura italiana, como Cosme e Lourenço de Medicis, Ambrogio Traversari, Nicolo Nicolli e Paolo Toscanelli. D. Pedro é pelas suas relações com os sabios estrangeiros o principal collaborador de seu irmão, o infante D. Henrique. O doge Francesco Foscarini offereceu-lhe em Veneza um cópia em vulgar das Viagens de Marco Polo. Na primeira bibliotheca real, estabelecida na casa chamada do Forte nos paços da Ribeira, figu-



ram as obras de D. Duarte e do infante D. Pedro. Este, consummado latinista, offerece ao irmão a sua versão portugueza de livro de Cicerone *De amicitia*. Traduz igualmente *De officiis* e *De re militari*, de Vegesio. D. Pedro é ainda, como se sabe, auctor de varias obras originaes e de poesias soltas. Ambrogio Traversari dedica-lhe a sua traducção de Giovani Crisostomo *De providencia Dei*.

Durante o seculo xv varios outros portugueses illustres habitam Florença. Paolo Toscanelli cita, por exemplo, os seguintes:

*Velasco di Portugal*, jurista, canonista, grande orador de cuja biographia, escripta por Vespasiano, consta que tinha milhões de florins empregados em livros magnificos, vestia-se de velludo e zibelina e montava os mais bellos cavallos de Florença.

*Gomezio de Lisbona*, abbade de Santa Maria de Florença, com a sua biographia escripta por Placido Pucinelli e Tommaso Salvetti. Foi geral dos Camaldolesi, collabora na reforma dos mosteiros, e é por Eugenio IV encarregado

de varias legações apostolicas. A obra de Salvetti é dedicada ao principe D. Pedro, então regente. Era riquissima e famosa em toda a Italia a collecção d'objectos d'arte sacra reunidos por esse nosso compatriota Gomes de Lisboa.

A esse tempo trabalha em Portugal por espaço de nove annos o architecto e escultor André Contucci (Sansovino), enviado a D. João II por Lourenço de Medicis.

Damião de Goes é o amigo e camarada intellectual de Erasmo, de Luthero e de Melanchton.

Jeronymo Ozorio viaja na Italia, estuda em Salamanca, em Bolonha e em Paris, onde convive com Fabre e com Santo Ignacio.

Pedro Margalho, formado em philosophia pela Universidade de Paris, é professor de direito canonico em Salamanca.

André de Gouvêa é reitor do Collegio da Guienne em Bordéos, onde tem por discipulo Montaigne.

Ayres Barbosa, um dos primeiros philologos

e dos primeiros hellenistas do seu tempo, depois de haver estudado em Salamanca, viaja largamente na Italia, ouvindo em Florença as lições de Angelo Policiano e tendo por discípulo aquelle dos Medicis que mais tarde se chamou Leão X.

Diogo de Gouvêa, principal do famoso Collegio de Sainte Barbe, tem ahi a alcunha de *Sinapivorus*, que lhe foi posta pelo seu discípulo Rabelais, parece que em consagração da incondicional tolerancia do seu alto espirito: *engolia mostarda*.

Setenta estudantes portuguezes, segundo o auctor da *Monarchia Portuguesa*, frequentam a Universidade de Paris subsidiados por D. João III, que igualmente mantem pensio-nistas na Italia.

Francisco de Santa Maria, no *Anno Historico*, cita os nomes de portuguezes lentes nas mais famosas universidades da Europa. Essa lista comprehende cento e quinze nomes.

Quasi todos, senão todos os soberanos da dynastia d'Aviz, são retratados pelos mais afa-

mados pintores da época, desde D. João I até D. Sebastião.

A collecção das obras d'arte trazidas a Portugal por Damião de Goes, que Alberto Durer retratou, formaria ella só um preciosissimo museu.

As relações de parentesco e d'amizade da rainha D. Leonor com o imperador Maximiliano enriquecem copiosamente o nosso thesouro artistico,

Francisco de Hollanda, portuguez de Lisboa, subsidiado por D. João III, vive em Roma na intimidade de Miguel Angelo e de Victoria Colonna.

O mesmo D. João III, que para reformar a a universidade reune em Coimbra os primeiros humanistas do tempo, os Teives, os Gouvêas, Braz de Barros, Jorge Buchanan, Nicoláo Klenarts e outros, manda cinzellar por Benvenuto Cellini uma das suas espadas, que ao presente se conserva no museu de Munich.

D. Manuel encomenda esculpturas ao famoso polaco Veit Stoss e manda fabricar as

sumptuosas tapeçarias da Historia da India, todo um compendio iconographico, perante o qual talvez se inspirou Camões ao delinear o canto X dos Lusíadas.

Por encommenda do mesmo rei desenha Leonardo de Vinci o cartão de um tapete que em Flandres se devia tecer a sêda e ouro.

A infanta D. Maria é retratada em Lisboa pelos pintores estrangeiros que em seu tempo frequentavam a côrte e trabalharam para varias familias nobres de Portugal, Antonio Moro, Sanchez Coelho e Christovam d'Utrecht, nomeado cavalleiro de Christo.

Sem embargo das frequentes epidemias originadas no completo desconhecimento da hygiene, apesar da falta de estradas, do desconforto das habitações, da immundicie das ruas e da diuturna rusticidade da alimentação publica, o requinte da nossa educação artistica e do nosso culto da arte transparece brilhantemente do testemunho de innumerous factos.

Assim Portugal é talvez de todos os paizes da Europa, exceptuada a Belgica, aquelle em

que mais obras dos primitivos pintores flamengos, ainda hoje se encontram nos preciosos depositos de Lisboa, Coimbra, Vizeu, Setubal, Tarouca. Um dos mais auctorizados criticos, o professor allemão Carlos Just, affirma que só a collecção d'Evora é o mais consideravel deposito que elle conhece da antiga pintura de Flandres.

E' inexcedivel o primor de muitos dos nossos livros d'horas, da nossa architectura religiosa, militar e civil do seculo XVI, da nossa esculptura decorativa, do nosso mobiliario, da nossa ourivesaria sacra e profana e da nossa indumentaria da mesma época.

Em 1515 o pintor Jorge Affonso dirige em Lisboa uma grande officina de pintura, onde trabalham Grão Vasco, talvez frei Carlos, e varios outros depois espalhados pelo paiz e procedentes de uma escola commum.

A vida de sociedade na côrte de D. Manuel e ainda na de D. João III, cujo embiocamento beato tem sido muito desmedidamente caricaturado por alguns historiographos, revela um

brilho de espirito e uma elevação de cultura com que está muito longe de hobrear a democratica educação mundana do nosso tempo. Perante o claustro pleno da Universidade, em Coimbra, fazendo o elogio do reformador dos estudos, André de Rezende diz poder apontar senhoras portuguezas que rivalisam em saber com os varões mais eruditos sem por isso se despirem da sua gentileza. A Sra. D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, no seu erudito livro *A infanta D. Maria de Portugal e as suas damas*, dá uma relação daquellas a quem Rezende se referia. Além das mais conhecidas, Joanna Vaz, Luiza e Angela Sigea, Paula Vicente e Hortensia de Castro, figuram na intimidade litteraria da infanta, fallam correctamente tres ou quatro linguas, o latim, o castelhano, o francez, cultivam a musica, a poesia ou a pintura, e convivem com os poetas palacianos do *Cancioneiro* e com os mais afamados humanistas do tempo, senhoras das primeiras linhagens do Nobiliario, Guzmanes, Coutinhos, Menezes, Noronhas, Portugaes.

Silvas, Silveiras e as sobrinhas da infanta, a princeza Maria de Portugal, a duqueza de Parma e a duqueza de Bragança.

Luiza Sigea corresponde-se em latim com o papa Paulo III. e na mesma lingua se trocam as cartas intimas da infanta com a rainha Maria Tudor.

No estrangeiro os vestigios da nossa antiga cultura e da fama que tinhamos assignalam-se ainda hoje em numerosos documentos.

A arvore genealogica dos nossos reis, illuminada por Simão Bening sobre debuxos de Antonio de Hollanda, é uma das mais finas joias do British Museum em Londres.

A cathechese e a civilisação dos indios por effeito dos descobrimentos dos portuguezes é celebrada por Miguel Angelo num dos episodios do Juizo Final, no fresco da capella Sixtina, como o demonstra a interpretação recentemente dada pelo eminente escriptor e archeologo Costa Lobo a uma conhecida phrase do nosso agente diplomatico em Roma, Balthazar de Faria, a proposito de uma questão



pendente entre Miguel Angelo e os agentes de D. João III.

A legenda portugueza da vida milagrosa do nosso conterraneo Santo Antonio é artisticamente consagrada em torno do tumulo do santo em Padua pelos baixo-relevos de Donatello.

Uma das mais bellas e mais commoventes estatuas do portico septentrional da Cathedral de Chartres é a da nossa princeza D. Thereza, filha de Affonso Henriques, a qual com o titulo de condessa de Flandres tomou o nome de Mathilde. Tal era o envolvente encanto desta nossa compatriota que os cavalleiros belgas, companheiros no Oriente de Balduino de Constantinopla, tinham por amor della adoptado esta expressiva formula diplomatica: *Ob reverentiam Dei ac Mathildis reginae*, — em reverencia a Deus e á rainha Mathilde.

Outra das nossas conterraneas cuja memoria se consagrou na sympathia da arte é a duqueza Isabel de Borgonha, a qual pelo seu casamento com Philippe o Bom, tão intimamente

estreitou as nossas relações affectuosas com a Flandres, merecendo de seu voluvel marido, quando para celebrar o seu consorcio se fundou a Ordem do Tosão de Ouro, o amoroso protesto contido na divisa conjugal que elle por essa occasião adoptou: *Autre n'auray*. A esta doce princeza coube a invejavel honra insigne de ser retratada por João Van Eyck e por Memling em quadros de cavallete, por Rogerio Van der Weiden num polyptico do hospital de Beaunne, e por Rogerio Stoip numa vidraça da collegiada de Sainte Pharailde. Em Amsterdam, na collecção do Hotel de Ville existe ainda uma estatua em bronze da princeza Isabel toucada com um chapéo de tira como o que usavam os cavalleiros do Tosão de Ouro e tendo no braço um carneiro.

Em Sienna é Pinturicchio, que, fixando a sua obra prima nos muros da livraria da Cathedral, commemorando a vida do pontifice Pio II, consagra um dos seus maravilhosos frescos a um episodio da historia dynastica de Portugal: Os esponsaes da princeza Leo-

nor, filha de D. Duarte com Frederico III, imperador da Allemanha. A admiravel composição representa a princeza em sumptuoso traje de cõrte, acompanhada da sua comitiva portugueza, no acto de ser apresentada a seu esposo por Enéas Sylvio Piccolomini, mais tarde papa.

Em Anvers e em Bruges honrosos documentos lembram ainda numerosos e illustres portuguezes que ahi residiram, uns como nossos feitores em Anvers, outros como representantes da sua familia e da sua patria junto da duqueza Isabel, em Bruges.

Sinto fugir-me o espaço para fixar alguns caracteristicos detalhes.

O luxo portuguez em Anvers assumiu por vezes o mais nobre e alto character. A enthu-siastica hospitalidade conferida a Alberto Durer pela colonia portugueza de Antuerpia ficou celebre pelas ruidosas e elegantes festas a que deu origem. Durer retribuiu esses favores com presentes de quadros e de gravuras aos feitores e aos negociantes portuguezes. Muitos dos nossos compatriotas cultivavam as sciencias e

as letras, contando-se entre elles professores, medicos e escriptores celebres como Amato Lusitano, Rodrigo de Castro, Garcia Lopes, Diogo Mendes.

Os negociantes portuguezes em Anvers eram proprietarios de cento e doze casas de commercio.

Em 1594, por occasião da entrada triumphal de Philippe II, como herdeiro de Carlos V, a cavalgada dos portuguezes ficou memoravel. Compunha-se de vinte senhores, acompanhados de dous criados cada um e todos montados em cavallos peninsulares, ricamente ajaezados. Os senhores vestiam de brocado e seda cõr de purpura, bordada de ouro e de rubis com collares, passamanes e botões de ouro. Todos os gorros eram guarnecidos de brilhantes. Os criados, igualmente a cavallo, equipados de couraça e espada, vestiam librés de seda verde e branca com as bainhas das espadas de seda branca. O que era, segundo o chronista Cornelio Grapheus, *chose moult riche et triomphante á voir*. Diogo Duarte,

filho de Gaspar Duarte, possuía uma das primeiras galerias de pintura da Flandres. Foi ha poucos annos ainda publicado na Hollanda um catalogo dessa galeria. Entre as obras de Breughel, de Durer, de Quintino Massys, de Maubeuge e doutros, figura nesse catalogo um Raphael que constava ter sido adquirido pelo infante D. Manuel de Portugal a troco de diamantes no valor de 2.200 florins.

\*

Tendo em vista dar-lhes um quadro da mentalidade e da civilisação de Portugal durante os primeiros seculos da sua historia, acabo de fazel-o de um modo excessivamente jornalistico talvez, isto é: a simples traços de noticiario. Desse rol d'acontecimentos creio eu que o leitor deduzirá mais intuitivamente que por meio de qualquer outro processo a noção do que fomos durante o periodo a que me refiro. Pelo cotêjo desse tempo com o tempo que se seguiu ao fim da dynastia

d'Aviz — época a que me refirirei na proxima carta — o leitor comprehenderá o que é a fatal decadencia de uma grande raça delida naquella *apagada e vil tristeza* em que Camões pre- viu o fim da sua patria.

Janeiro de 1911.

### III

## O sebastianismo nacional

---

A restauração de 1640 restituiu á nação portugueza a sua autonomia politica, mas não reconstituiu com egual facilidade as energias do seu organismo profundamente depauperado e deprimido pela saudosa sangria de Alcacer-Quibir e pela subsequente intoxicação moral de sessenta annos de servidão sob um dominio estrangeiro. O cerebro portuguez fôra gravemente abalado pelas mais dolorosas commoções: a angustia da incerteza sobre os successos da grande expedição de Marrocos, a fulminante noticia do desastre em que irremediavelmente se submergiam tantas vidas e tantas riquezas, a perda das possessões ultramarinas, a completa ruina da fazenda publica, o

aniquilamento de milhares de famílias, o lucto geral do reino, todas as cruciantes torturas da derrota, da vergonha e da miseria.

A esse temeroso abalo — dos maiores que podem fulminar um povo — correspondeu um acesso de delírio bem caracterizado pela aberração do sebastianismo.

Paralisadas na sua psychologia todas as faculdades e todas as virtudes que dão a um aggregado humano a posse collectiva de si mesmo e a consciencia de um fim que justifique — como em todos os organismos — a sua existencia, perdida a fé, perdida a coragem, perdida a alegria, o povo portuguez appela para o milagre, absorve-se no messianismo, subordina todos os seus actos e todos os seus pensamentos ao regresso do «rei desejado» ou do «rei encoberto».

Apareceram durante a primeira metade do seculo xvii quatro aventureiros como sendo cada um delles o prometido D. Sebastião e o povo acreditou na identidade de todos quatro.

No seculo xix, mais de trescentos annos de-



pois da tragica jornada d'Africa, havia ainda milhares de sebastianistas em Portugal e Brasil.

Segundo os antigos alienistas seria este um extranho caso de delirio parcial colectivo. Os psychiatras modernos regeitam esse diagnostico, considerando as vesanias e as monomanias não como fórmas autonomas e distinctas especies morbidas, mas sim como phases clinicas de um delirio chronico iniciado por um accesso de hypocondria geral.

Hoje mesmo — talvez pela razão de que Portugal restaurado não acabou por emquanto de se restaurar completamente — persistem residuos depressivos e taras ancestraes que, ao minimo abalo na elaboração cerebral dos motivos que determinem os seus actos, tornarão o povo portuguez tão genuinamente sebastianista como no tempo dos seus antigos agitadores e profetas, o Bandarrá e o sapateiro Simão Gomes.

É evidente que elle cessou para sempre de esperar que D. Sebastião regressse, como o cavalleiro do Cisne, portador do Santo Graal,

despregando-se de uma matutina e aerea nebulosa para baixar á terra e descer o Chiado, espectral e benigno, rutilante como um astro, na sua esmaltada armadura de guerra, sob o elmo de ouro polido, empenachado de branco.

Não é porém menos certo que, descrido, fastiento e desdenhoso, como de uma velha cautela branca, da alforria com que o brindaram os restauradores do 1.º de dezembro, tendo-se por insufficientemente remidos, na servil passividade da sua impotencia para melhorar por si mesmo as condições do seu destino, elle ainda hoje aspira a uma redempção nova, e acceita, segue a victoria, com uma credulidade inverosimilmente fanatica e servil, de todo o redemptor que lhe appareça palavroso e profetico, bandarrista e sapateiral.

Tal é no presente, segundo se me afigura, o seu caso morbido.

Tendo por influção do seu sangue amou-riscado a noção lazaronica de que todo o trabalho é uma condemnação, uma iniquidade, ou — em mais consagrada e corrente meta-

phora — uma tremenda espiga, elle não vê nem jámais viu com bons olhos que outros lhe passem pela porta passeando-se de carroagem emquanto elle, como eu, trabalha ao seu tear, ao seu torno ou na sua tripeça; e a sua augusta e longiqua visão de uma justiça social resume-se philosophicamente nisto: — que elle passeie de carroagem e que trabalhem os outros.

Para se aproximar quanto possivel da realisação desse ideal, a que por decencia o ensinaram a chamar o «ideal socialista», acreditou por algum tempo na coadjuvação da Providencia, e invocou-a piedosamente em ladainhas e novenas, em promessas e romagens. Não se deu bem com isso, e ficou contentissimo quando num recente comicio politico, em que lhe deram excellencia e lhe apertaram effusivamente a mão, um sujeito, que elle nunca vira mais gordo, sorridente e melifluo, com o meneio de dedos, mimoso e percuciente de quem estivesse picando com um bico de agulha invisiveis problemas adejantes no

ambiente, lhe explicou, de cima de um palanque, que a Divina Providencia não existia pela rasão muito simples e categorica de que a Republica tinha abolido Deus. E como o numero e conspicuo auditorio, em que havia, principalmente no palanque, muitas pessoas de alto lá com ellas, como antigos ministros, guarda-livros, conselheiros e doutores, cobrisse com freneticos aplausos aquelle orador desconhecido, espenifico e suado, o povo não querendo ser mais burro do que todos aquelles senhores, convenceu-se de que Deus cessara com effeito de existir, e tendo, ainda que vagamente, a ideia de que Deus era padre, passou d'ahi por diante a correr á pedrada ou a cascudos, como vil impostor, todo o individuo suspeito de ter corôa e de dizer missa: — Não existe, casca-se-lhe.

Assim como, libertado de reis, elle não quer mais ser escravo senão de charlatães, assim tambem, uma vez descarregado do sophisma divino e precisando de algum outro simbolo a que se apegar, encomenda-se devotadamente

ao acaso, ao desconhecido, ao inescrutavel, e filia-se na politica, bajula o cacique e compra cautelas de tres vintens.

Insanavelmente beato pelas fatalidades atavicas da sua raça, sente a necessidade espiritual de iniciar-se em algum misterio que substitua o dogma e pede então á maçonaria um novo pão eucharistico e um ceremonial liturgico parecido com o baptismo, com a primeira comunhão e com a chrisma. E a sua alma de candido neophito exulta com a posse dos variados sacramentos d'essa religião nova, a que elle será tão fiel como foi á antiga, seguindo-lhe os preceitos e os ritos com a mesma compenetrada unção com que outrora ia á missa, ao sermão e á desobriga.

Quando ninguem precisa da cooperação da sua força chamam-lhe Zé Povinho, figurando-o com uma albarda ás costas e é o lobo manso de quem todos mofam. Quando aos filosofos em desintelligencia convem açulal-o, chamam-lhe o Povo Soberano, omnipotente e absoluto.

Por sua parte elle acha-se no seio da civili-

sação que o explora como o touro em tarde de corrida no meio do redondel. É puro, bravo, boiante e claro. Está ahi para o que quizer d'elle o capinha, o bandarilheiro e o espada. Acenam-lhe com o trapo encarnado e elle arrancará sempre com lealdade e bravesa, entrando pelo seu terreno, acudindo ao engano e indo ao castigo de todas as vezes que o citem para atacar, para escornar, para estripar e afinal para morrer, o que tudo para elle é unicamente marrar.

Como o boi puro o povo não se desilude nunca, nunca se desengana da lide. Um dos seus lidadores, num desses comicios suburbanos a que o povo fielmente concorreu em quasi todos os domingos da propaganda revolucionaria durante os ultimos dois annos do regimen monarchico, poz-lhe mui habil e graphicamente deante dos olhos este argumento arithmetico demonstrativo da fome da nação originada do escandalo da lista civil no orçamento geral do Estado. O orador sommou, a parcella por parcella, o que recebiam o rei e

as demais pessoas da familia real; dividiu o total em réis, por 80, e demonstrou pelo quociente que cerca de quatrocentas mil familias receberiam de graça dois pães de pataco desde o dia immediato ao do advento da Republica, em que se distribuisse pelo povo o que devorava a realesa.

Outro rhetorico, em outro comicio explicou, por meio de processo egualmente mathematico, que o custeio de cada cavallo de luxo nas reaes cavallariças importava em tanto como o sustento de quatro familias.

Ora succede que, abolida a monarchia, e achando-nos nós no mez 5 do anno 1 da Republica, nenhum pão de pataco dos oitocentos mil que ingeria o rei, foi por emquanto distribuido ao povo, e que o mesmo povo, outra vez transferido de «povo soberano» a «Zé-Povinho», com indicio de estar mudado o governo da nação não logrou ainda o regosijo gratuito de ver passar em dia de gala, dos paços do governo para o paço da Ajuda, em vez do rei antigo, o presidente novo em côche real pu-

xado a quatro por desaseis relinchantes familias aristocraticamente engatadas á Grand-Daumont.

É certo que nunca as classes dirigentes se divertiram tanto em excursões de recreio, nem se banquetearam tão repetidamente, como hoje em dia. Na casa, porém, de cada cidadão, nem o imposto diminuiu nem o passadio embarateceu. Unicamente da nota official que tenho presente consta que durante os dois primeiros mezes da era republicana — outubro e novembro — a divida fluctuante augmentou, regular e consoladoramente, para o nosso credito em 1.163 contos.

Emquanto á promettida barateza a que seriam reduzidos os viveres, ao proportional augmento a que seriam elevados os salarios, ao desenvolvimento que teria o ensino e á perfeição que atingiria a disciplina da sociedade uma vez sacudido da cerviz do povo o inconfortavel jugo ominoso do regimen extincto, observa-se que nunca se comeu mais caro, nunca foi mais numerosa a legião dos opera-



rios sem trabalho, nunca se fizeram tantas gréves e tantas buscas domiciliarias, nunca tantas propriedades foram impunemente assaltadas e destruidas como agora as redacções e as typographias de cinco jornaes e de não sei já ao certo quantas associações de inoffensivo character extra-partidario e extra-politico; nunca foram tão frequentes os conflictos de hierarchia entre subordinados e superiores e as rebeliões do trabalho com o capital, dos operarios e dos caixeiros com os patrões e dos alumnos com os mestres. A Universidade está abandonada e acham-se expatriados varios cidadãos, alguns escriptores illustres, de indiscutida probidade e de relevante merito, condemnados ao ostracismo sem culpa formada e sem nenhuma forma de processo.

Ao contrario do que a respeito da improbidade congenita das democracias se tem escrito desde as mais remotas experiencias até os mais recentes estudos, desde Platão, Xenophonte e Aristophanes até Montesquieu, Renan e Faguet, disseram ao povo os seus tri-

bunos que todas as prevaricações, subornos, nepotismos e desleixos inherentes a todos os serviços publicos de regimen monarchico desapareceriam da terra desde que a Republica se estabelecesse em Portugal, como desapareceram, ainda que incompletamente, sob as successivas camadas geologicas de milhões de seculos as especies zoologicas e vegetaes das primeiras edades do globo.

E o povo, a principio talvez vacilante e duvidoso sobre o prognostico de um tão estu-pendo phenomeno cosmico, rendeu-se á evidencia da promettida transformação social desde que presenciou as decisivas medidas tomadas para sanear e moralisar tudo subitamente, refreando a natureza e sustando o curso dos phenomenos.

A Republica principiou energicamente por condemnar egrejas, conventos, hospitaes, asylos, collegios, bibliothecas, escolas e associações de beneficencia, como, por exemplo, a das *Cosinhas Economicas* que em dezasete annos dispendeu na sua obra mais de mil e

cem contos de réis; como a das *Damas de Caridade*, as quaes no ultimo anno da sua gerencia, de que tenho presente o relatorio (1906-1907) visitaram nos seus domicilios em Lisboa 4.327 doentes, pelos quaes foram distribuidos 16:408\$865 réis; como o da *Irmandade das Senhoras Viuvas*, presidida pela rainha a Senhora D. Maria Pia, distribuindo em esmolas nas suas visitas ás casas e ás enfermarias cerca de dois contos de réis por anno; como finalmente, para não me alongar mais, a das *Irmãsinhas dos Pobres*, as quaes, com o exclusivo producto de esmolas, edificaram um vasto palacio em que mantinham confortavelmente e carinhosamente, sem subsidio algum do thesouro, trezentos velhos invalidos.

Para compensar tão enormes desfalques no ensino e na assistencia publica, creou-se uma instituição nova, o *Museu Republicano*, estabelecido no extincto collegio do Quelhas. Nesta casa, primeira e por emquanto creio que unica fundação pedagogica do novo re-

gimen, existe, segundo detalhados documentos photographicos, publicados pela *Illustração Portuguesa*, a famosa sala apologetica do regicidio. Nella figura com os retratos dos regicidas e versetos dos *Lusiadas* dedicados ao culto dos heroes e inscriptos nas paredes, um trofeu central composto de um pedestal coberto de veludo, sobre o qual, ao lado de um busto da Republica, de uma corôa de flores e uma longa palma, a pâlma dos martyres, se vê o gabão e o chapéu do Buiça e a clavina com que foi assassinado no dia 1 de fevereiro de 1908, aos 19 annos de idade, num landau descoberto, em frente de seus paes, o innocente e immaculado principe D. Luiz Philippe de Bragança. Junto da clavina de Buiça vê-se tambem o revólver de que se serviu Costa para matar, á queima-roupa, com um tiro na nuca, o rei D. Carlos.

O museu inaugurou-se solemnemente com um almoço a que assistiram todos os membros do governo, com excepção do seu presidente e do ministro do interior. Houve pela

mesma occasião um banquete de creanças. Fizeram-se, segundo os jornaes, enthusiasticos brindes e o sr. ministro dos negocios estrangeiros falou com o mais terno e paternal carinho aos meninos que assistiram á festa.

O mesmo numero da *Illustração Portuguesa*, consagrado á inauguração do museu da Republica, dá-nos ainda em successivas photographias o aspecto de diversos tramites da fabricação de bombas explosivas. Informa o interessante magazine que em Lisboa se fabricam *por centenas* bombas de dinamite, mas que este trabalho não reveste character mercenário. Parece ser apenas um passatempo de delicados amadores.

Abstenho-me de toda a especie de commentario. O meu unico fim, reproduzindo a série de alguns phenomenos, narrados por toda a imprensa republicana de Lisboa, é simplesmente consignar qual a impressão por taes phenomenos produzida no espirito do povo.

Cabe-me dizer, concluindo, que essa impressão é excellente. O povo gosta, o povo

exulta, o povo rejubila. Ha trezentos annos á espera de um D. Sebastião qualquer, verdadeiro ou falso, legitimo ou espurio, antigo ou moderno, mais uma de tantas vezes elle se acha convencido de que emfim as profecias se cumpriram e que o *desejado* chegou.

Fevereiro de 1911.

## IV

### A comedia politica

---

Debalde a pavorosa hydra da reacção, por todo Portugal, e por boa parte do Brasil, segundo resam os papeis, arrebita quotidianamente os tentaculos e espirra conpirações, rabeando nas hervas sinistra, molanqueirona e estupenda. A policia, olheira e vigilante, segue em bicos de pés o sinuoso frago da bicha, e, já familiarisada com ella, toma-lhe o pulso, despiolha-a, assôa-a, amamenta-a e tral-a pela mão.

Está portanto salva a situação, — o que com jubilo me cabe participar, para sua quietação e remanso, aos meus leitores do Brasil em geral, e muito especialmente ao digno representante de Portugal no Rio de Janeiro, o qual,

apoderando-se magistralmente de todos os trincafios da tramoia, tão gloriosamente contribuiu para a feliz descoberta desse par de botas, o mais importante talvez de quantos lhe tenham passado pelas mãos durante todo o giro da sua missão diplomatica.

O governo provisorio da nação continua pois provisoriamente governando mais firme, mais intemerato e mais prasenteiro que nunca.

Os sete sabios do Terreiro do Paço, actuaes detentores dos sete chapéos altos, das sete pellicas e dos sete automoveis, symbolos e attributos adstrictos á investidura e á legitimação dos altos poderes publicos, aureolados agora pelo clarão propicio da mais perennal bonança, sorriem, e legislaturam com portentoso e nunca visto ardor.

Seus sorrisos de satisfação desenham-se candidos, borboteantes, suaves, heroicos, lyricos ou bucolicos, segundo as conveniencias do assumpto, em todos os actos da politica. Para o effeito de registrar e coordenar taes sorrisos, constituiu-se uma especie de secreta-



ria ambulante e chouteira, a que poderíamos chamar do *Contencioso exhibicionistico*. Esta supplementar repartição publica compõe-se de reporters, de photographos, de uma philarmónica que toque desembaraçadamente a *Portuguesa* e da menina Deolinda Alves.

A cada automovel governativo cabem um chauffeur e um photographo.

Desde que se apeie do automovel, até que torne a entrar nelle o governo, toma uma expressão agradável e natural e o photographo opéra.

A este sabio melhoramento de exhibição devemos a felicidade invejavel de poder contemplar o governo atravez de todos os episodios da sua vida publica e particular, porque nada do que lhe diga respeito pode ser indifferente á opinião do paiz.

Assim, uma vez definitivamente rasgado o antigo véo de hypocrisia que, sob o nefando regimen extincto, encobria os peculatos, os subornos, as depredações e as tranquiubernias do governo, a todos os contribuintes é hoje

dado contemplar a illibada e inconcussa pureza de cada um dos ministros, seja na praça publica, seja no interior de seu tugurio,— já em casa almoçando, fumando o seu cigarro, lendo o seu periodico ou metendo debaixo do braço o seu chapéo de chuva, já em sua repartição ou no gabinete de trabalho, empunhando a penna ou cogitativamente debruçado sobre montes de papeis, com a frente apoiada a um dedo, meditando a lei; já na rua, de pé em carruagem descoberta, saudando as turbas com o chapéo alto numa das mãos e a outra mão aberta, energicamente espalmada, estendida para diante, no espaço, como que apontando o futuro com uma naturalidade espantosa.

Na rua, entre as multidões entusiasticas, a expressão physionomica do governo é toda de fóra e ao léo, desfraldada, expansiva, illuminada e triumphadora. Só, no recesso do gabinete, vê-se que o envolve a amarga melancolia que no ermo acommette o sabio avezado ao applauso das gentes, ao considerar

que não tem ahi assim mais ninguem fogosa e unanimemente da opinião delle, pela razão cruel de se encontrar só.

Reproduzindo-se tão prolificamente, por meio da photographia e associando assim a humanidade inteira ás intimidades da sua existencia, é indubitavel que está o governo, dia a dia, conquistando um consideravel relevo de sympathias aos olhos do mundo e sobretudo aos seus proprios olhos. É este, sem questão alguma, um dos mais relevantes serviços prestados á causa democratica, ao resurgimento da nacionalidade pelo gabinete verde e encarnado do novo contencioso annexo ás instituições vigentes.

Alem das felizes innovações introduzidas nas artes decorativas e sumptuarias, devo acrescentar que ao gabinete a que me refiro cabe ainda a gloria de estar, por meio de la-vôr intenso da reportagem, enriquecendo copiosamente a cacologia nacional com preciosos neologismos, entre os quaes não quero perder o ensejo de registrar o vocabulo *home-*

*nagear*, verbo activo, tanto quanto possível regular, do qual é sempre sujeito o povo (ou quem suas vezes faça) e complemento objectivo o governo.

Nas cerimoniaes publicas a menina Deolinda Alves (doze a quatorze annos de idade) vae na frente, immediatamente depois da musica e ao compasso d'ella, ricamente fantasiada de Republica, em veludo, setim o ouro, gorro frigio de veludo em zimborio sobre os longos cabellos esparsos nos hombros, meias de sêda em borzeguins de setim verde, a bandeira da Republica na mão esquerda, e uma espada nua com a ponta virada para baixo, na mão direita.

Foi nesse mimoso e bem ideado trage de Jeanne d'Arc da Rotunda, que Deolinda compareceu em casa do ministro do Brasil em Lisboa, por occasião da manifestação de publico apreço de que recentemente foi objecto esse illustre diplomata. Dizem-me ter sido summamente tocante perante tal homenagem o embaraço do *homenageado*, entre respeitoso

e familiar, não sabendo, apesar de todo o seu tacto profissional, se deveria pôr Deolinda sobre uma mesa ou deixal-a no chão, fazer-lhe um discurso ou dar-lhe uma boneca, conversando-a como Republica ou como menina Deolinda, perguntando-lhe pelos negocios publicos ou pelos seus jogos de prendas.

Em outra não menos solemne manifestação, ultimamenté prestada á memoria de Candido Reis e Miguel Bombarda, não no cemiterio como fôra de recear mas, muito mais apropriadamente por certo, no Colyseu dos Recreios, depois de haver orado com o mais entusiastico e juvenil arreganho o illustre ancião Manuel d'Arriaga, Deolinda, segundo as gazetas, deu tres passos á frente e recitou alguns versos, dos quaes aqui recolho, como mais dramaticamente expressivos e com o maior acatamento e admiração, os seguintes:

Symbolisando aqui a Igualdade,  
Em trajo despido de europeis,  
Derramo uma lagrima de saudade  
Por Bombarda e Almirante Reis,

Nunca, em minha vida, á memoria de dous mortos vi prestar homenagem mais catita.

*Em traje despido de europeis* parece-me algum tanto confuso e desapropriado em menina tão rica e tão caprichosamente vestida. Seria talvez mais conforme á verdade dos factos que Deolinda Alves, por exemplo dissesse:

Symbolisando aqui a Igualdade,  
Ricamente vestida de Republica a troco de um dinheirão  
[que gastou meu papá no Grandella,  
Derramo uma lagrima, etc.  
Por Bombarda e Almirante Reis.

Poderá Deolinda objetar-me que o *verso* que proponho é um tanto comprido de mais talvez. Não o nego. Desde, porém, que Deolinda, antes de consagrar a lagrima, experimenta a necessidade de nos dizer como está vestida, acho que tratando-se de facto concreto e historico como esse, o dever de Deolinda, seria calcar aos pés todas as sophisticações metricas e contar as coisas como ellas são. Só depois de prestado esse devido tributo á vera-

cidade historica é que Deolinda teria jús a tirar o lenço do bolso ou a pedir uma urna e a derramar a lagrima.

Outro publico sorriso angelicamente consolador e ineffavei é o que deslisa nos labios de um membro do governo discursando ha dias no theatro do Conservatorio por occasião de um concerto offerecido pelo pianista Vianna da Motta á commissão organisadora do IV Congresso Internacional do Turismo, que brevemente se effectuará em Lisboa. Do *Diario de Noticias* recorto com mão respeitosa as textuaes palavras de S. Ex.<sup>a</sup>:

«Não se trata das vantagens de dar hospitalidade em Portugal aos membros do Congresso do Turismo, ou de formular o elogio do Turismo. Os portuguezes foram nos tempos modernos como todos sabemos, os maiores turistas. Portuguezes eram os que fizeram, pela primeira vez, *le tour du monde*.

«Deve porém chamar-se a attenção para o facto de que podemos agora, e só agora, receber com desafogo e dignamente, receber

com verdadeira hospitalidade nacional os estrangeiros que nos procuram e attrahir os viajantes a uma terra emfim livre. Até ha pouco era uma familia que recebia os hospedes: agora é a nação inteira.

«O paiz mesmo, nas suas condições phisicas, nas proprias encantadoras paysagens que os turistes tanto vêem admirar, apparece transformado, com o saber-se que um povo, que deixou de ser explorado por uma classe e uma casta, o habita agora, conscio de direitos novos; com o saber-se que capitaes, antes desviados para destinos inconfessaveis, irão daqui para diante, fecundar as terras, alentar os miseraveis, tornar mais viçosas as plantações, mais abundantes as colheitas, mais abastados, felizes e pittorescos os camponezes que os turistes vieram de longe admirar, sob um céu que parecerá, elle tambem, d'uma côr mais opulenta, á luz d'um sol que por muitas formas parecerá recamal-o agora do mais esplendido ouro.»

Tal é o poder suggestionador e evocativo



que se desprende do verbo prestigioso e pathetico do governo que, em minha pobre e arrefecida imaginação, eu mesmo completo em todos os seus episodios o quadro prodigioso de que tão magicas perspectivas se abrem a meus olhos.

Eu as estou vendo, as viçosas plantações encantadas, os doces e vaporosos grupos de louçãos camponezes, tão pittorescos e galãs entoando dithirambos e madrigaes ao governo da nação e tangendo seus instrumentos rusticos, adufes e avenas, para fazerem bailar suas pastoras, enquanto Annarda e o Melibeu, sob a faia umbrosa, vêem mañsamente pascer no prado os seus alvos cordeirinhos, frisados e perfumados como chichis, ao passo que elles ambos reciprocam castas finezas sponsalicias, elle toucando-a de boninas, ella atando-lhe meigamente ao cajado nodoso de zagal symbolicos e fallantes lacinhos verdes e vermelhos.

— Mas, meu Deus, onde estou eu? — como nos antigos dramas exclamavam as ingenuas ao acordarem dos seus deliquios.

Estou na minha velha patria? Acho-me em Terras de Bouro, nas Alturas de Barroso, em Celorico de Basto? Ou é nas Fabulas do Cavalheiro de Florian, que me encontro?

As paysagens de que o governo me falla são da Serra da Estrella, de Monchique, do Marão, ou são dos romances pastoris de Honorato d'Urfé?

É no meu torrão paterno que estas scenas decorrem ou é num leque de Watteau?

É um carrascal alemtejano, é uma enchida minhota, ou é uma *bergerie* de Boucher, tecida numa tapeçaria de Gobelins, o que meus olhos enxergam?

É á minha querida serra da Falperra ou ao meu bom pinhal da Azambuja que a eloquencia governativa me transporta, ou é aos bosques de Aricia onde Numa Pompilio ia ouvir a nympha Egeria?

Estou vivendo na idade de ouro d'Astreia, ou na era estanhada de Deolinda Alves?

É pela *Carte du Tendre* que me governam ou é pela legislação d'Affonso Costa?

São as Eclogas de Bernardes que mandam ou são os editaes de Euzebio?

Que o governo me esclareça e me guie, porque o meu criterio de governado vacilla.

Perante a falla do throno proferida no Conservatorio junto do madeiro sonoro de Motta e contendo o *menu* das delicias promettidas aos turistes que nos visitem, eu descubro atravez de um rutilante nevoeiro de ouro e de maná a transformação miraculosa de toda a natureza rural da minha terra instantaneamente operada, como na *Pera de Satanaz* no *Rabo da Caçarola* e nas *Tres cidras do Amor* pelo guarda-chuva magico do meu amigo o presidente Theophilo.

Nas bacias dos pantanos, em que outr'ora medravam mephiticamente terçãs e arrosaes, fumegam hoje como em outras tantas terrinas pharaonicas as saborosas canjas rodeadas de pencas de manjar branco e de travessas de arroz doce carimbado a canela pelos almotacés da Republica.

Á superficie dos trigaes afloram e ondulam

ao sabor da brisa os pãesinhos frescos e abiscoutados, ensandwichados de presunto ou de marmelada.

Da copa dos soutos cáem nos pratos das merendas as castanhas assadas com manteiga.

Nos montados alemnitejanos unicamente esperam que vão por elles os bacorinhos tostados ao espeto com o seu competente limão na bocca.

Das sebes dos marmeleiros e dos silvados minhotos pendem sobre o viandante as tijelinhãs de marmelada e as tortas de amoras.

É, se assim ousou exprimir-me, o *reinado* venturoso e indestructivel da paz, da abundancia, da riqueza, da cordealidade, e da alegria. Somos (ainda que mal pareça o elogio em boca propria) a realisação, unica no orbe, da perfectibilidade paradisiaca antes do desfalecimento d'Eva. Somos a objectivação pratica dos mais altos sonhos da humanidade. Somos em edição popular e barata impressa no *Diario do Governo*, e em folhetos soltos de cor del, a *Republica* de Platão, a *Utopia* de Morus,

a *Cidade do Sol* de Campanella, a *Oceana* de Harrington, a *Nova Atlantica* de Bacon, a *Salento* de Fenelon, a *Descoberta austral* de Ré-tif de La Bretonne.

Que os estrangeiros venham! Que tomem os seus bilhetes porque está a principiar a função!

Não esqueça trazerem canhenhos para tirar copia das instituições e das paisagens, e bilhetes de visita para agradecer. Se for possível tragam também talheres. Aquelles de que dispunhamos para tomar parte no brodio augusto e pantagruelico da civilização nova foram distribuidos todos pelos amigos, parentes e adherentes da casa. Acabaram hontem.

Março de 1911.

## Em transitio

---

Fazendo parte de um jury d'arte nomeado pelo Governo Federal Suisso e devendo em desempenho dessa missão achar-me em Berne no presente verão, delibero partir de Lisboa para Boulogne S. Mer no vapor hollandez *Frisia*, o qual, em regresso da America do Sul, faria escala por Lisboa no dia 5 d'este mez.

Achando-me com outros passageiros no cáes á hora para esse fim designada, 7 da tarde, só ás 10 horas da noute pudemos embarcar. Eis aqui, como viemos a saber, a razão dessa demora:

A policia precedera os viajantes a bordo do *Frisia*, e lá se achava funcionando zelosamente na investigação de um crime, enquanto

nós esperavamos submissa e agradecidamente que ella acabasse de escarafunchar e de desenhovilhar condignamente o bojo infestado do navio em que tinhamos de penetrar, e cujas luzes, ao longe, assumindo então a nossos olhos um clarão imprevisto, se espelhavam trepidantes nas aguas glaucas da bahia.

Tendo recebido o governo da Republica portuguesa a providencial denuncia telegraphica de que entre os passageiros do *Frisia* navegava com sua familia um perigoso malfeitor, accusado de não menos odioso crime, que o de ser no Brasil presidente de uma associação affrontosamente intitulada *Liga Monarchica*, deliberou desde logo o mesmo governo engastar mais um florão no diadema da joven democracia a cujos destinos elle se conferiu a honra de presidir, e assim determinou apoderar-se da féra e de sua esposa, aliás sob a protecção do pavilhão hollandez, engaiolando em uma das jaulas de sua ménagerie esse interessante casal de monstros para honesto recreio do publico e escarmento de malvados.

A policia, em desempenho de tão honroso encargo a bordo do *Frisia*, começou methodicamente por consultar a lista dos passageiros e encontrando nesse ról o nome alarmante do viajante Adolpho Freire, immediatamente lhe deu voz de preso.

É certo que tal nome não era inteiramente o que a denuncia do Rio de Janeiro attribuia ao perverso presidente da *Liga Monarchica*. Succedia egualmente que Adolpho Freire nunca presidira a nenhuma especie de liga, e que, assaz desligadamente de interesses ou de curiosidades politicas, elle nem sequer desembarcava em Lisboa, e seguia por Boulogne o seu caminho de Italia, onde ia ver as exposições de Turim, de Florença e de Roma. Neste sentido teve Adolpho Freire a santa paciencia de fazer á policia todas as declarações que ella pediu.

Que valor póde porem ter em causa propria o depoimento carinhoso de um réu que uma denuncia telegraphica do Brasil tão seguramente punha como refen de uma temerosa



conflagração nas mãos reivindicadoras da alta justiça portuguesa? Um facinora de tal magnitude seria naturalmente capaz de todas as trapanças e embustes. Com figados para presidente de uma liga monarchica no Brasil elle teria artes rocambolicas para tudo mais, para mudar de nome, de profissão, de idade, de rumo e até de sexo. Quem sabe — pensaria atiladamente a policia — se com efeito é elle, ou sua consorte, ou um e outro rotativamente, quem preside á nefanda e abominavel liga? Quem sabe se verdadeiramente é elle ou ella quem vem deitar abaixo a nossa republica, regendo a banda de trombetas destinada a passear em torno dos muros da nova Jerichó, ou, qual outro Lucio Junio Bruto (ultramarino) abatendo os Tarquinius e investindo directa e sacrilegamente com a pessoa augusta de Cesar Theophilo para lhe arrancar das unhas ungidadas pelas vestaes da Rotunda, o guarda-chuva lithurgico, symbolo supremo da magestade do mando na *mise-en-scene* das instituições vigentes?

Como quer que seja, com relação ao caso ambiguo de Adolpho Freire e de sua esposa, eil-os ambos, á cautela, catrafilados e presos. *São ordes!*

Em seguida a tão discreta determinação passa a policia a revistar miudamente todas as bagagens da familia Freire, os volumes miudos da cabine assim como as malas grandes do porão.

Averiguado ao cabo de dilatadas e minuciosas pesquisas que, nem nas malas, nem nos saccos de noute, nem nas chapeleiras, estojos e bolsas dos delinquentes, se encontravam papeis subversivos, armas brancas ou de tiro, materias explosivas, mocas, venenos, receitas, cordas, gazuas, brocas, desaparafusadores, ou qualquer outro instrumento ou utensilio que se possa considerar de guerra, de rebelião ou de assalto, a policia dá por finda a sua investigação a bordo, e remove para a presença da competente auctoridade em Lisboa, sob prisão, os dois criminosos acompanhados de todas as peças do seu corpo de delicto — malas, maletas, chapeleiras, troixas e embrulhos.

Grande commoção entretanto no convés do *Frisia*. Os passageiros assistem confrangidos e atonitos á scena de publica desautoração infligida ao cidadão Freire como a um soldado deshonorado, a quem se arrancam os vivos e os botões da farda em frente do seu regimento em fórma. Um leve sopro de drama parece perpassar rapidamente atravez do cordame da embarcação, das conversações do tombadilho, dos liquidos do *bar* e dos cinzeiros do *fumoir*.

O matrimonio Freire despede-se emfim dos seus companheiros de viagem, e, envolvido pelos aguazis da Republica, desce as escadas do portaló para abicar a Lisboa.

Foi depois deste episodio de ordem publica que eu e os meus companheiros do Cães do Sodré conseguimos finalmente licença superior de penetrar no *Frisia*. Não se falava a bordo senão da occurrencia que acabava de se dar. Estremecia-se de horror perante a monstruosidade dos Freires, que todos nós a tal hora entreviamos em Lisboa, pallidos e algemados, na carreta dos condemnados, a caminho do

suplicio ; e mostrava-se já como lugubre curiosidade historica o camarote esvasiado e tetrico em que por dias haviam habitado os facinoras.

Era porem cerca de meia noute. Um resto de gréve dos catraeiros do Tejo tinha demorado consideravelmente o carregamento do carvão de que o *Frisia* ordinariamente se provia em Lisboa. O commandante, vendo compromettido o seu horario regulamentar, resolvia ir concluir em Vigo a sua provisão de combustivel e dispunha-se a levantar ferro, quando, inesperadamente, o rebocador da policia outra vez se aproxima veloz e arquejante, atraca por bombordo e despeja precipitadamente no nosso convez os conjuges Freires, sãos e salvos, com tudo que lhes respeita, vidas, bagagens e miudezas.

A Republica perdoára-lhes.

Apezar de Freires... ainda que não de Christo ditosamente para elles, apesar de presos, de inquiridos, de revistados, de conduzidos sob custodia de Herodes para Pilatos e de Pilatos para Herodes, apezar de réus convictos e con-

fessos de um pavoroso crime, que pouco lhes faltou para cometter, o governo provisorio da Republica, generoso e magnanimo, perdoaralhes tudo, absolutamente tudo, tudo o que elles não fizeram e tudo o que a policia lhes fez, e eil-os ahi ambos em nossos braços, jubilosamente restituidos á liberdade, á familia, ao convivio social, á patria, á humanidade e ao *Frisia*, — elle, Adolpho Freire, terno, agradecido, prazenteiro, optimo com o chapéu um tanto atarantado na cabeça, uma bengala e um guarda-chuva debaixo do braço, uma maleta e uma manta em rolo na mão; sua esposa egualmente muito bem, de *troteur* e chapéu *cloche*, longo véu azul fluctuante á brisa da noute, e apenas com um *en-cas* e um estojo de marroquim como carroto. Ambos amnistiados, ambos libertos da palha humida do carcere e da garra adunca do algoz.

Que mais pedis, bicos de ouro? Que mais exigis da Providencia, almas insaciaveis de goso?

Ahi estaes ambos sãos, escorreitos e ferros,

generosamente reinvestidos na posse do vosso risonho destino, no caminho marítimo da existencia. Tendes saude, tendes dinheiro, tendes a picante e amena curiosidade dos pittorescos aspectos da vida errante. Passou-vos, a methodicos sorvos de champagne e de sumo de laranjas, o primeiro enjôo da travessia marítima, e achaeis-vos na plena posse do estreito mas suave conforto da vossa cabine de luxo, de cuja ampla vigia aberta se descobre da cama fofa a doce immensidade azul do largo mar, que maternalmente vos embala, como a meninos no berço, os bons somnos de bordo.

Tendes as variadas distrações do tombadillo num paquete moderno: o tennis, o bridge, a valsa, a musica, o *flirt*, ou o repouso da leitura ou da contemplação numa flacida *rocking-chair* com uma zibelina aos pés e uma taça de tilia ou de camomilla ao lado.

Entreabrem-se aos vossos olhos as perspectivas cariciantes de uma villegiatura na Italia, atravez de museus e de paisagens, com um ramo de mimosas ao peito e um livro de

Ruskin debaixo do braço, sob a macia frescura das excursões matinaes no esparso perfume das rosas e dos lirios de Florença, em Sorrento ou em Ischia, em Fiesole ou em Verona, sobre os cochins de uma gondola por baixo da Ponte dos suspiros nos canaes de Veneza, ou em Roma entre os loureiras do Palatino, nas sagradas ruinas do Forum, ou no alto do Pincio vendo morrer o sol poente por traz da esbraseada cupola do Vaticano.

E por toda a parte, em Paris, nas praias, na montanha, nos virentes prados do *plateau* suiso ou dos pincaros nevados da alta Engadine, nos concertos, nas conferencias, nas exposições d'arte, nos theatros, nos *tea-rooms*, no *hall* ou no jardim dos grandes *Palaces*, nas tribunas de *Longchamps*, nos campos do *golf* ou do *polo*, ás mesas floridas do *Pré Catelain* nos jantares do Ritz ou nas ceias espumantes do *Café de Paris*, sob as arcadas freneticas dos violinistas zingaros, fardados de vermelho e agaloados de ouro, ireis ver a ele-

gancia parisiense de todo o triumphante A B C da America latina (Argentina, Brasil e Chile) perpassando permanente a vossos olhos, em formas esguias de Tanagras, as saias *entra-vées*, das antigas filhas de Sião e das musas do Directorio e do Imperio, descobrindo os mais finos artelhos do mundo cingidos de polainas de lona branca lisa e hermeticamente afiveladas a sapatos de verniz preto com esbeltos tacões altos.

E nesse devoto desfilar de ladainhas mundanaes a *Notre Dame du Sleepingcar*, quanta imaginação de genio! quanta fantasia d'arte e quanto talento esthetico nos *tea-gowns*, nas *toques*, nos chapéus, nas *robes charmeuses*, nos vestidos e nas capas de baile, nos collarinhos de Veneza transparentados de musselinas, nos ornatos de aljofares e de contas de prata e de aluminio, nas harmonias de rubi e topasio, de verde pavão e azul marinho, nas symphonias de pelles e rendas, e nos maravilhosos tecidos e bordados de uma polychromia preciosa e nova, de estylo bysantino,



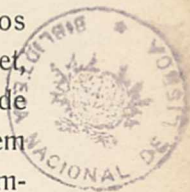
de estylo grego, de estylo egypcio, em que, fabulosamente, entre vegetações e penachos persas, bicos recurvos de ibis se conjugam com petalas de lotus!

De tudo quanto ha de novo e de lindo a ver por essa Europa dentro, uma só cousa talvez, amigos Freires, vos não estivesse promettida e assegurada. Faltava-vos no vosso programma de viagem a commoção dramatica da aventura, da perseguição, da flagelação e do assalto, regalo de espirito e acepipe dos nervos, extincto desde que desapareceram os salteadores da Calabria, da Sierra Morena e do nosso saudoso Pinhal da Azambuja.

A morbida idiosincrasia do nosso tempo reclama o pungimento dessa commoção antiga entre os prazeres hodiernos. Na arte contemporanea, na pintura, na esculptura, na litteratura e na musica principia a manifestar-se a aspiração que tem o artista a realisar esse anormal desejo do publico. O publico, com effeito, o publico elegante particularmente, o publico supercivilisado, requintado e fastiento,

requer que, de quando em quando, a arte lhe aplique um energico e tonificante pontapé áquella parte do fisico em que o dorso muda de nome para peor, constituindo o hemispherio oposto ao ventre.

É para saborear o goso vertebral desse golpe que a gente pára em frente de varias telas e varios marmores do *Salon d'automne*. É para o mesmo effeito que se vae ás exposições dos artistas independentes, desvairados discipulos *in absentia* de Courbet, de Manet, de Monet, de Degas, de Carrière, do proprio Puvis de Chavannes e de Rodin, os quaes entendem que uma nova e independente visão ou simplificação da natureza se ha de admirar nelles atravez da mais cerrada e obtusa incompreensão da sua arte e da sua technica. É em cata desse extranho e novo prazer de espirito que ainda hontem, sexta feira, noite de gala, eu fui a *Luna Parc*, por cinco francos de entrada, refocilar-me nas diversas attracções supplementares com que aquelle famoso estabelecimento se propõe perante *tickets* de sobre-



taxa arrasar os nervos, desconjuntar os ossos e contundir os musculos de quem tiver esse appetite.

Propondo-me intermear o divertimento physico com o immoral, parei em frente de um reposteiro por cima do qual se lia *Le deshabil-ler d'une parisienne*. Ao lado o preço de entrada, relativamente modico — dez *sous*. He-sitei. Um dos meus companheiros perguntou indeciso ao funcionario agaloado encarregado de nos dar acesso:

— Est-ce vraiment raide, est-ce indécent, est-ce cochon?

O funcionario pareceu ter um affirmativo aceno de cabeça. Entrámos. Não prestou. Era quasi pudico. No final uma das senhoras sós, que faziam parte do publico perguntou ener-gica e reprehensivamente ao mesmo respei-toso funcionario, que haviamos encontrado á porta:

— Est-ce tout, Monsieur?!

E como aquelle varão prudente nem sequer ousasse repetir o mesmo gesto elucidativo

com que nos obsequiara á entrada, a dama escandalisada teve apenas como comentario á insulsa pudicicia da exhibição uma unica mas expressiva palavra, que tão justificadamente se poderia aplicar ao espectáculo como aos espectadores. Por vergonha minha a não reproduzo.

Ao sahir do *désabillé* da parisiense examinei se no programma das attracções contundentes, que são muitas, não haveria propriamente a *sova*. Não se imagina o apetite que nesse momento me sobreveiu de que, por mais um suplemento de 2 ou 3 francos, a imaginosa empreza do *Luna-Parc* me quebrasse uma bengala nas costas.

No index dos deleites dessa noute não estava ainda consignada a flagellação pela tunda. É natural que no elenco aperfeiçoado da *Magic-City* se ache a estas horas prehenchida essa lamentavel lacuna.

Refiro-me a este caso pessoal porque elle define e caracteriza bem a crise por que está passando a arte.

A seguir ao romantismo vieram primeiro os realistas, vieram depois os *naturalistas*, apareceram ha meia duzia d'annos os *deformistas*, e surgem victoriosamente agóra os *contorsionistas*.

Ora o governo provisorio da Republica portuguesa nos seus assiduos e engenhosos processos de acelerar a civilisação, de estabelecer a paz e de captar a *sympathia* e *affecto* dos nacionaes e dos estrangeiros, dos contemporaneos e dos posteros, é estheticamente do genero *contorsionista*. E acho que lhe está muito bem isso. Ou bem que se é moderno e á franceza, ou bem que não.

Os amigos Freires, aproximando-se inadvertidamente de nós e penetrando descuidados na zona planetaria da governação portuguesa, foram simples e naturalmente attingidos pelo nosso contorcionismo de estado.

Uns acharão que é muito. Outros pórem acharão talvez que é pouco. E não faltará porventura na historia uma voz que, quebrando os calmos silencios da thebaida governativa

---

do presidente Theophilo, como a dama de  
*Luna-Parc*, tremendamente, lhe pergunte:

— Est-ce tout, Monsieur?!

Maio de 1911.

## VI

### Breve recapitulação

---

Um dos publicistas da Republica Portugueza formulava, mui judiciosamente, poucos dias depois da victoria da Avenida, esta proposição inicial: — «A Republica vae constituir-se em Portugal segundo o typo francez ou segundo o typo suizo? Da resposta que houver de ter esta pergunta depende o futuro da patria e o destino das instituições novas».

Effectivamente, a questão primordial a discutir e a resolver não pode em verdade, ser senão essa, uma vez dado o advento de uma republica de fins puramente negativos, a qual não sabe bem o que quer, ou antes verdadeiramente não quer nada senão aniquillar a coisa

existente para a substituir por outra coisa imprecisa e vaga — a coisa que não existe.

O problema mudaria inteiramente de aspecto se os republicanos portugueses tivessem tratado de organizar uma democracia antes de proclamarem uma republica, para sobre essa republica edificarem depois uma democracia. A democracia é a columna de que, nem sempre, mas algumas vezes, a republica é o capitel. Os republicanos, por um lamentavel erro de construcção, fizeram uma republica com os capiteis para baixo, e tratam agora de lhe pôr as bases em cima.

Para que se não diga que uma republica assim construida é obra de curiosos e basta, para que os menos polidos não cheguem mesmo, por ventura, a alvitrar que é obra de curiosos e bestas, eu sei, de antemão, o que vão retorquir-me os republicanos. É o seu conhecido truque perante todos os erros em que se compromettem. Não foram elles que fizeram a revolução. Foi o povo. A revolução não foi a obra de uma determinação politica nem de uma



premeditação philosophica. Foi a tremenda e inevitavel explosão do rancor popular perante a esmagadora oppressão e a suffocante tyrannia monarchica.

Essas bombasticas palavras, em que a rhetorica jacobina se exercita matando mosquitos a tiros de peça, é possivel que ainda inflamem as imaginações e penetrem os espiritos ouvidas em berros nas ruas de Lisboa, ao som da Portuguesa e ao clamor dos vivos, entre marchas e contra-marchas de batalhões voluntarios e de operarios em gréve ou sem trabalho, na vozearia estonteadora de logistas fallidos, de caixeiros desempregados, de amanuenses demittidos, de especuladores vorazes e de pretendentes famelicos. Como, porém, tocam a rachado e a ôco todos esses palavrões quando ouvidos a distancia devidamente perspectiva dos acontecimentos a que correspondem! Como o quadro desincha e se reduz ás suas verdadeiras proporções, olhado, por exemplo, daqui assim do ponto em que presentemente me acho, fugindo ao calor do meu

quarto e sentado num fauteuil de ferro, de baixo de uma arvore, entre familiares pardaes, com um *block-notes* no joelho e uma caneta nos dedos, ao pé da estatua de Camille Desmoulins, na matutina e pacata frescura burgueza dos velhos jardins do Palais-Royal, em Paris, neste culto e espirituoso Paris, onde tendo-se já succedido uma á outra trez republicas, ainda nenhuma dellas teve, como a de Lisboa, o reles mau gosto de eliminar, como um perigo para as instituições democraticas, o nome *real* dos palacios, dos jardins, dos theatros e das ruas de tradição regia. Em Lisboa, desapareceram como subversivos em denominação de edificios, de praças e de ruas os ominosos vocabulos Rei, Rainha, Principe Real, D. Amelia, etc. Em Paris, além dos nomes do jardim e do theatro do Palais-Royal, conservam-se os nomes reaccionarios de Cours-la-Reine, Reine Blanche, Reine de Hongrie, Roi François, Roi d'Alger, Roi de Sicile, rue Royale, rue Princesse, Passage des Princes, etc.

Debalde, em Vizeu, depois da proclamação

da Republica, um illustre estalajadeiro, nosso benemerito compatriota, trocou o seu nome de Reis pelo mais apropriado appellido de Liberato decorando, ao mesmo tempo, a sua hospedaria com o titulo de *Hotel Democratico*. A Europa, que tão depressa adoptou para seu uzo os caminhos abertos através do oceano por Vasco da Gama, por Bartholomeu Dias e por Magalhães, não fez caso nenhum do caminho novo rasgado por Liberato na historia revolucionaria das taboletas no continente europeu. São, ao contrario, por dezenas os novos hoteis chamados *hoteis reaes* nas republicas da França e da Suissa. *Hotel Democratico* é que não me consta haver mais nenhum fóra dos dominios de Liberato em Vizeu.

A democracia, que falhou na Grecia e em Roma e que de novo se está experimentando agora com duvidoso exito, não dá, por emquanto, sufficientes garantias como formula de agasalho domestico e de gosto culinario. A sua cozinha, afinada pelas mais avançadas receitas dos seus jacobinos, syndicalistas e

*saboteurs*, é suspeita de conservas dynamiticas, de molhos incendiarios e de zurrapas explosivas. É certo que a democracia é de muito comer. Por isso Gambetta prevenia a França de que a republica lhe não sahiria barata. Come já muito, mas por emquanto ainda come mal. Enche de mais a bocca, põe os braços em cima da toalha, á cotoveladas no vasio das pessoas que lhe ficam á ilharga, quebra palitos, faz bolas com o miolo do pão, limpa os dentes com a lingua, e, quando se faz representar pelos seus *leaders* mais retintamente radicaes, não desdobra o guardanapo, come com faca as hervilhas e com o garfo da carne assada penteia o bigode ao pedir a sobremesa. Veste-se geralmente mal e peor ainda se vestirá em Lisboa agora que se lhe foi embora para o Brasil o Amieiro.

Para a governação está muito bem, — não serei eu que o conteste. Para a sociabilidade, a democracia — creiam-n'ó os hoteleiros da Propaganda de Portugal — é, por emquanto, de uma companhia indesejavel.

Ponto, porém, nas considerações digressivas (que vagabundo que estou hoje!) e *revertamos*, como nas antigas novellas se dizia, á nossa Rotunda da Avenida e ao pretendido character popular da sua famosa revolução.

A simples e pura verdade é que a parte que teve n'esse movimento a sincera e espontanea indignação do povo é inteiramente nulla. Na superfetação do seu furor bellicoso, o povo não tinha realmente nada que punir, nada de que se enraivecer, nada de que se vingar. Pretender equiparar o espirito revolucionario da Rotunda com o espirito revolucionario da Revolução Franceza é incorrer perante a sociologia e perante a historia em tão imbecil equivoço como seria em zoologia o de confundir uma lombriga com uma cobra cascavel.

No dia 5 de outubro, em Portugal, não havia despotismo, não havia oppressão e não havia fome. Os principios proclamados á custa de tanto sangue pela Revolução Franceza ha mais de um seculo, ninguem precisava de os tornar a proclamar na Avenida agora, precisamente

no periodo historico em que quasi todos esses principios se acham refutados pela critica experimental e scientifica do nosso tempo. Os famosos principios da Revolução Franceza, *leit-motif* de toda a cantata revolucionaria de outubro ultimo, são, precisamente, os que vigoram em toda a politica portugueza, desde o advento da revolução liberal de 34 até nossos dias. A que vem agora, estafado e fóra de moda, esse ronco de *Liberdade, Fraternidade e Igualdade*, espectorado a todo proposito pelos nossos modernos revolucionarios de tão retardataria mentalidade, tão infantilmente senis? Pois que tem sido todo o regimen liberal do caduco constitucionalismo portuguez, de que tem elle vivido e de que é que elle morre senão de uma assombrosa borracheira de liberdade, de uma indecente tympanite de igualdade e de uma tossiquenta e cuspinhosa deliquescencia de lyrica fraternidade?!

Não temos agora nem os protestos dos philosophos nem as revindicações dos economistas do fim do seculo XVIII.

Os philosophos actuaes têm ditosamente como seu representante no parlamento o meu erudito amigo Theophilo. Este sabio acha-se de tal modo em desaccordo com o regimen da politica revolucionaria portugueza que, em sessão da Assembléa Constituinte, de 24 deste mez de julho, sessão de que tenho presente o extracto officioso do *Diario de Noticias*, elle affirmou peremptoriamente que o projecto da nova Constituição republicana *atabalhoadamente* redigido era *imbecil e estúpido*. Mais disse que a Republica, tal como a actual Constituição a define, *é uma republica de fabrica coberta*. Lamentou ainda que uma questão tão grave como a discussão do codigo fundamental da Republica se vote *sem que muitos deputados saibam o que votam*, observando que nesta assembléa se *ouviriam cousas curiosas se cada um fosse obrigado a explicar o seu voto*. Terminou, emfim, mandando para a mesa uma serie de emendas ao projecto da Constituição. A assembléa rejeitou-as todas.

Este leve incidente parlamentar parece-me

demonstrar com o mais indiscutível rigor de hermeneutica que não ha relação alguma de causa e effeito entre a propaganda philosophica da escola de que Theophilo é o representante e a indole do governo de que o mesmo Theophilo é o chefe. Isto pelo que diz respeito á intervenção dos philosophos na obra da revolução.

Emquanto ás revindicações dos economistas li com porfiada attenção e grande aproveitamento do meu espirito os trez excellentes livros que recentemente publicaram, como theses de concurso á cadeira de economia politica da Escola Polytechnica de Lisboa, os srs. Affonso Costa, Lino Neto e Antonio Osorio. Em nenhuma destas trez obras, de relativa desigualdade de valor mas de absoluta e consideravel auctoridade scientifica, pude perceber a mais leve indicação de que a metaphysica differença entre a fórma monarchica e a fórma republicana de um governo representativo, possa de algum modo influir para que, mais ou menos lentamente e evolutivamente,



se reduzam ás exigencias da realização os mais altos ideaes ou os mais chimericos sonhos do progresso moral e do progresso economico de um povo.

Fóra de Portugal, nem um só pensador opinou que a revolução pudesse, em alguma maneira, contribuir para melhorar a precaria situação da politica portuguesa.

Um dos mais illustres membros da benemerita *Société Internationale de Science Sociale*, o Sr. Poincard, no seu erudito livro *Le Portugal inconnu*, apparecido pouco depois da revolta de 5 de outubro, exprime-se nos seguintes termos:

«Se se quer pôr a charrua deante dos bois e reconstituir a situação politica antes de reconstituída a vida particular e as instituições locaes, se se quer lutar contra os abusos e as baixesas da politica por meio da mesma politica, a fallencia é inevitavel. Nunca, em tal terreno, os homens probos e justos, naturalmente ciosos da sua reputação, prevalecerão contra os intrigantes e os ambiciosos que fa-

zem da política uma profissão. Os primeiros serão constantemente derrotados pelos segundos, e todas as tentativas futuras encastrarão como encastraram as experiencias do passado.»

Proseguindo no desenvolvimento da sua profunda e rigorosa argumentação, o Sr. Poincard conclue assim:

«Em todo o paiz centralizado basta, por meio de um audacioso movimento, deitar a mão ás administrações centraes para subjugar o paiz inteiro, qualquer que seja nelle a maioria da opinião. Não é só em Portugal que se tem visto isso. Não basta, porém, mudar um rotulo politico, nem remodelar uma constituição, para renovar um povo. Socialmente, Portugal continua hoje a ser o que era antes de 5 de outubro, e não tardarão as mesmas causas a produzir os mesmos effeitos. Os quadros politicos mudarão de taboleta mas não de pessoal, o qual passará em massa e instantaneamente para o lado do mais forte. Conserver-se-hão os mesmos appetites e os mesmos processos, e o resultado será o mesmo. Com

a unica differença de que os violentos e os exaltados tomarão mais campo do que tinham, augmentando assim a desordem e o perigo. Cruelmente se desenganarão em pouco tempo os que a este respeito possam ainda manter uma illusão».

Assim desprovido de toda a indicação scientifica, o problema para os republicanos no dia 5 de outubro não era, por conseguinte, nem social, nem economico, nem politico. Era pura e exclusivamente pessoal. No conflicto das ambições politicas em que, por antiga tradição do rotativismo constitucional, incessantemente, se degladiam os jovens intellectuaes e os velhos *ratés* do bacharelismo portuguez, succede, periodicamente, que aquelles que podem menos, se enfastiam. Dahi as revoltas como a de 5 de outubro.

A intervenção scenographica do povo nestes acontecimentos, determinados pela iniciativa rhetorica dos bachareis, facilmente se explica. Sem *jugo que sacudir*, sem *algemas que despedaçar* e em perfeita realidade, sem fome

que satisfazer, o povo, unicamente estafado de puxar a nora em que gyram os alcatruzes da publica governação, tende sempre pelas peculiaridades da sua psychologia a obedecer servilmente a todos os que o incitem a desobedecer.

Qualquer motivo de rebelião é para elle destituido de toda a educação civica e de toda a noção de solidariedade, — uma aprasivel pausa, um compasso de espera, um sorriso de desforra por desigualdade de fadiga e como que um alegre principio de gréve. Chamado a capitulo pelos rhetoricos revoltados, que o não podem dispensar porque não ha revolta sem povo mandante, elle julga então mandar e tem por um momento a illusão de levar comsigo os destinos publicos, e effectivamente os leva como o boi cabresto, de chocalho ao pescoço, leva a manada dirigida pelo aguilhão do boieiro.

Assim, na revolução, o procedimento do povo, suppostamente exasperado, foi perfectamente correcto e ordeiro, dando aso a que os boieiros seus chefes subsequentemente o citas-

sem como exemplo, unico na historia, da cordura e da pacatez com que os revoltosos podem tratar o queijo tendo a faca na mão.

Uma vez senhor da situação, o generoso povo de Lisboa apenas sombriamente usou da victoria matando dous ou tres padres, atirando abaixo o escudo real do portico do Terreiro do Trigo, espancando alguns thalassas peripateticos e destruindo as redacções de todos os jornaes desaffectedos ás instituições novas. Mas tudo isso fez o povo cordata e disciplinadamente, em regra, debaixo de ordem e á ordem e á voz dos seus superiores hierarchicos da carbonaria ou da choça maçonica. Honra lhe seja! Miraculosamente o vimos multiplicar-se por si mesmo como os peixes da Biblia, depois da gloriosa noitada da Avenida. Um no perigo, cem no triumpho; doze na Rotunda em fogo, dezenas de mil no Terreiro do Paço aos vivas. Foi nessas repetidas e calorosas manifestações de enthusiastico applauso aos ministros requisitantes de apoio que o povo de Lisboa mais destemida e he-

roicamente se patenteou como partidario da Republica.

Á noute, ao recolher a casa nos dias em que não havia na ordem de serviço manifestação nocturna, o operario de Lisboa, transferido do seu antigo officio de fogueiro, de oleiro, de tecelão ou de serralheiro, para o officio mais leve e airado de *homenageador* da Republica, satisfazia, com voz enrouquecida pelas berratas, a justa curiosidade politica da mulher anciosa e dos filhos boquiabertos:

— E então? Governa já a Republica? Menos decimá? Menos renda de casa? Mais féria? Bacalhau mais barato? Pão e carne a meio preço?

— Não, por ora; mas acabaram já os malandros, e temos quem governe como deve ser... ali, á preta! Vae-se dando cabo da padralhada e da thalassaria, que é o que importa. *Homenageámos* hoje o Affonso, o França Borges do *Mundo* e o Graça do *Seculo*. O Bernardino e o Theophilo contaram aos estrangeiros todas as patifarias da monarchia. Os estrangeiros

deitaram todos a correr para casa afim de irem proclamar tambem a republica nas suas terras, como lhes aconselhou o Theophilo. Mas para a causa, a melhor de todas á esta: Lá mandamos o Chagas para Paris, o Augusto Vasconcellos para Madrid e o Junqueiro para Berne... o nosso Junqueiro, grande homem, de barbas até á cinta, que teve uma questão com o Padre Eterno, e deu cabo d'elle!

— Ih Jesus! e foi com o nossò, dos Passos da Graça, que elle teve a questão?

— Não. Foi com o da terra d'elle. Foi-lhe para cima e esborrachou-o.

Tal é o operario, typo portuguez. Singularmente intelligente e habilidoso, discursador, imprevidente e bom rapaz, pavorosamente desorientado pelas mais confusas e contradictorias theorias de jacobinismo socialista e atheu com que os prophetas da Republica lhe enchouraçaram o craneo por meio da mais reiterada propaganda durante os ultimos dous annos do regimen monarchico.

É este operario, junto com todos os seus

congeneres, o que presentemente exerce em Portugal as funções de povo, chamado a comparecer em todas as formalidades em que a entidade povo tem de intervir no metaphysismo do governo.

Em taes condições comprehende-se bem que, a exemplo do jornalista republicano a quem principiei por me referir, todas as moralistas perguntam sobre que modelo estranho se constituirá a Republica Portugueza. Seria manifestamente impossivel que, com os elementos que tem, ella criasse um typo de governo proprio, original e autochtone. Resta-lhe, pois, escolher um figurino. Á franceza, ou á suissa? Eis o caso.

Julho de 1911.



## VII

### **Bom anno!**

---

Acabamos de entrar, nós portuguezes, no anno 2.<sup>o</sup> da Republica. Felizes entradas e muito boas festas, como outr'ora se dizia.

Felizes entradas aos que neste momento, por incompatibilidade politica, por incompatibilidade moral, por incompatibilidade esthetica, ou por simples repulsão epidermica, vagueiam expatriados em forçado ou voluntario exilio. Que a sociedade portugueza não deprecie essa diminuta legião de nomadas. Pelo seu amuado excesso de susceptibilidade partidaria elles serão talvez considerados os caturras do nosso tempo. Como taes, algum serviço prestam ao decoro nacional. Numa sociedade que neste momento se desmorona corruída nos

alicerces pela dissolução dos caracteres é util, para honra da raça ao menos, que o caricatural exagero da feição d'uns em algum modo compense a ausencia de feição nos outros. Os *caturras* são na ordem moral a negação e o contrapeso dos *safados*.

Vagamente consta que alguns emigrados portuguezes esperam, ainda, armados, na fronteira, o momento de se repatriarem á força. Esperam — diz-se — ha muito tempo, não porém ha tanto quanto esperaram os sete mil e quinhentos que, afinal, recobriram a patria, desembarcando no Mindello.

Aos que estão em Paris é grato recordar que da geração dos seus avós, muitos, que então não adheriram aos poderes novamente constituídos, aqui lutaram, esperançada e alegremente, com a indigencia e com a fome. Aqui, para ganhar duramente o pão de um exilio de quatro annos, o marquez de Niza o perdulario e o estroina da sociedade do Delirio em Lisboa, tocou rabeca, por officio, na orchestra de um theatro, e Garrett foi caixeiro

nos escriptorios de Lafitte, o que o não impediu de, pelo mesmo tempo tão gloriosamente entrar no culto das letras pela mão de Filinto Elysio, seu velho mentor e amigo na agasalhada casa literaria dos paes de um dos maiores escriptores da nossa historia, o meu antigo e saudoso amigo Ferdinand Denis, o octogenario bibliothecario de Sainte Geneviève.

Não é pela força bruta das armas, é pela força dos principios, pela coherencia das idéas e pela rigeza dos caracteres temperados na fé de aspirações imperecivelmente espirituaes que as grandes causas da humanidade se liquidam, segundo os designios de uma justiça providencial e suprema. Eugéne Melchior de Vogüé, um dos maiores mestres do moderno renascimento idealista e psychologico da litteratura franceza, numa dessas bellas paginas que depois da sua morte eu não releio sem que a vista se me turve da mais commovida admiração, conta-nos, que prisioneiro em Sedan na noite da tragica derrota, vendo atravez

das suas lagrimas de vencido as fogueiras innumeraveis do enorme acampamento do exercito vencedor, elle ouviu de repente elevar-se do interior das barracas, num côro formidavel e unisono, o cantico sagrado de Luthero. O écho immenso da prece preencheu o céu e alastrou-se no horizonte até onde tremeluziam fogueiras e respiravam homens. Immediatamente depois da porfiada e sangrenta batalha, cem mil soldados allemães, extenuados de força, rendidos de cansaço, resavam. «Então — conclue De Vogüe — um prisioneiro, a esse tempo muito moço e mal amadurecido de reflexão, viu, repentinamente, qual era a força que nos havia esmagado. Não era o circulo das boccas d'aço nem o peso dos regimentos. Era a alma superior feita de todas essas almas temperadas na fé nacional e divina.»

Pudesse ainda Portugal, por um dia, por um só dia que fosse, reaver em si essa *alma feita de tantas almas*, alma que outr'ora foi a sua nos acampamentos de Ourique e d'Aljubarrota! Embora estivessem já contados os

seus dias e elle tivesse de morrer emfim, não de contagio vergonhoso e de deliquescencia putrida, mas de uma morte limpa, cavalheirosa e bella como a daquelles dos nossos antepassados que no tempo antigo, no tempo das legendas de ouro, cahidos no campo, d'olhos abertos para o céo, derramavam a ultima gotta de sangue pela sua patria, pelo seu lar, pelo seu Deus e pelo seu rei.

Com as *bôas entradas* aos ausentes, *bôas festas* nestas linhas aos que na patria, escoraçados da Igreja onde uma ignara plebe á solta foi este anno, em nome da liberdade de cultos, vomitar o seu vinho e a sua obscenidade imbecil sobre a sagrada poesia da tradição e da fé, puderam ter ainda o refugio domestico da ternura nalgum cantinho de lar obscuro, esquecido e inviolado.

Possa o lar ao menos sobreviver recluso e sereno á grosseira e implacavel devastação corrente!

Possa a familia, por meio do culto recondito dos penates, manter no sacrario das vir-

tudes domesticas o thesouro das virtudes civicas, unico penhor da prosperidade e da grandeza de um povo!

É na lição maternal da familia que reside o nucleo moral de todo o saneamento dos costumes e de toda a re-educação de uma sociedade.

Não desejo nesta pagina, consagrada a votos de amisade, entrar na analyse da politica portuguesa e proceder ao estudo da regressiva influencia civilisadora que a actual fórmula de governo está exercendo na indole e nos costumes do nosso povo. Ha poucos dias, num patamar de escada do Museu Victor Hugo, na linda e antiga Place des Vosges, tive occasião de tornar a ver, feita pela penna d'um mestre, a descripção de uma Republica. Vou simplesmente transcrevel-a em versão portuguesa. Os que me lerem julgarão em que proporção é copia desta a que em Portugal nos rege.

«Duas republicas são possiveis — diz Victor Hugo num manifesto aos eleitores que o fi-

zeram deputado ao primeiro congresso celebrado depois da queda do imperio. Uma arriará a bandeira tricolor para a substituir pela bandeira vermelha; fará dinheiro vendendo a columna Vendôme; atirá abaixo a estatua de Napoleão para levantar a de Marat; destruirá o Instituto, a Escola Polytechnica e a Legião d'Honra; accrescentará á augusta divisa: *Liberdade, fraternidade, igualdade*, a opção sinistra: *ou a morte*; fará bancarrota; arruinará os ricos sem enriquecer os pobres; aniquilará o credito, que é a fortuna de todos, e o trabalho, que é o pão de cada um; abolirá a propriedade e a familia; encherá as prisões pela suspeita e pela delação; porá a civilisação em cinzas; fará da França a patria das trevas; degolará a liberdade; estrangulará as artes, decapitará o pensamento, e renegará Deus; fará a frio o que fizeram ardentemente os homens de noventa e tres; e, depois de termos visto o horrivel no grande, ella virá mostrar-nos o monstruoso no pequeno.»

A educação publica de que Victor Hugo

nos dá esse eloquente summario é a educação com que os governos perversos brindam os povos amollecidos. Por meio della se criam os escravos e os facinoras.

Negar Deus nos comicios populares, no parlamento, na lei e na escola, arrancar assim um povo á religião em que elle nasceu e em que se creou, é a maneira mais capciosamente segura de o reduzir á servidão. Dará tudo a Cesar o que desaprendeu de dar alguma cousa a Deus.

Á superstição religiosa immediatamente se succederá a superstição politica. Ao omnipotente divino corresponderá o omnipotente humano. O que se pedia a Deus irá pedir-se ao Estado. Dahi a lei psychologica de que, em todas as zonas da mentalidade popular em que o sentimento religioso se extingue, immediatamente a theoria socialista se apodera das consciencias esvasiadas. Ora, na sua moderna evolução latina o que é o socialismo, deificação fetichista do Estado, senão, como diz um dos mais lucidos psychologos do nosso tem-



po, a mais dura fôrma do Cesarismo, porque, sendo uma fôrma impessoal nella não actuaem os motivos de receio que refreariam os impulsos do maior despota.

Á supplica, á humildade, á resignação e á esperança no céo substituir-se-ha a imposição aos homens pela força, pela astucia, pela revolta, pelo crime, em nome do supremo direito que cada um terá, não á bemaventurança no céo, mas á felicidade de que na terra gosam os outros. E como a felicidade no mundo é um bem que todos buscam e ninguem encontra plenamente realizado em si mesmo, os cubiçosos do bem dos outros serão todos nesse mundo novo que a irreligião nos fabrica.

Será o absoluto e despotico reinado da inveja, do rancor, do odio insaciavel e inextinguivel servido pela espionagem, pela delação, pelo roubo e pelo homicidio entre os famintos e os fartos, entre os pobres e os ricos, entre os desesperados e os satisfeitos.

Leio nas folhas mais officialmente bem informadas de Lisboa, que um dos nossos mais

populares e prestigiosos governantes, predissera numa assembléa publica que, sob a égide das suas beneficas leis, ao cabo de mais duas gerações não haveria em Portugal um unico crente. E é perfeitamente raciocinada e muito logicamente deduzida essa prophecia. O que não sei se o propheta chegaria a vêr, é que da mesma substancia psychica de que se fazem os crentes, igualmente se fazem por analogia de origem os poetas e os artistas. E quando com a materialisação geral do sentimento a arte se abastarda e a poesia fenece, fica extinto o culto do desinteresse, da abnegação, do sacrificio, do enthusiasmo, da alegria e da bondade humana. Assim defraudadas e empobrecidas as nações recaem na selvageria e morrem na abjecção, porque nellas seccaram as fontes ideaes da vida.

Ha onze annos quando em Lisboa, sob um Ministerio presidido por Hintze Ribeiro, a chamada questão religiosa se debatia numa das mais agudas crises que ella atravessou durante a monarchia, o grande estadista e grande di-

plomata que foi Leão XIII, dizia-me numa audiência do Vaticano estas textuaes palavras: *Puisque vous êtes son bibliothecaire, invoquez mon nom et priez le roi d'être bon envers ses congrégations religieuses. Ce sont elles qui lui assurent devant la chrétienté et devant la civilisation la légitime possession de ses colonies.* Abstrahindo, porém, de todas as considerações que possam envolver as nossas relações diplomaticas com a Santa Sé e a alta questão do padroado portuguez no Oriente e na Africa, quando em Portugal a religião catholica não seja maior que a illusão dos simples e dos humildes, essa illusão é sagrada.

Que impellidos pela transcendente e dolorosa nevrose da certificação scientifica, os que perscrutam o insondavel mysterio da criação e do destino humano, sejam assaltados pela duvida e sintam baquear a fé entre os elementos constitutivos da sua mentalidade, comprehende-se. É um caso sem mais importancia que a de um accidente de estudo na formação de uma intelligencia. É um imponderavel phe-

nomeno pessoal a mais perdido na phenomenallidade geral do universo. Perder a fé herdada quem tem muito mais que perder em compensadoras noções adquiridas é um incidente banal na biographia de philosophos. Roubar a fé a quem não tem mais nada que se lhe roube, é o mais monstruoso dos attentados. Que se puna o faminto que rouba um pão ao saciado, e se glorifique o reformador dos homens e das sociedades que por desfastio philosophico arranca a milhares de desherdados e de infelizes a divina esperança que para elles era a unica flôr da vida, eis a mais horrorosa das incoherencias em que creio que possa incorrer a justiça humana.

Tal é em Portugal o fecho dos acontecimentos ao terminar o anno findo.

Possa o novo anno não ser ainda o do occaso, de uma civilisação que tão scientificamente se prepara para acabar entre deuses mortos, sob céos vasio!

Janeiro de 1912.

## VIII

### O natalicio da Republica — A menina-deusa

---

Nas regiões officiaes portuguezas, das quaes se banio como reaccionaria a tradição christã, foi o natal da Republica o que este anno se celebrou. Chamo-lhe de preferencia *natalicio* para não desgostar, pelo emprego de um vocabulo clerical, a illustre associação dos logistas, a qual ainda ultimamente mais uma vez nos fez o favor de intervir, por meio de uma desenvolvida mensagem dos seus corpos gerentes ao ministro da Justiça, afim de que, immediatamente, se supprima, com hombridade e firmeza, a nossa embaixada junto do Vaticano, a qual os ditos corpos gerentes consideram *contraproducente, dispendiosa, vexatoria e deprimente* para a democracia portuguesa.

Alguem dirá, talvez, que os Srs. logistas estão mettendo um pouco de mais o nariz em questões para que ninguém invocou a competencia da sua pituitaria. Não perfilho de nenhum modo essa opinião, antes a tenho também por vexatoria e deprimente da moderna mentalidade democratica. Entendo por minha parte que os dignos logistas estão perfeitamente no seu direito e cumprem talvez mesmo uma alta missão liberal, dentro do regimen de scientifica egualdade em que vivemos, dignando-se de resolver as questões religiosas, diplomaticas e politicas, que se ventilem nas regiões do poder. Com tanto que — como é rigorosamente logico — por seu turno se encarreguem os prelados, os diplomatas e os estadistas de nos ministrarem os generos de primeira necessidade: as carnes ensaccadas, os vinhos, a bebida branca, o doce de calda e de sequeiro, os retrozes, as linhas, os pannos, as camisolas, os palitos e o mais de que a nação precise para sua decente sustentação, indispensavel agasalho e honesto recreio. Não

se procedendo com o devido escrupulo á regulamentação dessa nova distribuição de trabalho e permuta de funcções, occorre-me que poderia, por ventura, o negocio de retalho vir em breve a resentir-se do absentismo politico dos patrões. Tenho medo de que, quando, numa afflicção e numa pressa, a gente tenha de ir ás lojas afim de saber, por exemplo, se conviria desde logo mandar prender o Papa e metter em processo a Curia, se encontre inesperada e repentinamente fechados os estabelecimentos, á ordem do respectivo juiz, não certamente por incompetencia politica da parte, mas por simples incidencia do desarranjo commercial, denominado fallencia.

Piamente creio que são mais as luzes e as letras da culta sociedade logista, que as do inexperto parlamento, fazenda de refugio, avariada e cara. O meu unico receio — francamente o digo — é que, por effeito dos inevitaveis e contrapostos vaivens da publica governação e do trafego mercantil, as luzes do commercio se lhe apaguem e as letras se lhe protestem.

Mas como vinhamos dizendo, foi o anniversario natalicio da Republica que neste natal se solemnizou em Lisboa.

Foi essa menina-deusa a que este anno se expoz á adoração dos fieis, sobre os altares da patria. Não compareceram no presepio, por os terem posto fóra aos empurrões, nem os reis magos com a mirra e o incenso, nem os pastores com as suas offerendas. Mas formaram em circulo, por sua ordem, estaticamente embasbacados em torno do prodigio, todos os astrologos do areopago, juntamente com os seus competentes animaes domesticos, tal qual como na Biblia. O presidente, de Padre Eterno, com a sua formosa cabelleira branca, esteve muito proprio. Parecia vivo. E todos os jornaes são concordes em affirmar que foi uma funcção muito suave e deveras commovedora.

A creança está muito interessantesinha e assás desenvolvida para a idade. Ainda se não tem bem nas pernas e falla uma lingua de tabibitate, que dá muita graça aos seus infantis



jogos parlamentares em estylo de farça de cordel antiga, *Mendes Enxundia* ou *Vilão em casa de seu sogro*, tendo por interlocutores divertidos lapuzes, inteiramente broncos, mas folhões e jocosos. Já botou as presas, já tem caspa e mostra muito geitinho para se coçar e para morder. Ha de medrar e crescer depressa, porque mama muito.

A Carbonaria sua ama de leite e moça de voltas vela-lhe o somno, canta-lhe a Portuguesa, embala-a, atiça-lhe a lamparina, cuida-lhe do bebedouro e, de pêlo na venta e mangas arregaçadas, vae aos queixos em tres tempos a todo aquelle que metta medo á menina ou ministre lambarices, que lhe façam doer o ventre.

A feição mais predominante e característica na physionomia da infantil Republica é a da sua cada mais flagrante semelhança com a Republica franceza. Parecem-se como duas gottas de petroleo ou como duas pitadinhas de dynamite.

Como lemma politico poderia desde já na fachada do novo regimen suspender-se uma taboleta assim formulada:

«A França na Bitesga — Parceria politica de irresponsabilidade illimitada. Especialidade de cabidela de rei e de tripa de padre *à la mode* de Paris — Empadinhas de escandalos todos os dias — Ha *Tea-room* official e estão-se a armar as roletas — Serviço especial aos domicilios — Viva a Republica!»

Este expressivo chamariz faria talvez inveja aos armazens Grandella, mas seria altamente proveitoso á causa. Contribuiria poderosamente para fomentar a nova industria do turismo, atrahindo velozmente ao Rocio os estrangeiros neste momento errando fastientos pelo Engadine, pelo Tirol, pela *Côte d'Azur* e pelo Egypto á cata de dispendiosas commoções romanescas e elegantes, de que gratuitamente lhe encheriam o papo insaciavel as commissões parochiaes, as lojas maçonicas, os centros republicanos e os clubs democraticos recreativos da nossa emancipada, florescente e rediviva capital.

Assim tambem se daria justa satisfação aos democratás janotas que, de guedelha anediada,

calças arregaçadas, chapéo para traz, casaca nova, flor ao peito, lenço na manga, luvas desembainhadas, ha quatorze mezes berram agudamente por mundanismo e por chic como esteios de uma republica em que elles até hoje debalde esperam que o indigno capital e a corrupta aristocracia lhes proporcionem occasião de estrear-se nos salões do novo regimen, valsando com duquezas, fazendo olho de conta a princezas, mordendo reivindicativos e gulosos a *mousse de jambom á la crème chantilly* do abolido regimen, e finalmente empiteirando-se a fundo, com o *Royal Selery*, extra-secco, das instituições mortas.

Socegae, rapazes, e dae tempo ao tempo, que o vosso dia ha de chegar. Do que se precisa por emquanto é de propaganda, muita propaganda para a frente! As artes hão de ter pouco que fazer agora, os carpinteiros andarão a monte, e a pintura ha de estar barata: mandae fazer a taboleta de que vos dou o modelo, e encarae com serenidade o futuro.

A vossa menina ha de acabar de crescer e

ser mulher, ordinaria, bigodenta e de faca e calhau, é evidente — mas vestida pela Paquin, com as antigas joias da corôa ao peito e com a custodia de Belém no chapéu, ella poderá vir a passar por pessoa de estimação em *rendez-vous* de sociedade elegante, nos cinematographos da Baixa. Daqui a quarenta ou cinquenta annos, se tiver proposito, se se portar bem, se não atirar por cima dos moinhos com o chapéu e a custodia, poderá ser que venha a ter como visitas uma duzia ou duzia e meia de pessoas competentes para organizar uma contradança decente em palacio.

Nós, lisboetas, desinterressemo-nos de saber se o que em 1912 se dançará na Europa será o *tango argentino*, o *Songo Boston*, o *Double Boston*, o *Boston Trot*, o *Thiken Trot* ou o novissimo *Grizzly Béar*. Como danças em Lisboa teremos, no novo anno, de contentar-nos com as da Bica no Entrudo e com as dos bailes campestres pelo verão.

O ciclo historico em que entramos não é de mundanismo coreographico. É de mocada.

As pernas para o que nos hão de servir não é para bailar. É para dar terra para feijões sempre que o regimen funcione, isto é, sempre que o povo, assumindo democraticamente o governo de si mesmo, se explique na rua ao tabefe, ao cachação e á cartolada, pedindo desculpa de se não servir de expressões mais amenas pela razão de não saber ler, nem escrever, nem contar senão pelos dedos e de assignar de cruz em dois simples movimentos, zás, traz, e é como passastes.

Se ha por ventura na assembléa quem desapprove, que tenha a bondade de se manifestar, levantando o seu braço direito. Corta-se-lhe o braço, e prompto! Está tudo approved por unanimidade. Passa-se á ordem do dia e tem a palavra o carinhoso Sr. Bernardino Machado, que, com lagrimas na voz e uma infinita ternura no olhar, se assôa de commoção e principia assim: — «Amigos, irmãos, filhos, meninos! Reina emfim a mais perfeita e absoluta concordia entre a amoravel familia portuguesa. Abracemo-nos todos». (Freneticos ap-

plausos, muitos vivas. Ministros, deputados e logistas, abraçam-se effusivamente uns aos outros. No dia seguinte os periodicos dizem: Foi a scena mais patriotica e mais enternecedora que em toda a nossa vida temos visto).

Aos janotas da democracia, a quem o prurido do goso escandece a imaginação e tem por insipidos todos os grandes espectaculos politicos do seu interessantissimo tempo, paternalmente aconselharei que, por estes annos mais proximos, como enlevo de sociedade, se restrinjam ao *bridge*. É a moderna fórmula *chic* da bisca de familia, que, com tanto ardor, cultivaram na velhice os nossos avós. Não puxa muito pela cabeça, não obriga a conversar, nem a ler, nem a escrever, nem a andar. É a mais inoffensiva, a mais vegetativa, a mais preciosa fórmula de *estar para ahi* sem mortificar a alma e sem amarrotar o physico.

A bisca antiga era para os gagás, para os barrigas d'agua, para os rheumatisantes e para os podragas senis, aos quaes a pacata mesa de jogo licito, de vasa, era, com o seu respe-

ctivo tapete, um abrigo propicio aos joelhos anquilosados e aos pés entrapados e volumosos como trambolhos. Não vos vexeis do confronto. O que sois vós, pobres janotas lisboenses do anno II da Republica, senão autenticos decrepitos, mansos, submissos, domesticados, de vir comer á mão como no Campo Pequeno o touro Capirote; sem azougue no sangue e sem nenhum daquelle ferro derretido que já no seculo XIX diziam a Guizot os pedagogos inglezes, ser preciso injectar nas veias da mocidade amolecida.

Ferro! força! energia! pulso! Para que? Para nada. Para coisissima nenhuma. A todas essas theorias de arranque, de impulso, de resistencia, oppõe-se uma unica que sobreleva a todas: — ai! rico corpinho da minha alma!

Ide para o jogo, meninos, ide para o *bridge*, onde as meninas, vossas contemporaneas, vos esperam com reconhecimento e agrado. Ide, como os antigos diziam, *puxar pelo rabo á sota*, proesa de esforço muscular, ainda mais leve do que a de levantar pelo rabo o gato

morto. E pedi a Deus, de quem vos achaes separados, que do outro lado da barricada nunca exemplos em contrario vos perturbem o prazer da tertulia.

Pelo aspecto exterior das coisas parece que o paiz se não acha por enquanto completamente desagradado do modo como o governam. Unicamente, por alguns vagos mas repetidos e frequentes rumores na imprensa, nos clubs, no parlamento, me parece discernir que os mais satisfeitos dos governados ainda mais um derradeiro e muito especial obsequio desejam dever ao governo: — o de se ir embora.

Janeiro de 1912.



## IX

### O figurino francez

---

Quer rindo, quer chorando, de qualquer ponto de vista e em qualquer disposição de espirito em que a consideremos, a Republica portuguesa apresenta-nos sempre como fundamental caracteristica a servil imitação politica de todos os desvarios e de todos os erros em que a Republica francesa tem incorrido. A vantagem dos pequenos povos modestos que vão atraz dos outros na marcha da civilisação é a de evitar no caminho os tropeções e as quedas dos que vão adiante. A Republica portuguesa é a retardataria obtusa para quem essa lição é inutil.

Pelos compromissos da sua proveniencia maçonica, pela impulsividade do seu sectaris-

mo, pela cegueira da sua submissão ao apophthegma gambeteano: *Le cléricalisme voilà l'ennemi*; pela sua furia de inovação e de modernismos tendente a desassociar todos os elementos ancestraes que constituem a substancia moral de uma raça inutilizando-a pela destruição do seu equilibrio para uma pacifica adaptação ao progresso evolutivo; pela sua já consummada obra, emfim, de restringir á guerra intestina de classes, de seitas e de partidos todas as energias da nação os novos governantes portuguezes demonstram exuberantemente que, negação categorica de todo o ensinamento que lhes ministram os Estados-Unidos e a Suissa, elles não são no exercicio do poder mais que os inferiores e agatanhantes discipulos dos Rancs, dos Combes, dos Jaurés, perfeitamente competentes para conduzir a nação portugueza pela mesma senda resvaladiça que ha trinta annos precipita a França no medonho descabro a que neste preciso momento procura acudir *in extremis*, como em junta dos mais abalisados clinicos, o gabinete

Poincaré. Esta circumstancia reveste presentemente a politica da França do mais especial interesse aos olhos de um observador portuguez. Paris é neste particular o original em grande de que Lisboa é em pequeno ponto a copia reduzida e caricatural. Temos visto o que está sendo a moda em Portugal. Veremos agora o que é em França o figurino porque Lisboa se regula.

\*

\* \*

Um culminante phenomeno principia por dar na vista: Ha em França dous partidos. Um composto dos governantes e dos politicos que intermittenmente os rodeiam, é o partido dos satisfeitos. O outro, composto de todos os demais cidadãos franceses, é o partido dos descontentes. A descomunal popularidade de Boulanger, inteiramente inverosimil e inexplicavel dada a sua absoluta incapacidade mental, proveio de que, em certo momento,

elle conseguiu ser o chefe dos descontentes. Aliou-se-lhe a França.

O regimen estabelecido por terceira tentativa, ha quarenta annos e tendo até hoje devorado quarenta e dous ministerios, um pouco mais dum ministerio por anno, é ainda ao presente um regimen provisorio. Faltam-lhe a cohesão e a estabilidade de uma fundação definitiva. A Republica franceza está por consolidar. A improbidade, a incapacidade e a incompetencia resultantes da progressiva decomposição democratica tiraram á expressão republica o seu litteral e primitivo sentido de *cousa publica* para a converter na propriedade exclusiva de uma oligarchia de profissionaes ambiciosos, inquietos e insaciaveis. A legitimidade de uma tal apropriação não deixou ainda, nem por um só dia, de ser vivamente discutida e contestada nos livros, nos jornaes, nas revistas dos theatros e das *boites* de Mont-Martre, nas cantigas, nas caricaturas. O Sr. Fallières na sua qualidade de empregario por sete annos e de representante responsavel de todos os minis-

terios que se vão succedendo no tablado sob os apupos da galeria, é o homem mais troçado que hoje existe no mundo. Elle é a cabeça de turco de toda a gymnastica applicada á controversia politica. As artes plasticas nunca se lhe referem senão representando-o cambaleante, de nariz em labareda, chapéo acochichado, suspensorios, presilha da camisa e puxadores das botas sempre ao léo, collete todo esbagaxado, grã cruz á vela e um garrafão empalhado de baixo de cada braço. Por occasião da quéda do gabinete Caillaux, receiando-se que a crise envolvesse a presidencia, Rochefort serenou os espiritos:

«Ir-se embora o parcimonioso Fallières antes de receber dous milhões que ainda tem que cobrar até o fim do seu setenato, isso sim! Ainda ha pouco, vendo que a grã-cruz lhe estava curta, porque elle engorda cada vez mais, o nosso hypopotamo nacional lhe mandou deitar uma emenda para não gastar quinze francos numa fita nova».

E é sempre assim, de rabo-leva, entre vozes

de animaes de capoeira, a penantadas na cartola e a palmadas no ventre, que geralmente é tratado um bravo e honesto funcçionario correcto e sobrio, que todos respeitam, mas que tem para cada um o defeito imperdoavelmente grotesco de ser o Presidente... dos outros.

Não, a Republica francesa não é por emquanto a expressão de um regimen nacional. Segundo uma formula consagrada ella continua a ser apenas *a revolução em marcha*.

Num dos seus discursos provinciaes, em excursão nas provincias, o Sr. Fallières pareceu annunciar o anno passado que a phase revolucionaria terminára e que a Republica assumia emfim *figure de gouvernement*. A esta affirmacão presidencial responde o Sr. Arthur Mayer, no seu recente livro *Ce que mes yeux ont vu*. Não ha governo em França — demonstra esse livro. Um governo não governa senão em favor de alguem ou de alguma cousa. A Republica sómente governa contra alguma cousa ou contra alguem. Todo o governo tem

indispensavelmente um ideal perante o qual não hesitará nunca em sacrificar o seu interesse proprio ao engrandecimento e á salvação da patria. Ora, a Republica francesa não governa no interesse da patria; governa num interesse de partido, no interesse exclusivo de si mesma.

A moderna historia da terceira Republica francesa, depois do seu primeiro periodo conservador, depois da quédia de Thiers e de Mac-Mahon, desde Grévy até Fallières, não é effectivamente mais que uma ininterrompida sequencia de intermittentes recalidas, de successivas crises de incapacidade, de indisciplina e de dissolução: assaltos, subornos, espionagens, delações, inconfidencias de secretaria, fallencias, desfalques, calumnias, traições, falsificações, *escroqueries*, furtos, roubos, escandalosos e sacrilegos attentados de toda a especie — de ordem politica, de ordem economica, de ordem social, e de ordem moral. Assaltam-se comboios, roubam-se wagons de correio, rapinam-se museus, violam-se sepulturas,

não sendo mais privilegiadas as corôas dos reis que os anneis das actrizes; assassina-se e rouba-se gente no centro de Paris, na rua, á luz do dia; conspurcam-se crianças em bordeis de menores e na escola laica; esquarterjam-se mulheres por amor; em pleno parlamento um presidente de ministros declara que, em menos de um anno, tres mil crimes de *sabotage* — todos impunes — se teem praticado nas linhas ferreas de França. Eis ahi, em breve e incompletissimo resumo, o que me contam os periodicos parisienses dos dous ultimos mezes.

Para a historia geral da evolução governativa assignalarei alguns factos mais salientemente expressivos, sem me arriscar a desfigurá-los pela incompetente intervenção pessoal da minha critica. Apenas para os que não são de character rigorosamente estatistico, invocarei uma ou outra vez o testemunho de algum dos mais conceituados publicistas francezes.

O primeiro descalabro do systema foi chronologicamente o *Panamismo*. Eis os termos em que o grande escriptor (republicano) Emile



Faguet se refere a este phenomeno: «Como em toda a republica democratica os parlamentares, atarefados, sobrecarregados de gastos eleitoraes, mal pagos, precipitam-se sobre os milhões da Companhia do Panamá e fazem largamente retribuir o concurso por elles dado ou promettido a essa empreza».

Segue-se o *Boulangismo*, que o mesmo Faguet definiu assim: «O *Boulangismo*, é a conjugação espontanea de todos os descontentamentos, é sobretudo a reacção contra o regabofe do Panamá. É o sobresalto de cólera contra os processos panamistas a que a nação *a esse tempo* se não tinha ainda habituado. O que uma parte consideravel da nação apaixonadamente desejava era uma republica consular, uma republica governada por um só homem energico. *Precisava-se de um homem* — era esta a formula de uma *monarchia indeterminada*, de uma monarchia com qualquer monarcha que fosse, de uma *monarchia republicana*, se quizessem, mas de uma monarchia, isto é: de um regimen em que se não fosse governado

por uma quadrilha e por uma quadrilha faminta, intrigante e suspeita».

O *Boulangismo*, como era inevitavel, abortou. Porque? Porque Boulanger não tinha o estofo de um consul, nem o pulso de um ditador. Desilludiu e desarmou todos os seus partidarios. Pedia-se um Napoleão. Elle era apenas um romanesco quinquagenario esfaldado, precocemente attingido pelo abalo psychico das menopausas viris.

Entre os monumentaes escandalos que haviam precedido a explosão do *Boulangismo*, é conveniente assignalar como chave de uma era o trafico das condecorações, iniciado por Wilson, e dando logar á demissão de seu sogro o presidente Grévy. Ambos elles desapareceram ha bastante tempo pelos esgotos da historia. Mas o trafico das condecorações continua florescendo nos alegretes officiaes. Mui recentemente ainda um cliente, não querendo dar mais de 3.000 francos por umas tristes palmas academicas, foi denunciar á policia o seu bemfeitor, que se não prestava a conde-

coral-o por menos de 6.000 francos. Este chamava-se Valensi, e foi preso. O queixoso regressou suavemente ao seio da sua familia, é verdade que sem condecoração, mas soberbo e glorioso por haver praticado um nobre acto de civismo, entregando á justiça um prevaricador. Por 3.000 francos elle teria sido um cúmplice do réo. Perante a exigencia de 6.000 elle sentiu-se avassalar pelos mais honrados escrupulos e preferiu prestar ao saneamento dos costumes esse importante serviço, em remuneração do qual se lhe descobre no horizonte o direito de requerer, de graça, as mesmas palmas que num momento de precipitação elle estivera em risco de pagar.

Mas donde provinha a Valensi, simples advogado sem causas, a faculdade de assim dispor de condecorações á razão de 6.000 francos por freguez? De quem era genro tal homem? perguntaria Wilson legitimamente susceptibilizado.

Eis o mysterio que o processo desvendou: Mademoiselle Juliette, amiga de um ex-mi-

nistro da Instrucção Publica, obtinha do seu poderoso protector, entre outros mimos, diplomas em branco, de rosetas varias. Assim, como contribuição dos seus adoradores (aliás numerosos) ella recolhia no seu cofre, segundo consta dos autos, maços de notas do Banco de França e maços de diplomas em branco do Ministerio da Instrucção Publica.

Eram corretores dos valores burocraticos de Juliette, além do citado Valensi, os Srs. Guerder, secretario do deputado socialista independente Contant (d'Ivry), Meulemans e Clementi. Meulemans é director e redactor em chefe da *Revue Diplomatique*. Clementi é presidente de uma *Liga Humanitaria*, constituída por elle presidente e por todos os cavalheiros prestantes, sufficientemente palermas e gogós que se lhe quizessem associar para o fim humanitario de se fazerem condecorar, tornando-se préviamente illustres e benemeritos por meio de retrato e de biographia na *Revue Diplomatique*, segundo a tarifa da casa.

Conta o *Lokal Anzeiger*, periodico de Ber-

lim, que numerosas pessoas da melhor sociedade da Allemanha receberam de Valensi condecorações pagas a 6.000 e a 7.000 francos por diploma.

Este caso que ha trinta annos faria um escandalo de abalar o Ministerio da Instrucção Publica e de fazer estremecer a solidariedade das instituições, cahiu agora como um banal *fait divers* na indifferença da publicidade. Porque? Porque o trafico das condecorações passou a constituir hoje uma razão de ser da Republica. O Estado vende as condecorações precisamente como Valensi. Com a unica differença de que o Estado se não faz pagar em francos: paga-se em serviços eleitoraes e em votos.

Mas *não antecipemos*, como se dizia nos romances enredados de Ponson du Terrail e de Paul Féval.

A seguir ao *Boulangismo* veio o *Dreyfusismo*, o *Anti-semitismo*, o *Anti-clericalismo*, o *Anti-militarismo*, o *Anti-capitalismo*, enorme e devastadora corrente de continuadas negati-

vas, corroendo e desfazendo dia a dia a afirmação nacional do grande todo que é a patria.

Politicamente considerado o *Dreyfusismo* é um dos mais expressivos argumentos em abono da preferencia, que, segundo alguns philosophos (evidentemente mais atrazados que o amigo Theophilo) se deve dar á fórma monarchica, contraposta como typo de governo á fórma republicana. Só um rei — pensam alguns — pôde governar independentemente dos partidos porque só um rei existe e governa na absoluta independencia do suffragio, o qual suffragio, exprimindo o despotismo do numero, é a mais imbecil e a mais feroz de todas as tyranias. A differença que ha entre um rei constitucional e um presidente de republica é que o rei é o presidente de uma nação, e o presidente é o rei de um partido. Ora, foi o *Dreyfusismo* que deu a Loubet e a Fallières, com mandato imperativo, a presidencia da republica. E eis ahi o que em phraseologia democratica se chama a expressão augusta da vontade de um povo!

Eis os termos em que Arthur Mayer nos descreve o *Dreyfusismo*: «Foi elle que levou ao poder Loubet e Fallières; foi elle que fechou as fronteiras da França a cidadãos como Déroulède, Buffet e Lur Saluces, e abriu aos socialistas as portas do poder; foi o *Dreyfusismo* que nos desarmou em frente do inimigo confiando a André e a Pelletan um dos ministerios da defesa nacional; foi elle quem envi-leceu a nossa magistratura; elle que açulou uns contra os outros os cidadãos; elle que violou os sanctuarios e fracturou os conventos; elle que nos trouxe a alliança monstruosa de certos defensores do capital e da propriedade com os seus peiores inimigos; para em seguida oppor o operariado ao patrão enfra-quecido. Foi elle que em Tanger nos humilihou diante dos fortes e em Roma nos exaltou diante dos humildes. Foi o *Dreyfusismo* que, gerando o pacifismo, creou o anti-patriotismo e o anti-militarismo, ensinando a indisciplina e o desprezo dos superiores. Foi, emfim, o *Dreyfusismo* que, destruindo a religião e o

exercito, supprimiu as duas barreiras oppostas á revolução. Eis o que foi a obra do *Dreyfusismo*».

Santo Deus! como a Republica portuguesa a estudou bem! e com que engenhoso tacto tão fielmente a soube reproduzir!

\*

\*      \*

Desejaria occupar-me ainda de alguns dos mais caracteristicos traços physionomicos da typica e modelar Republica franceza, mas fica para amanhã, por que o tempo foge-me. Ha um instante que nos sinos da minha terra, segundo a nova contagem das horas recentemente decretada pelo governo de Lisboa, teriam soado vinte e quatro badaladas em cada sino. Ao todo, no meu bairro, onde ha cinco campanarios, cento e vinte horas. É tardissimo. O meu relógio marca neste momento, segundo a nova tabella, horas zero, cinco virgula, trinta e quatro, creio que da manhã.



---

Calculem a pressa com que me acho hontem! Creio que me estou exprimindo bastante confusamente tentando dar-lhes uma idéa approximada do dia e da hora em que escrevo. Mas são ordens. *Senhor manda, preto obedece.*

Paris — Janeiro de 1912.

## X

### Como nós eramos — Como elles são

---

Como os governos immoraes desmoralizam a gente! Como rapidamente elles quebram as energias e corrompem as vontades!

Logo a seguir á famosa batalha de 5 d'outubro na Rotunda, as forças vencedoras marcharam sobre o Terreiro do Paço, e ahi se procedeu á chamada geral afim de determinar qual o exacto numero de beligerantes ceifados pela morte sobre o terreno da luta.

D'essa contagem resultou averiguar-se que das quatro duzias de heroes que denodadamente haviam derramado o seu sangue e dado a sua vida pela conquista das liberdades patrias, sobreviviam apenas uns dez ou doze mil!

Sob proposta jocunda de Bernardino Machado começaram os sobreviventes combatentes por se cumprimentarem effusivamente uns aos outros. Depois do que subiram todos em triumpho ás secretarias circumjacentes, depuzeram no bengaleiro os grilhões da tyrania que acabavam de arrancar aos pulsos da patria libertada, pediram com que molhar a guela do pó mordido pelos agonisantes no campo da batalha, sentaram-se, abriram as gavetas, chamaram a si os bocaes dos tubos acusticos, os receptores dos telephones e os cordões das campainhas electricas, berraram por tinta, papel e pennas, e principiaram com encarniçado zelo a governar a nação.

Theophilo, marcialmente derreado de batalhar, com as cãs revoltas, a face ainda enegrecida pelo fumo dos canhões e da fuzilaria, os agudos ferros das varetas do seu chapéu de chuva torcidos e amolgados das cutiladas applicadas ao inimigo, a cartucheira vasia das baratas e das bolas de strichnina com que vinha de alvejar a sôpa dos contrarios, ouviu

então dizer aos seus companheiros d'armas: — *Isto agora é tudo nosso!* E Theophilo, magnanimo, sorriu esfregando as mãos de contentamento philosophico, o que faria despre-garem-se-lhe da epiderma mavorcia e espargirem-se no ether, em esquirolas de materia cosmica, miriades de constellações novas destinadas a substituir as velhas estrellas apagadas do firmamento pelo sopro da revolução.

Assim, pois — como o dizemos nos mais abreviados termos — se estabeleceu em Portugal o novo governo.

Governo foi elle que de redor em toda a zona a que se estendeu a sua acção, tudo o que sorria, rutilava e dava flôr na psychologia, no sentimento e no character nacional, tudo subitamente mirrou ou apodreceu como por effeito instantaneo de uma predestinação apocalypticca.

A patria tornou-se comparavel a um predio de que secretamente se houvessem extrahido os alicerces. Os muros fendem-se, os pavi-

mentos desnivelam-se, as padieiras desaprumam-se, as soleiras racham, os estuques abarrigam, os travejamentos rangem e os inquilinos fogem com medo da derrocada total.

Nos caracteres deu-se tambem com o advento do novo regimen uma transformação sensivel.

Eu, que o digo, eu mesmo que nunca em minha vida pedi nada a governo nenhum, desarticulei-me até o ponto de pedir ao da Republica, mettendo empenho, um favor especialissimo: o de se ir embora.

Era a primeira coisa que lhes pedia. Não m'a fizeram. Ingratos! Não lhes ocorrer que eu era quasi da casa porque fui para elles como um predecessor!

Quando em Portugal não havia senão conservadores de diversas marcas, que vinham todos da revolução liberal e acabavam, como os d'agora principiam, isto é: por andarem engalfinhados uns nos outros e sómente se conservarem a si mesmos e aos seus parentes, adherentes e affins, deixando tudo mais cor-

rer á matroca, eu e alguns do meu tempo entendemos que a sociedade portugueza encharcava e apodrecia na subserviencia de um parlamentarismo quasi tão ôco como o de agora, e como o de agora exercido por avidos politiqueros d'officio, sem nenhum conhecimento dos interesses e das aspirações nacionaes, e deliberámos acordar do seu lethargo a consciencia publica, a duches, a ventosas, a pontas de fogo, a buscapés, a empurrões e a cartoladas.

Com uma irreverencia a que sem vangloria poderia talvez chamar profissional, trouxemos á barra da discussão philosophica, a um por um, todos os homens publicos do tempo. Quebrámos-lhes os narizes de cera com que elles discursavam nas assembleias. Mettemos-lhes pelos olhos a inopia dos seus direitos á existencia. Demonstrámos por **a** mais **b** que elles nem eram homens de sciencia nem eram sequer homens do mundo. Nem tinham principios nem tinham ideias geraes. Pela sua cultura d'espírito estavam abaixo do mais corri-

queiro leitor da *Revista dos dois mundos* e do *Diccionario de Larousse*. Como cultura fisica, indigencia igual á da cultura mental. Se falando mettiam os pés pelas mãos, calados mettiam os dedos pelo nariz. Não tinham *toilette*, não tinham maneiras, e tinham caspa.

Com esfregas d'estas, que tão exactamente se poderiam aplicar aos politicos da Republica como outr'ora as applicámos aos politicos do constitucionalismo liberal, vejam lá os revolucionarios da Avenida se não fui com effeito eu, senão foram os do meu tempo quem desbravou o matagal e varreu o caminho em que elles agora marcham, ninguem sabe para onde, sarapintados de vermelhão e de azebre, aos berros e aos pinchos como numa das antigas danças pyrrhicas da Bica do Sapato, com trombones á frente escarrando a Portuguesa para cima das multidões desinteressadas e aborrecidas como as de um domingo gordo de Lisboa chuvoso e lamacento.

Não obstante a parte consideravel que eu

tomei, juntamente com o meu sempre chorado amigo Eça de Queiroz, na obra preparatoria da revolução em Portugal, eu comprehendo no fim de contas que a Republica m'a não agradeça.

Acho natural que ella me não envie o seu bilhete de visita desejando-me *Saude e fraternidade*, formula protocolar de saudação da qual unicamente deprehendo que, verde e vermelha no pavilhão, a Republica tem o capricho optico de ser preta, do Bihé, na fala.

Considero logico que em vez de mandar-me os seus cumprimentos fraternaes ella preferisse mandar os seus esbirros devassar-me a casa suspeita dos miasmas deleterios que lá teriam perigosamente deixado cincoenta annos de modesto trabalho independente, resignado e alegre.

Egualmente explicavel me parece ainda que, em testemunho da sua confraternidade, os jornalistas republicanos de Lisboa systematicamente me insultem, levem a sem-cerimonia do seu trato até o ponto de me mandarem calar,



e peçam ordem de prisão contra o sr. Vasco Ortigão, negociante brasileiro, de passagem em Lisboa, pelos meus collegas da imprensa accusado, perante as justiças da terra em que elle nasceu, do crime tenebroso de ser meu filho.

Que admira quando são esses mesmos escriptores os que no parlamento propõem e conseguem fazer votar que se esbulhe a viuva d'Eça de Queiroz da pensão d'honra que lhe fôra votada como testemunho da gratidão nacional ao escriptor eminente que dotára a sua patria com a mais alta obra da arte de escrever produzida durante o seu tempo. E que satisfação de impunidade a de poder ter esse rasgo de uma atrocidade sem nome depois de morto o artista que, mais que nenhum outro no mundo, possuia a especialidade graphica de fazer aos lapuzes de letras que o molestavam com o ruido dos tamancos, por meio de um simples bico de penna sobre uma pagina branca, a mesma operação anatomica que fazem aos chibos os magarefes pela Paschoa,

tombando-os com um piparote na nuca, escalando-os de cima a baixo, tirando-lhes de dentro os miudos, e pendurando-os num gancho, bamboleando ao ar, com um caniço no ventre, á porta dos talhos na praça da Figueira. Os revolucionarios das *Farpas* pareciam-se com os da Rotunda na circumstancia de tentarem uns e outros a aventura de uma remodelação da sociedade portuguesa. Mas ha aventura e aventura, e é bom não confundir o menestrel que vae com uma flôr no chapéu cantar a serenada ao luar debaixo de um balcão, com o pilho que escala um muro de jardim para furtar galinhas.

Nós nunca pensámos em provocar uma mudança de regimen politico porque não tinhamos o estimulo da revolta geralmente baseado no apetite de ir cada um cevar-se nas prebendas e nas sinecuras de que pretende enxotar os outros, solução que sempre nos pareceu envolver a mais porca das traficancias e a mais desafortada das tranquibernias. Figurava-se-nos por outro lado não ser por meio

de revoluções, mas sim por meio de simples revulsivos, que se tratam as atonias sociaes. Não é pela mudança de governantes, sejam verdes e vermelhos, sejam azues e brancos, extrahidos todos da mesma massa commum de cidadãos de refugo, combalidos e avariados que se transformam as civilisações. É unicamente pela acção, lenta mas definitiva, da influencia das elites sobre a obtusidade das massas que taes transformações se realisam. É pelo saneamento dos individuos que se consegue a saude das collectividades. É pelo tratamento paciente, pacifico e melindroso da celula Familia que se chega á reconstituição normal do organismo Estado.

Tudo mais que se maquine na esphera politica, nas secretarias, nos parlamentos, nos *meetings* sertanejos e nos conciliabulos maçonicos, entre alguns ingenuos e incuraveis basbaques e numerosos aventureiros palavrosos e esfaimados, é advocacia, é chicana, é galopinagem, é caciquismo, é berreiro, é foguetorio, é a requentada e sordida orgia do antigo car-

neiro com batatas mais democraticamente co-sinhado agora com almondegas de dinamite e com iscas de cavallo marinho.

Mas vae-se maquinando sempre, e de illusão em illusão, de desengano em desengano, de carrapata em carrapata, dia seguindo a dia, melancolicamente, esterilmente, nos foge o tempo...

O dia de Natal vae de novo chegar. Com quanta saudade do dôce e risonho tempo da minha infancia eu o digo! Vae dar a hora de se retirar do presepio illuminado e florido, do centro do grupo orante dos pastores e dos reis magos, a sorridente imagem do mimoso e tenro menino destinado a padecer e a morrer crucificado para remir os homens.

Com os demais pequenos da minha geração, ao lado da minha mãe, estreitamente aconchegado a ella, ajoelhado como os pastores do presepio, eu esperava que o sacerdote trouxesse nos seus braços e aproximasse dos meus beijos os refeguinhos do recém-nascido, enquanto o gemido da gaita de fole

e o fremito dos pandeiros acompanhava a melodia dos vilhancicos populares e das lôas ao menino Jesus.

A seguir, no lar paterno, ao agasalho da borralheira, na mesa posta com as serpentinas de prata e os talheres de festa, a ceia minhota da consoada na família.

Entre os meus, onde imperturbavelmente se manteve sempre este rito da tradição patria, duas velhas cadeiras de braços mais uma vez se encontrarão desoccupadas, — as cadeiras dos avós. Que os meus netos me perdoem não comparecer. É com effeito bem amargo o pão do exilio, mas mais inoportavelmente amargas seriam as doçuras da consoada saboreadas sob o inclemente ceo da patria, que neste momento cobre tanta iniquidade e tanta desolação, tantos campos abandonados por tantos milhares de foragidos, tantas prisões atulhadas de vencidos e de martyres de uma opinião, e tantos lares de lucto em que mães, esposas, irmãs e filhas regarão a ceia do Natal com as lagrimas choradas por filhos, por

paes, por maridos e por irmãos ausentes, no degredo, no exilio ou na prisão.

Poderão velhos, de olhos enxutos, coração leve, sorriso de indiferença nos labios, conciliar-se com tal destino? Nem todos.

Março 1912.

## XI

### Experiencia feita

---

A Republica Portuguesa continúa dando ao mundo o mais espantoso e inacreditavel espectáculo: — existe!

Perante a logica ella cessou de ser uma possibilidade historica. É um phenomeno de Barnum, como a antiga vitella de quatro cabeças (todas de papelão) ou o moderno homem-prodigio, que engole vivos, de uma só vez, vinte peixes encarnados e vinte rãs, acompanhando esta refeição de trinta copos d'agua, e passando perfeitamente de saude com um aquario no ventre. Tal Republica deixa de pertencer á sociologia, e é para uma barraca da *Foire au pain d'épices* ou da *Foire aux jambons* que é preciso trazel-a numa gaiola. *Glo-*

*ria a Deus! honra ás bellas artes!* como bradaria Barnum no seu conceituoso e conciso *boniment*.

Entre nós o bom Anthero do Quental, com o qual eu troquei, em duello, duas estocadas e a seguir travei as mais carinhosas relações d'amisade, previu propheticamente este prodigio antes de elle haver passado da especulação dos philosophos para o dominio dos charlatães.

Uma noite de verão, ha trinta annos, na minha mansarda dos Caetanos, com as suas venezianas abertas para cima do Tejo, em frente da Via Lactea e do Pharol de Cacilhas, entre quatro litteratos do tempo, que bebiam chá e queimavam cigarros, conversando divertidamente sobre o que então chamavamos *os jocosos progressos da nossa decadencia*, Anthero, do fundo da poltrona em que se installára, de olhos semi-cerrados, torcendo nos dedos emmagrecidos e exangues os fios de ouro da sua barba apolinea, expoz este phantastico plano de applicação pedagogica: obtermos do



governo a concessão de uma das suas ilhas de degradados, e irmos para lá proceder a estudos comparativos e experimentaes sobre as diversas fórmias de governo.

—Principiaremos methodicamente — explicou elle — por estabelecer o despotismo com todos os seus pertences e accessorios: escravatura, inquisição, mesa censoria, tribunal da inconfidencia, ergastulo, pelourinho, algemas, pão e biscoitos amassados nas lagrimas da viuva e no suor do orphão, garrote, forca e saturnaes da impudica lubricidade para o despota, seus favoritos e correlativas concubinas.

Queiroz, compenetrado cultor de paradoxos, como sendo estes a mais fina flôr da ironia e a fórmula philosophica do argumento mais refractario ao pedantismo e menos propenso á grosseria do erro cathegorico, esfregava as mãos de satisfação e, a largas passadas pela casa, num illuminante clarão de perspicaçia:

—O que urge, menino — observava elle a Anthero — o que urge, como dizia e muito bem o nosso *Diario de Noticias*, é passarmos

imediatamente a nomear o pessoal dirigente e o corpo governativo, distribuindo os altos cargos do Estado, com seus concernentes benesses, pelos nossos amigos intimos e por nós mesmos, como pede a justiça.

E a palavra justiça era por elle vocalisada com especial uncção, como por todos nós, discipulos de Proudhon, que a tinhamos na alma impressa em parangona e sempre com Y maiusculo.

Anthero, tendo já a esse tempo, cerrado os seus olhos côr de turqueza, quasi adormecido, obtemperava com maviosidade:

— O tyranno já se deixa vêr que não posso deixar de ser eu, que tive a idéa. Vocês, em rigor, não podem ser mais nada senão meros vassallos, escrivães da puridade ou officiaes da corôa. Tereis voto em côrtes, cobrareis as rendas do Estado, sereis almotacés, portageiros ou meirinhos, redigireis os foraes, escripturaeis os livros de linhagens, entender-vos-heis em meu nome com os prestameiros, com os villões, com os mesteiraes e com os servos da

gleba. Emquanto eu empunho as redeas do governo, confio-vos todas as provincias da publica administração, dando-vos plena liberdade de mando, com a clausula unica de nunca procederdes senão debaixo das minhas ordens, acatando-as submissamente, quer eu haja por bem dar-vol-as de viva voz, por escripto, por gestos ou por simples jogo de physionomia.

Queiroz atirou então com os braços para o céu, tão alto quanto o permittiu o pé direito dos meus aposentos, e bramou:

— Infecto aventureiro, que apenas te encontras no fastigio do poder, immediatamente re-filas e mordes a mão do partido a quem deves o throno! Refocila-te na embriaguez do mando como um vil javardo. Conspurca de nodoas de ingratição essa purpura que te pomas aos hombros, mas adverte que logo que chegemos á experiencia da Convenção e do Terror, logo que ensaiemos a nobre scena do povo, batendo com punhos de ferro á porta dos reaes paços, reivindicativo, andrajoso e vermi-

nado, a primeira das cabeças a rolar no patibulo será a tua. Por minha parte não me dementam ambições. Desejo, apenas, ter, no Estado, uma situação official honesta, amena e aprazível. O lugar que desejo e requisito, no nosso governo despotico da ilha, é o de carasco.

Eu, por minha parte, referindo-me á parte que me caberia no governo de Anthero, ponderei que não considerava reunir todas as condições que Queiroz expunha como essenciaes em candidato a estadista portuguez: ter voz sonora para discursar nos comicios e no parlamento, ter lido, para colligir chavões, um manual de economia politica, e estar encalacrado por impecuniedade pessoal. Á falta, porém, dessas condições, eu cultivava despeitos pessoases, tinha rancores, e nada ha que mais espo-reie o zelo do cidadão no exercicio de funcções publicas do que dispôr d'alguma parcella de auctoridade que lhe permitta ir com vento fresco para cima dos que o desgostam. O bom empregado de confiança de um governo novo

quer-se azedado e vingativo. Ora, eu era, a esse tempo, um desgostoso. A arte, a arte principalmente, a arte d'essa epocha, acabára por cavar, no meu peito, uma cloaca de fel. A oratoria politica, a litteratura dramatica, a poesia lyrica, os bordados a missanga, as paisagens de cortiça, de miolo de figueira e de escamas de corvina, as recitações ao piano: *Ouves, além no retumbar da serra, a voz do bronze que nos causa horror... Lembra-te ainda aquella noite, Elisa?...* Não, eu não podia mais! Sentia que se me esfarelava o fígado, que me cahiria a espinhela, que iria ter furunculos. Não é assim, por despeitos d'estes, ou d'outros que taes, com mais ou menos ferocidade, que principiam sempre os revolucionarios e os politicos que a si mesmo se encarregam de reformar os homens e as sociedades? Taes foram as disposições de animo com que requeri e Anthero me despachou *Corregedor das artes* durante a vigencia do seu ideado governo entre degradados na nossa ilha da promissão.

Como pessoal da minha repartição, pedi apenas doze quadrilheiros, que me acompanhariam nas minhas investigações fiscaes, nas reuniões dos tres estados, nas livrarias, nos botequins, nos Clubs recreativos ou que metessem rhetorica, ás esquinas das ruas, nas escadas dos predios e nos salões publicos ou particulares, em que se reunissem meninas, poetas, oradores e pianos.

Andariamos todos, os da minha ronda e eu, uniformisados como os tunantes de Goya, com chapéus de dois bicos atravessados na cabeça, rebuçados em longas capas negras, que nos cobririam a cara, deixando apenas descoberto e arrégalado um olho — o da critica. E, por baixo da capa, á cinta, uma chibata, e, suspensa do pulso por um fiador de couro cru de Salvaterra, uma moca.

Relembrando hoje saudosamente essa picaresca anecdotá dos desenfastiados dias da minha mocidade, revejo-me na estranha e profunda analogia existente entre a psychologia do nosso funambulesco projecto de ha trinta

annos e a da revolução republicana de 5 de outubro de ha dois annos...

Mas, grande Deus, é precisamente a mesma cousa! Com a differença unica de que os ideologos da geração que se succedeu á minha se me figuram de uma mentalidade espantosamente mais atrazada que a dos meus coevos. Nós outros riamo-nos já então — quão desdenhosamente — do archaico problema das fórmas de governo, considerado como chave do progresso, da civilisação e da felicidade dos povos. Os modernos philosophos de Lisboa tem, a tal respeito, uma dessas *firmes certezas* que só no profundo alicerce da mais vasta ignorancia se equilibram e sustentam. A mais perfeita, a mais garantida, a mais afiançada das fórmas de governo, decidem elles que é uma democracia radical, e nesse presuposto lançam ao mundo, não diremos já a experiencia, mas a demonstração de 5 de outubro, não operada *in anima vili*, numa ilha de condemnados, como a do nosso prospecto, mas num paiz decente e honesto, que não

commetteu crime nenhum pelo qual o sentenciavam a prestar-se, como um coelho de laboratorio, ao capricho de sabios estonteados ou á vesania de operadores malucos.

O que bem agradavelmente me commove é a perfeita homogeneidade de processos na republica que elles construíram e na farça que nós imaginámos.

Para o modo de recrutar o seu functionalismo glorio-me de que fui eu proprio que dei o modelo pedindo a Anthero para ser corregedor das artes na nossa Barataria afim de pôr as mesmas artes em pantana, a arrocho.

Para exercicio das funcções subalternas, como os amigos da republica constituida eram mais numerosos que os nossos, comprehendendo que innovassem um pouco, procedendo como procederam por sorteio, em dous saccos, tirando de um o nome do emprego e do outro o nome do empregado.

Para provimento dos grandes cargos prominentes cingiram-se exactamente ao nosso plano, escolhendo cada um dos da companhia



fundadora o emprego em que maior damno pudesse fazer aos outros.

Como attributos do poder consagraram, tambem, para tira-teimas, a capa e a moca.

Nada lhes falta. A farça, evidentemente, fomos nós que a fizemos, mas elles — honra lhes seja — puzeram-n'a briosamente em scena e representam-n'a bem. *Plaudite cives.*

Vejamos o entrecho da composição.

Lisboa inteira acha-se convertida num enorme theatro sem tecto em que o espectaculo novo de uma democracia improvisada á pressa, vae decorrendo feerico, inverosimil, deslumbrante.

O presidente, tomando inteiramente a peito o seu presidencialismo, preside convicta e afinadamente a tudo e a todos, a recém-nascidos e a menores de um e d'outro sexo, a adultos de todas as condições, a velhos cacochimos e a gagás; preside ás fabricas, ás officinas, aos observatorios astronomicos e meteorologicos, aos laboratorios chimicos, aos theatros anatomicos e de zarzuela, aos museus, ás bibliothecas, ás sociedades de tiro, aos clubs recreati-

vos, e até á propria Academia das Sciencias, sentado na mesma cadeira em que a fundadora d'esse instituto, a rainha D. Maria I encarregou os academicos de falarem por ella ao mundo, *Ditelo voi per me*, — cousa que faz roer as unhas de inveja a Fallières, o qual nunca teve a hombridade de ir para o Instituto de França occupar, como inherente á sinecura presidencial, o *fauteuil* de Richelieu. E assim, invariavelmente, em cada dia que Deus bota ao mundo, nas photogravuras de todos os periodicos, tem a Republica portuguesa a satisfação e o orgulho de vêr quotidianamente o seu presidente, entre grandes, entre humildes, entre sabios e entre pacovios, dentro da sua sobrecasaca de comparecer, com o seu chapéu alto na mão, recostado na sua bengala, presidindo sempre!

O povo, no desempenho do papel que representa na peça, de tal modo entrou na pelle do personagem, que inteiramente se esqueceu do que ainda ha pouco era. Operario, preoccupado outr'ora em ganhar honradamente a

sua feria, acabando com escrupulo a sua obra, é agora politico, maçon, carbonario; aprendeu a manejar melhor as armas do que a ferramenta, e, em vez de formar pacificamente sob a honrada bandeira do seu mester, infileira em pé de guerra nos batalhões voluntarios. Para defender a sua patria? Não. Para ajudar a espingardear os seus compatriotas. Fadista, julgando-se com inauferviveis direitos a ser amado, e algumas vezes tambem mantido, pelos seus lindos olhos, dando, de quando em quando, facadas por ciume ou em despique de pontos de honra, namorado de viela, cantador de fados ao perfume das murtas e laranjeiras do Ribatejo, ou ás fogueiras do S. João, em aluadas vigalias de touros, ocioso, apaixonado e poeta, interessante especimen da sua raça amouriscada, armou agora á franceza em *apache*, ensinaram-lhe a fazer bombas de dynamite, e acabará, seguramente, em bandido como Bonnot, como Garnier, como Vallet.

E a funcção prosegue.

Tribunos da plebe celebram matinas rheto-

ricas, de protesto, contra todas as velhas crenças religiosas nas antigas cathedraes, a que a Republica chama agora suas, alugando-as á troça dos atheus e dos livre-pensadores, na razão de 4\$000 réis, por afronta á piedade dos que as edificaram.

Choreias de creanças, conduzidas pelas suas preceptoras laicas, socias prendadas da Associação do Registro Civil, visitam, pelas festas do anno, as campas dos assassinos illustres, cantando motetes civicos e regando, com virginaes lagrimas de ternura, os goivos destinados a enflorar imarcessivelmente epitaphios de facinoras.

Damas elegantes, catitamente vestidas a meios preços, pela liberalidade republicana em commemoração do primeiro anniversario das leis da separação e do divorcio, pavoneiam-se jubilosamente pelas ruas, pelos cinematographos e pelos theatros, exprimindo, com vehemencia, o prestigio e a pompa do madamismo adstricto ás instituições novas. E consta que as mesmas damas ensaiam tendenciosas saraban-

das e expressivos batuques, que, por ocasião das proximas primeiras festas da Republica bailarão nos armazens Grandella, mediante um bonus especial com que a alludida loja então reforçará o abatimento civico de quinze tostões feito no preço de cada farpella.

Pelo meio sympathico d'esta garrida comparsaria perpassam jocundos, rodeados pelo acatamento publico, insignes padres recém-casados, segundo o rito republicano, de bigode e pera e chapéu á banda, com as suas desvanecidas esposas pelo braço, seguindo-os as suas respectivas amas de leite, vestidas de sobrepeliz e estola, com as crias sacerdotaes ao collo.

Indubitavelmente muito curioso e muito bonito tudo!

Tão sómente o que me quer parecer é que nos estamos divertindo um pouco de mais, talvez.

Um paiz não póde ficar assim toda a vida, num pateo de comedia.

A representação arrasta-se prolongadamen-

te, porque os comicos não querem abandonar a scena. Espectadores das cadeiras bocejam escancaradamente um aborrecimento de jacarés. Das torrinhas ouvem-se vozes de animaes domesticos. Canta-se de gallo e grita-se: — Isto não é da peça! Não é o que vinha no cartaz! — Basta! Basta! — Panno abaixo, e restitua as entradas ao publico! — Fóra, burros!

No tablado ha tumulto. Ouvem-se os bofetões, uns aos outros, dos interlocutores que não sabem os papeis e erram as deixas e as entradas. Ao longe estalam bombas e ferve a lambada. Desarrolham-se garrafões de arnica e recortam-se peças de panno adhesivado entre os actores. O contra-regra deu parte de doente, e nunca mais appareceu. O ponto fugiu. Um dos empregarios vem ao proscenio e tenta explicar os acontecimentos. Mas, vozes esgançadas d'entre os bastidores guincham: — Mentira! Do gallinheiro berram: — Fóra, trapaceiro! — Projecteis cruzam-se na scena. Um sujeito de chapéu alto na cabeça tange uma campainha freneticamente, como quem toca a

fogo. No meio da vozeria enorme o empresario retira velozmente pelo fundo, dizem que com um olho attingido por uma batata.

Taes resultados, que eu acho melhor encarar pelo lado comico, que pelo lado tragico, demonstram, com a evidencia scientifica de uma operação chimica, que a experiencia politica da Rotunda prolongada até hoje não está deixando, no fundo das retortas, senão indisciplina, desordem, deseducação, desnacionalização, immoralidade, irreligião, empobrecimento, charlatanismo, cabotinismo e miseria.

Evaporada a infantil e burlesca illusão de que um paiz póde continuar a viver, como vive uma minhoca em postas, uma vez esquartejado nas suas tradições, nas suas crenças, nos seus usos e costumes, na continuidade de sua experiencia historica, governado por um pessoal improvisado pelo favoritismo politico, com uma instrucção publica de pedantes, uma religião de atheus, uma policia de sicarios, uma maioria parlamentar de ineptos, um ministerio de energumenos, uma burocracia de vagabun-

dos e uma diplomacia de curiosos, da qual só é dado esperar através das chancelarias e dos salões da Europa a mais estercoraria pingadeira de *gaffes*.

Ora a gente tem mais que fazer do que ficar a assistir indefinidamente ao repisamento de uma demonstração feita. O publico está inteirado, e são horas, para que se não extinga de todo a decencia nacional, de ir cada um para sua casa tratar honestamente da sua vida.

Façam os governantes outro tanto, e acabem d'ahi com isso por uma vez!



## XII

### Uma sessão parlamentar

---

Incidente hilarantemente molieresco e castiçamente pourceaugnacquico na assembléia do Senado. Nelle tem o primeiro papel o illustre senador Mata (Nunes), nome que ordinariamente e abusivamente vejo escrito com dois tt apesar das letras dobradas se acharem banidas da graphia portugueza pelo novo regimen orthographico decretado pela Republica. Por minha parte eu escreveria o nome de Mata com um t só, aliviando do outro, porque me preso de respeitar as leis. A esse nome, aguerrido e symbolico, me abstenho de engatar superfluos adjectivos encomiasticos porque quem é que não conhece hoje na America, assim como nas demais partes do mun-

do, o nosso unico e grande Mata?... Mata... e esfola, como verberantemente elle se revelou na sua ultima catilinaria consagrada á classe medica. Mata, pois, segundo regista o *Diario de Noticias* no seu fidedigno boletim parlamentar, ao qual textualmente me reporto salpicando-o apenas de alguns leves e fugidios desenvolvimentos pessoaes, Mata — digo, *falla na sua anterior orientação e acentua que não pode applicar-se aos medicos a theoria das pensões de sangue attribuidas ás familias dos militares, pois estes não podem furtar-se ás balas e aquelles teem obrigação de evitar o contagio.*

O' Mata, em que te meteste! O' Mata que tal disseste!... Saltam-lhe em cima os medicos, que são quasi que os senadores todos, e, ó lancetas, ó causticos, ó ventosas, ó sangue-sugas, ó tremendas purgas de jalapa, para que vos quero!

Feroz e canibalesca, como bem se pode conjecturar, foi essa trepa oratoria entre matasanos e Mata.

Sigamos o boletim da sessão:

Senr. José de Pádua (exclamativo e contundente) — *Sim! os militares teem uma batalha na vida e os medicos teem uma vida que é uma batalha.*

Esta primeira bisca de trocadilho gongorico estala como uma bomba sobre o craneo de Mata, o qual delicadamente anesthesia o occipicio por meio de uma subtil fricção digital, e, á falta de agua de vegeto, reclama dos continuos o copo d'agua commum, conferido pelas praxes da eloquencia ao orador engasgado.

Senr. Santos Moita (desembainhando estrategicamente o seu appellido e atirando desasombradamente com elle ao peito da assembléa) — *Senr. presidente! protesto energicamente contra as palavras do Senr. Mata.*

Senr. Mata (mais alliviado do seu incomodo e olhando de revez e esgazeadamente para os clinicos) — *Teem os desinfectantes, teem as luvas, teem as mascaras...*

Ouvem-se numerosas vozes de medicos, todos justamente resentidos e espantados de

que numa assembleia culta como a do parlamento republicano haja um palerma tão nojosamente destituído de senso commum que ouse ainda acreditar na efficacia dos desinfectantes e das medidas prophylacticas que os medicos — evidentemente por mera chalaça — costumam receitar para os outros.

Vozes — *Ora ! ora ! ora !*

Senr. Souza Junior (pretendendo demonstrar a Mata que, apesar da tenra verdura dos seus annos, elle tem já, tanto como Souza Senior, o espevitamento preciso para pulverisar Mata com a mais irrespondivel piada) — *Tambem os militares teem as couraças e as trincheiras.*

Mata (Nunes), inteiramente recobrado do seu passageiro deliquio, mostra-se apyretico e declara insistir pederneiralmente nos seus primeiros argumentos, voltando assim á carga com uma energia que constrange a critica imparcial a consideral-o, para todos os effeitos, de uma cana.

Senr. Souza Junior (seguindo sempre o já

alludido e authentico boletim parlamentar) — *define as suas ideias*. Suponho que no honroso intuito de habilitar a posteridade a jamais poder confundir equivocamente as ideias delle, Souza Junior, com as do seu menos conhecido predecessor Souza Seniõr.

Emfim o culto Senr. Bernardino Roque, queimando o ultimo e definitivo cartucho em defesa da classe medica, affirma scientificamente *que é ainda peor o combate contra um inimigo que se não vê do que com aquelle que se vê, e o medico tem de defender-se dos infinitamente pequenos*. Ao que o Senr. Ladislau Piçarra replica chãmente, com o pachorrento e barrigudo bom senso de um Sancho Pansa, *que os infinitamente pequenos se vêem com o microscopio*. Mas o illustre e severo entomologo Roque devolve repulsivamente, de arremesso ao ventre de Piçarra, esse inoportuno instrumento optico, tão descabidamente traido á baila neste debate legislativo, affirmando, á Camara e á Republica, *que, perante uma tal observação do senador Senr. Piçarra, elle,*

*senador Senr. Roque, acha preferivel não acrescentar uma unica palavra mais.*

Depois do que foi o projecto da pensão aos medicos votado por grande maioria, e em seguida encerrada a sessão não sem que previamente se houvesse retirado da sala, sahindo abrupta e claudicantemente pelo fundo, descaideirado pelos seus contendores, o senador Matta, ao qual parecera mais judicioso do que prolongar a discussão, ir para casa pôr papa de linhaça nos rins... sem consultar os medicos.

O debate a que alludo, e que fielmente transcrevo dos registos officiaes, é realmente jocoso e denota da parte dos poderes constituídos os mais patrioticos e louvaveis desejos de bem divertir a nação. Emquanto a bem governar que tem com isso os poderes publicos? Nada, coisissima nenhuma. E o povo não levaria a bem que os ditos poderes se mettessem com aquillo a que não são chamados. *Cada um que se governe!* é a solida e expressa doutrina em que educaram o povo; ensinando-lhe — e com que trabalho! — o que é verdadeiramente a

democracia, do grego *demos*, povo, e *kratos*, auctoridade. Não nos faltaria mais nada senão que nos cahisse agora em cima da cabeça um governo que nos governasse! Para que se fez então a Republica? Quem governa agora somos nós. Elles que nos recreiem, que é, para isso que se lhes paga.

Pela parte que me toca confesso-me comovidamente agradecido. Vi aqui este inverno *La présidente* no Palais Royal, vi *L'habit vert*, nas Variétés, vi as desopilantes *revues* de Montmartre, da Scala, da Sala des Capucines e das *Folies Bérgeres*, e ri bastante, ao calor quasi intoleravel dos irradiadôres, entre preciosas rendas e lindos decotes perfumados pelas novas essencias capitosas de Coty, perante a desenfreada troça rabelesiana com que vi corridos, com applauso geral de todas as luvas brancas, o chefe do estado com todos os seus politicos e todos os seus detestandos deputados; mas, com patriotico orgulho o digo, muito mais me rio em cada manhã, de chinellas e pijama, defronte da chaminé do

meu quarto, lendo as sessões do parlamento da minha terra que o boletim do bemquisto *Diario de Noticias* quotidianamente me ministra. Imparcialmente me sinto forçado a affirmar que se o parlamento portuguez, numa das suas ferias, se resolve patrioticamente a vir a Paris, em *tournée* de provincia, dar alguma das peças do seu repertorio, elle salva, economicamente, as finanças do estado, e, artisticamente, enterra tudo quanto em Paris em cada inverno se inventa de pilheria.

O que algum cuidado me dá não é o exito das peças, é o resultado ulterior do seu desfecho.

Da sessão, por exemplo, a que hoje me refiro, o resultado final da votação é ser hoje lei do paiz o direito dos militares a uma pensão de sangue pelo facto estabelecido e assente de que medicos e militares arriscam uns e outros egualmente a sua vida em defesa da sociedade e da patria. Isto é que não percebo bem e me parece um precedente perigoso. Teremos então de admittir que os militares



portugueses arriscam mais a sua vida do que o resto dos seus concidadãos? Reflitamos. Os nossos regimentos de linha, juntamente com os batalhões voluntarios e com a carbonaria militante integrada no exercito, constituem hoje o que em Portugal se chama conglobadamente — a tropa. Ora é essa tropa que dispõe de toda a ferramenta offensiva de que podem ser victimas os outros. A tropa tem os canhões, tem os torpedos, tem as metralhadoras, tem as espingardas, tem os revolveres, tem as baionetas, tem os sabres, tem o cartuchame e tem os cavallos marinhos. A gente nem tem nem se lhe permite ter mais do que uma fragil vergasta ou um triste chapéu de chuva. Nestas condições, se a gente manifesta *pelo facto* uma opinião contraria á dos cavalleiros que se apropriaram do encargo de mandar a tropa, a tropa marcha, e espatifa a gente, a tiro, á cutilada e á coronhada.

Se a gente se exprime por simples palavras em escrita ou em letra de fôrma, os cavallos marinhos avançam acompanhados dos empas-

teladores de typographia, o escriba é espancado e a imprensa é desfeita.

É a tropa que nos accusa, que nos prende, que nos julga, que nos sentença e que a seu livre capricho, sem mais apelação nem agravo, nos condemna á prisão, á fome, á loucura ou ao degredo. Em resultado final quem morre é a gente — de graça. Quem *arrisca a vida* — verdade seja que por dinheiro — é a tropa. Assim, segundo a justiça distributiva de pensão de sangue decretada pela lei, quem cobra é a tropa, quem dá o sangue é a gente.

Pelo que diz respeito aos riscos da classe medica colloco-me inteiramente ao lado de Mata (Nunes). Se os seus collegas do senado insistem em que são os medicos que arriscam a vida, pergunte-lhes o amigo Mata para onde é que ficam então os doentes!... Porque é de saber que morrem incomparavelmente muito mais enfermos das receitas dos medicos do que morrem medicos do contagio dos enfermos.

Infelizmente Mata (Nunes), como bom republicano que é, e como tal separado da egreja

e não reconhecendo no universo, como já fez favor de explicar, outra divindade que não seja a do presidente de sua camara na terra, e nas alturas a de Sua Excelencia o Sr. presidente da Republica, Mata não pode ver do problema de que se trata mais que a sua parte material e subalterna.

No parlamento francez, apesar de republicano como o de Lisboa, questões d'esta ordem tratam-se de modo algum tanto differente.

Quando na camara dos deputados em Paris se discutiu a lei de 1901 contra as congregações religiosas, o deputado Sr. Le Myre de Vilers, occupou-se, como o Sr. Mata, da questão dos medicos e dos enfermos. O Sr. de Vilers narrou os estragos da lepra em Madagascar. Tornára-se indispensavel para confinar a epidemia transformar os hospitaes em prisões. Os medicos naturalmente se retrahiram. Onde encontrar entes humanos capazes de se sacrificarem a substituir os medicos e os enfermeiros? O Sr. Decrais, então ministro dos negocios estrangeiros, perguntou-o, a quem? Ás

Irmãs Franciscanas de Maria. Essas mulheres, congreganistas, acceitaram sem hesitar a missão de que se tratava, e, interrogadas pelo ministro ácerca das condições que punham a tão precioso soccorro prestado á França e á humanidade, ellas exigiram apenas — diz o Sr. de Vilers e repetia-o ha poucos dias o senador Lamarzelle — a alimentação quotidiana, alguns *sous* por uma só vez e um bilhete *de ida* para Madagascar, porque o de volta seria inutil. Quasi todas essas religiosas foram attingidas pela lepra e preferiram morrer no meio dos seus enfermos a voltar á França, onde seriam um objecto de horror e se arriscariam a comprometter pelo seu contacto a saude publica. O Sr. Le Myre de Villers accrescenta: *Arriscar a vida durante alguns dias ou algumas horas no campo de batalha ou numa epidemia é um sacrificio a que de boa vontade se presta todo homem de coração, mas entrar vivo num sepulcro onde a morte constantemente vos fita e fatalmente vos attingirá é de uma coragem superior á coragem humana.*

Não foram somente as Irmãs Franciscanas de Maria que deram em Madagascar um tal exemplo de heroismo. O senador Senr. de Lamarzelle a este proposito contava ha dias a historia de dois padres jesuitas. Um delles é francez, o padre Isidoro Dupuy. Parte para, Madagascar em 1892. É missionario na Imerina quando rebentou a guerra com a França. Em 1894 sae de Tananarive com a escolta de Le Myre de Vilers. No primeiro dia de marcha cede o seu cavallo a um soldado mais fatigado do que elle e faz a pé o resto do caminho. Capelão interprete da divisão do general Voyron, é em seguida adido á columna volante que parte de Andriba em 14 de setembro de 1894. Entra em Tananarive com as tropas francezas em 30 de setembro e canta na cathedral o *Te-Deum* da victoria. No fim da campanha este jesuita é condecorado pelo governo francez com a Legião d'honra, e parte em seguida a retomar a sua vida de missionario ao sul de Imerina entre os Betsileos. O districto d'Ambohimahazo, que lhe confiam,

está cheio de leprosos. O padre Dupuy sepulta-se numa gafaria a tratar e a consolar lazarus, e nos braços dos seus amados companheiros de infortunio morre do mesmo incurável mal que os consome a 9 de outubro do anno findo.

Poucos dias antes, no 1 do mez, morria em Marana um irmão em religião do padre Isidoro Dupuy, outro jesuita, o padre Beysin, oriundo de uma das mais nobres e mais ricas familias da Polonia. Obtem dos superiores da Companhia de Jesus a promessa de ser empregado no serviço dos leprosos *com a expressa clausula de se separar para sempre da gente sã*. Entra na mais sordida e miseravel leprosaria de Marana. Faz-se enfermeiro e cosinheiro; mendiga de porta em porta, e aspira a transformar a pobre gafaria num grande hospital modelo. Os seus parentes e amigos polacos cobrem-o de dinheiro. Edifica a grandiosa casa com que sonhava. Reduz a mortalidade dos leprosos, que era regularmente de cinco a sete obitos por semana, a uma média de

cinco enterros por anno. E morre de lepra, jazendo sepultado no cemiterio dos leprosos a quem tão altamente ensinou, em troco de sua vida, a consolar-se com o seu exemplo, a crer, a esperar e a saber morrer.

Não sei se nas precedentes linhas consegui lançar alguma luz sobre a differença que ha entre o senador De Lamarzelle, que nos faz a narrativa a que me refiro, e o senador Mata, que humilde e constrictamente se roja aos pés do Senado e lhe pede perdão de ter por lastimavel *gaffe* falado em Deus no seu discurso. Essa differença é a do ponto de vista religioso. De Lamarzelle professa a religião christã. Mata professa a religião presidencial. Como não discuto nem impugno as crenças de ninguém, não direi que a religião de Mata seja peor nem seja melhor do que a dos simples christãos. Figura-se-me que ella é unicamente algum tanto mais curta do que todas as demais religiões que conheço, podendo talvez vir a ser classificada, não digo pelos theologos, mas pelos psychologos e pelos psychiatras, como

doutrina de dois dedos adiante do nariz apenas.

Dessa curteza de crenças não provirá por ventura, no espirito de Mata e no dos seus correligionarios, a indigente limitação de ideias, de sentimentos, de principios e de opiniões em que se debate o Senado?

Janeiro de 1913.



## XIII

### Uma lei

---

A mim! a mim, ó manes da extincta chacota lusitana! A mim, Mendes Enxundia e Bertholdinho! A mim, Vicente Marujo e Anões de Calais! A mim, Zés P'reiras e zabumbas das romarias minhotas! A mim, fagotes, serpentões, relas, matracas e assobios! A mim, bombas reaes! A mim, morteiros estrondeantes e foguetes de sete estalos! A mim, antigos fogos presos que se queimavam de dia, como *o homem matando o boi, a mulher a fiar na roca e o barbeiro ao rebôlo*, em que tudo búfava e andava á roda, no alto de uma vara, e acabava rebentando tudo aos estouros! A mim, ó Judas da alleluia, bôbos, palhaços, gigantões de feira e espantalhos dos pomares e

das hortas! A mim, valentes entrudadas com ovos de gema, bisnagas e limões de cheiro! A mim, ó terça-feira gorda, com todos teus adminiculos e attributos, vasos de noite, abanos, chavelhos, rabos-leva, esguichos, pós de sapatos, filhós e coscorões recheados de estopa, trambôlhos para atar aos artelhos e tachadas de breu para pegar fundilhos ás cadeiras! A mim, palavrões, gibadas, pés de nariz e cambalhotas! A mim, toda a pilheria e toda a laracha do tempo em que Lisboa ria! A mim, as noites á viola do Baldansa, do Collete Encarnado e do Perna de Páo! A mim, as olympicas piadas do sol, em tardes de touros no Campo Grande e nas apartações e nas ferras do Castello Melhor ou dos Campos de Alfeizerão! A mim, os seringões de Mollière, os can-cans de Lecocq, os charivaris de Offembach e as *boutades* todas do *Chat Noir*, do *Rat Mort* e da *Boite á Fursi*! A mim, ó gloriosos e immortaes humoristas de todos os tempos: Aristophanes e Plauto, Rabelais, Quevedo, Cervantes, Gil Vicente e Tolentino!

Em alas tudo e a postos, que através de Lisboa, peio meu rico Poço do Borratem abaixo, pelo meu dilecto Pote das Almas acima, em estado, escoltada por saltitantes chéchéés, por escoicinhantes bois de Canastra e por empinados cavallinhos de pasta, vai passar a Lei.

— Que lei? me perguntarão talvez do fundo de remotos continentes a que chegam sempre com atraso os clamores da fama. Que lei! A lei unica, nova em folha, a unica lei original e privativa do nosso novo regimen, pois todas as demais são leis velhas, leis cahidas, leis safadas, de baiuca de ferro velho, agora modernamente retingidas, atamancadas, refundilhadas de novo e viradas do avesso. Esta é que genuinamente reflecte, sahida quente do cunho, a effige do systema que felizmente (sobretudo para elle), nos rege e nos corrige. Esta é a que ha de ficar para exemplo e para recreio dos posteros, nas taboas do Capitolio, em frente da estatua de Pallas, entre as varas dos lictores e as aguias dos Cesares.

Refiro-me á tão recente e já tão famosa lei dos ratos. Não confundir com o rato de sachristia, com o rato de bibliotheca ou com o rato d'hotel. Trata-se unicamente do bem conhecido mamifero roedor, o rato vulgar, de Linneu.

Acha-se exuberantemente demonstrado que Portugal tem a vida rija. Elle dá-se lindamente no convivio familiar dos agentes mais destructivos da vida, da saude, do bem estar. Compraz-se com o analfabetismo, com a tuberculose, com o impaludismo, com a Penitenciaria, com o Aljube, com o Limoeiro, com o presidio, com a indigencia, com a maçonaria e com a carbonaria.

Acha-se satisfeito com a companhia de todos os animaes damninhos, com as viboras, com os gafanhotos, com as vespas, com as traças, com as pulgas, com as moscas, com os percevejos e com os politicos.

Com o rato não!

O rato vai-lhe ao pão e ao queijo. O rato empobrece-o. O rato bestifica-o. O rato avilta-o. O rato deshonra-o.

Retirem o rato da sua presença e o paiz inteiro resurgirá acordado do lethargo em que por tantos seculos o prostraram a monarchia e rato.

Já cataram o paiz da tinha da monarchia, libertem-no agora do parasitismo do rato e Portugal volverá a ser grande como foi outr'ora. Tornará a atirar-se aos mouros, a derrotar castelhanos em Aljubarrota, a mandar Affonso de Albuquerque para Gôa e D. João de Castro para Diu; volverá a conquistar o senhorio da Guiné, da Etheopia, da Arabia e da Persia, e, se á falsa fé lhe não metterem medo, mostrando-lhe algum murganho (que capazes d'isso são os thalassas) Portugal tornará ainda a apontar ás caravelas de Pedro Alvares Cabral o caminho d'além dos mares, e, se d'aqui até lá continuar a velar por elle a Republica, e sem ratos, Portugal resurgido será muito capaz de ainda obrigar a exclamar o Brasil maçado: — *Ora cá estamos outra vez descobertos! Maldição!*

No fim de contas, quem é que de ha mui-

tos reinados para cá tão exploradamente tem arratazanado a nação? O rato.

Para dar cabo do rato havia-se já inventado, no obscurantismo do passado, um maquinismo aliás engenhoso, denominado ratoeira. Por intrigas, porém, dos políticos da monarchia, as ratoeiras caíram e os ratos roeram-as.

Havia também os gatos, mas os gatos incompatibilisaram-se com a Republica, pelo seu máo costume de andarem pelos telhados a desencaminhar gatas, assim como os jesuitas nos famosos subterraneos do Quelhas e de Campolide, desencaminhavam donzellas, para as levar para freiras.

Restavam apenas as cheirosas iscas de toucinho frito embrulhado em rosalgar e bem assim os bolos de strychnina, mas estes processos combativos, comparados com os que geralmente empregam as auctoridades constituídas, pareceram anodinos e suaves de mais para efficazmente se solucionar a crise.

Em conjunctura tão dramatica, o governo, em lucta de gigantes, frente a frente com o ra-

to, chamou a capitulo todas as suas *supremas lucilações da cerebração universal*, por ter tido, como disse Junqueiro aos da Suissa, a precaução de facultar a subida ao poder de todos os intellectuaes do paiz. Assim foi que todas as capacidades mentaes de que dispomos se constituíram em commissão de defesa nacional, para estudar o rato.

Por longo tempo, assim como os proprios ratos, se conservaram calados os illustres representantes da intellectualidade portugueza. Muita gente começava já a consideral-os ou pura invenção hyperbolica de Junqueiro, ou côcos laureados sim, mas inteiramente chôchos e fallidos para a grande tarefa do resurgimento nacional a que o dito Junqueiro os atrelara em Berne. Illusão e chimera. O que elles estavam era encafuados, em seus laboratorios e gabinetes de estudo, versando com mão diurna e nocturna os expositores da materia, colligindo notas e esgaravinhando verbetes para attingirem o mais profundo conhecimento do rato.

Eis senão quando elles se reúnem no espa-

çoso edificio do Senado de Lisboa e, com pasmo do universo, apresentam sobre o culminante problema do rato a maravilhosa solução seguinte:

O flagello rato não se combate victoriosamente nem pela obsoleta ratoeira, nem pelo petisco envenenado, nem pelo gato. Scientificamente observado, o rato unicamente se sujeta e aniquila por meio da *desratização*.

Ouvindo écoar na sala este portentoso vocabulo, immediatamente a veneranda assembléa puxou a si os seus tinteiros e de accordo com a commissão do pelouro intellectual, immediatamente lavrou a lei e o regulamento do novo processo destinado a substituir d'ora ávante, no seio da sociedade e da familia todos os mata-ratos até hoje conhecidos na terra. É do mais simples que ha a lei que o *Diario do Governo*, no dia immediato publicou sob a devida chancellia ministerial.

Todo o contribuinte é obrigado, por occasião do pagamento regular da sua respectiva decima, a apresentar ao recebedor da fazenda



um numero de ratos mortos correspondente, segundo a taxa de tantos ratos por cento, á importancia total dos seus demais impostos. No caso de não ter sufficiente numero de ratos, pagará uma proporcional quantia em dinheiro. Para todos os effeitos do pagamento do novo imposto, a apresentação de rabos de rato corresponde perante o fisco á apresentação do rato todo.

Não se percebe bem como para o intuito de salvar a patria pela *desratização*, o pagamento em numerario possa inteiramente equiparar-se ao pagamento em rabos. Em todo o caso fica estabelecido que a moeda corrente póde substituir legalmente o rabo do rato, o que envolve a correspondente e logica affirmativa reciproca de que o rabo de rato igualmente substitue a moeda corrente, nas relações entre o contribuinte e o Estado. O rabo de rato attinge assim a categoria de um valor fiduciario como o da nota.

Indubitavelmente os bancos e cambistas se habilitarão a trocar escudos da Republica em

rabos de rato e rabos de rato em escudos da Republica. Valem o mesmo. Transformação enorme da riqueza publica. Aquelles que até hoje não conseguiram juntar dinheiro, conseguirão, talvez com mais facilidade, juntar rabos de rato, e, para arrecadar fortunas de milhões, não faltarão encommendas de cofres fortes á prova de fogo em rabos de rato.

\*

Farça administrativa mais divertida não ha. Chalaças legislativas mais jocosas nunca se viram. Sómente o que lhes dá um certo ar sinistro, é que taes chalaças lembram, um tanto de mais talvez, dando as sete voltas da Biblia em torno da cidade condemnada, as trombetas de Jerichó — tocando o Vira.

Janeiro, 1913.

## XIV

### Embaixadores de letras brasileiras na Europa. — Medeiros e Albuquerque. — Conferencia brasileira na Sorbonne.

---

A chronica das ideias, o mais precioso titulo da gloria d'um povo, tem, em contraposição a datas funestas, datas jucundas, as quaes, pelo que respeita ao Brasil, á imprensa brasileira cabe assignalar nas suas ephemerides por meio de uma pedra branca. São, no fim de contas, as puras ideias, apesar da deterioração por que geralmente ellas passam desde que se produzem até que chegam a penetrar, tantas vezes desnaturadas e pervertidas, no cerebro renitente e crasso das multidões, são as ideias — digo — que definitivamente governam o mundo atravez de todos os ephemericos e va-

riados accidentes da força militarmente, financeiramente ou revolucionariamente organizada.

Virgilio o disse: *mens agitat molem*. É com effeito o pensamento que move o mundo. O sentido político d'este aphorismo explicou-o Proudhon no derradeiro dos seus livros, hoje pouco lido, constituindo para lição das gerações novas como que o testamento philosophico do grande polemista que tão radicalmente alvoroçou a imaginação dos rapazes do meu tempo. Dirigindo-se ao *povo soberano*, legitimo filho da Revolução, cuja marcha elle tanto contribuiu para acelerar, Proudhon, o esforçado tratadista da *Capacidade politica das classes operarias*, diz-lhes estas solemnes palavras, dignas de serem inscricas em letras indeleveis no portico de todas as democracias: *Povo soberano, triunfas. Tens neste momento por ti a força e tens o numero. Emquanto porém não tiveres egualmente a Ideia tu não governarás jamais. Continuarás simplesmente a ser, como até aqui tens sido, a poderosa besta de carga.*

Prestando á historia das ideias em movimento o preito que lhe devo é uma das pedras brancas a que acima me refiro que eu hoje me permitto collocar nos registos da *Gazeta de Noticias* em commemoração, na travessia mental entre o Brasil e a Europa, da passagem de mais um dos seus embaixadores de letras.

É já consideravel o grupo dos homens d'esta especie que desde o ultimo quartel do seculo XIX até hoje o Brasil periodicamente expede para áquem do Equador em permuta, pelo que toca a Portugal, d'aquelles outros homens que ha cerca de cem annos, com o sequito de D. João VI, tanto depauperaram a metropole para irem liberalmente enxertar na symbolica arvore brasilica, a que os colonos até então chamavam a *arvore das patacas*, a mais fina e a mais aristocratica flôr da mentalidade lusitana. Foi d'essa delicada transplantação que resultou no Rio de Janeiro o estranho phenomeno de desabrocharem ahi, quasi repentinamente, como fructos exoticos origi-

narios das mais estranhas e remotas regiões, as escolas superiores, os museus, os laboratorios, as collecções d'arte, tapeçarias, joias, brocados, guadamecins, porcelanas, pratas cinzeladas dos seculos xv e xvi, a melhor parte enfim, do sumptuoso recheio dos paços reaes da Bemposta, de Mafra, de Cintra, da Ajuda, subitamente transferido ao Brasil como por um golpe de vara magica. A relação d'essa culminante época da historia luso-brasileira nunca a souberam fazer os modernos historiographos portuguezes, de criterio lastimosamente combatido pelas allucinadoras chimeras da nossa revolução liberal. A historia da influencia que teve a politica de D. João VI sobre os brilhantes destinos da civilisação brasileira são os novos escritores brasileiros que presentemente a estão fazendo, prestando assim á litteratura portuguesa um tributo de talento, de erudição e de critica historica equivalente áquelle com que tão copiosamente teem enriquecido a litteratura inglesa os seus collaboradores anglo-americanos.

Como se tivesse por insuficientes esses testemunhos de confraternização intellectual, além dos seus livros e dos seus jornaes, o Brasil envia-nos vivos especimens dos seus mais ponderados pensadores, missionarios de uma civilização nova operada pela preponderancia das *elites* sobre o amorphismo das massas, e representando na evolução da raça latina, através do oceano, uma especie de refluxo pendular da sua radiosa tradição. Quem não recordará d'essa pleiade nomes tão memoraveis, alguns para mim tão enternecidamente saudosos, como são, destacados de varios outros, os de Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Oliveira Lima, Graça Aranha, Ruy Barbosa, Rio Branco, Domicio da Gama, José Carlos Rodrigues, Arrojado Lisboa?... O mais recente da série é o sr. Medeiros d'Albuquerque, que pessoalmente não conheço mas de cuja apresentação ao publico de Paris numa das salas da Sorbonne eu hoje me proponho dar conta ao leitor. Viria a ter remorsos se no meu canhenho de estudante deixasse sepultadas as

notas que no mez de junho passado tomei da conferencia que lhe ouvi.

Chego á Sorbonne no momento preciso em que o discurso começa. Um bedel meu conhecido do amphitheatro Richelieu, onde durante o inverno precedente eu seguira as admiraveis lições do sr. Croiset sobre a historia da moral grega, introduz-me por uma porta lateral na primeira bancada da aula repleta de ouvintes. Encontro-me em frente e na maior proximidade do conferente.

Ha apenas quarenta annos que o typo consagrado do brasileiro em França, o qual de resto pouca gente via senão interpretado por algum comico francez nas farças e nas operetas do *Palais Royal* ou dos *Bouffes Parisiens*, era um homem suspeitosamente escuro de pele, cabello crespo, negro bigode retorcido, vestido quanto possivel de todas as cores do iris, resplandecente de brilhantes desde os dedos até o peito da camisa, desfrechando as mais comedidas gorgetas para cima de toda a gente, rebolando ethiopicamente os olhos á passagem



de mulheres bonitas, e fallando hispanhol, digo o hispanhol familiar aos parisienses e sobriamente composto de dois vocabulos unicos mas bons: *bolero*, *caramba*. O brasileiro que temos agora presente perdeu inteiramente o brilho do seu exotismo, dos seus diamantes e das suas gorgetas. Tem a simples configuração commum a todos os homens civilizados cada vez mais parecidos uns com os outros em todo o mundo. Ninguem distinguirá se elle vem de Botafogo, de Regent-Street ou da Avenue des Champs Elysées. Tem a pelle branca, o cabello liso e a cara nitidamente rapada, o que lhe põe em completo relevo o contraste do olhar e do sorriso, um olhar que affirma quasi irreconciliavelmente e um sorriso que parece entreabrir-se num acolhimento benevolo a toda a attenuante ou a toda a adversativa da affirmação emittida, como na physionomia litteraria de Renan ou de Anatole France.

Ha assim um brasileiro do seculo xx, e já ninguem se admira, nem na Sorbonne, nem no Collegio de França, nem na *pesage* de Long-

champ, nem nas *premières* da Opera, nem nos jantares do Ritz, nem nas conferencias du Foyer, nem nos chás de Rumpelmayer, de que sejam assim os brasileiros todos. Como os tempos mudam! Como a civilisação se universalisa! Como se rasoura e se banalisa tudo, costumes, toilette, maneiras, estylos e expressões *physionomicas*!

O conferente principiou acusando-se de falar *patrioticamente mal*, como preceituava Queiroz, a lingua francesa em que se exprime. A continuação do discurso revela que são da mais elegante correcção a lingoagem e o stylo da composição. Dada porém a theoria de Eça perfilhada pelo conferente ácerca do modo de falar as lingoas estrangeiras, eu vacilo em classificar a applicação que elle faz d'essa theoria porque receio de todo modo melindral-o, ou seja na sua capacidade de polyglota ou seja no seu patriotismo de brasileiro. Constrangedor dilemma!

O sr. Medeiros tomára para thema da sua conferencia: *A litteratura brasileira e as suas*

*relações com a França.* Subordinando os phenomenos a que tem de se referir á lei dos tres factores de Taine — o meio, o momento, a raça — o conferente dá á sua exposição, dividida em tres correlativos capitulos, uma nitidez de processo coordenador e mnemonisante que permite ao ouvinte seguir, reter e recompor com aprasivel facilidade a doutrina que se lhe offerece.

Neste processo expositivo principia o sr. Medeiros por nos revelar o tacto de um professor excellente.

Emquanto ao *meio*, refutação cabal da theoria de Buckle segundo a qual as hostilidades da natureza tornariam o Brasil para todo sempre refractario á civilisação. Contraposta pelo conferente ao diagnostico de Buckle, já em tempo refutado por Eduardo Prado, a doutrina contraria ainda mui recentemente preleccionada num curso professado no Sorbonne pelo sr. Arrojado Lisboa acerca do meio phisico no territorio brasilico.

Emquanto ao *momento*, delimitação analy-

tica das successivas etapas em que se desdobra a civilização brasileira.

No seculo xv, vasto dominio mudo do indio inteiramente inculto, contemplativo e manso, de mentalidade pouco adeantada á da idade da pedra. Incomensurado territorio, occupado por selvagens de raças diversas sem vestigio algum de grandes e misteriosas civilizações primitivas como as do Mexico ou do Peru. Raças mescladas divididas numa infinidade de tribus falando centenaes de dialectos differentes.

No seculo xvi, intervenção do portuguez. *Brave petit peuple heroique*, exclama o sr. Medeiros; povosinho minusculo, que abriu ao mundo um horisonte immenso. Mas ficou sempre scismador, poetico, idealista, apathico, quasi indifferente á realidade pratica e á positividade material da vida. Foram essas qualidades e esses defeitos que determinaram sem excessiva violencia a sobreposição do character portuguez ao character imprevidente, resignado e docil da grande maioria dos indigenas sul-americanos. Fundação do regimen colonial

nesta época. Facil subordinação dos aborígenes.

No século xvii alvorecer da litteratura brasileira. O conferente não quer considerar brasileira a obra do insigne Padre Anchieta, poeta e epistolographo do século anterior, e data do apparecimento de Gregorio de Mattos, poeta bahiano, o advento de uma grande litteratura genuinamente regional. Mattos, dotado de grande veia satirica, é de uma mordacidade implacavel para com os colonisadores. É condemnado pelas auctoridades ecclesiasticas da Bahia, o que consagra o seu talento, levando o sr. Medeiros a comparal-o, não sem algum fundamento, a Clement Marot.

No século xviii, formação do primeiro agrupamento litterario do Brasil pela criação da chamada Escola de Minas, da qual sobresahe o poeta Gonzaga, auctor da Marilia de Dirceu, cuja influencia consideravel se repercutiu na ingenua, assucarada e dengosa poesia do tempo beliscada á viola e á espineta nos outeiros, nos serões e nas merendas da metropole.

No seculo XIX emfim, subita criação de todos os elementos da mais alta cultura intellectual e desabrochamento pleno e glorioso da já hoje brilhante litteratura brasileira, especialmente determinado pela influencia que exerceu no Brasil, sobre a cohesão e a integridade do territorio, sobre a polidez dos costumes e das maneiras, sobre a expansão do commercio e da riqueza publica, o estabelecimento no Rio de Janeiro da cõrte de D. João VI.

Emquanto á *raça*, o conferente deslinda com o mais esclarecido criterio cada um dos tres elementos que a constituem: o elemento indio, o elemento negro e o elemento portuguez, absorvendo este todos os residuos infinitesimales das raças inferiores e dando á população do Brasil o seu actual e definitivo character psychologico de povo latino.

Sobre a trajetoria da raça negra na America do Sul projecta a conferencia do sr. Medeiros um grande clarão de sympathia. Dentro de muito breve tempo terá inteiramente desaparecido o negro do Brasil. A emancipação,

excluindo-o da intimidade da raça branca, desenraizou-o da disciplina da familia entregando-o a si mesmo. A liberdade, bebida forte de mais para as suas forças digestivas, matou-o, demonstrando este accidente que para os individuos, assim como para as nações, não é sem perigo de vida que repentinamente se transforma um regimen, substituindo pelas improvisões ainda as mais generosas do intellectualismo a obra da tradição cimentada na experiencia de muitas gerações que o tempo longamente jungiu e solidarisou em vista de um destino commum. Sempre que não emigra para os sertões d'Africa o preto liberto sosobra esmagado pela civilisação que o rodeia e extingue-se pelo alcoolismo ou pela tuberculose. A liberdade é, como o dinheiro, um valor puramente convencional e abstracto, sem nenhum outro prestimo senão o de nos permittir obter o que por meio d'elle se nos faculty. Se se fizesse conta dos fins para que cada um apetece a liberdade ter-se-ia o rol completo de todas as virtudes e de todos os vicios,

de todas as clemencias e de todos os rancores de que é capaz a humanidade. Dos negros do Brasil sómente se soube o que elles queriam da liberdade depois que lh'a deram. Queriam-a para dormir e para beber cachaça. Por esse facto elles conquistam toda a minha sympathia. São os menos inquietos, os menos berradores e os menos embriagados de todos os libertarios que conheço. O sr. Medeiros diz-lhes um commovido adeus, contando-nos em apothese da raça negra o fim d'essa ephemera republica dos Palmares, heroico episodio da sua resistencia á invasão dos conquistadores. Exauridos os derradeiros esforços de uma lucta implacavel os negros dos Palmares, preferindo o suicidio ao cativoiro, seguem o seu chefe de guerra precipitando-se, desde o primeiro até ao ultimo, do alto de um morro cortado a pique sobre o profundo abismo. O sr. Medeiros descarrega ainda o infeliz negro da accusação de simiesca lubricidade que muitos brancos lhe attribuem, affirmando sob a auctoridade de Havelock Ellis que no ponto



de vista sexual o europeu civilizado é muito mais gorilha em Paris, em Londres ou em Vienna do que o preto selvagem na espesura do mato virgem.

Expondo schematicamente a evolução da moderna litteratura brasileira o sr. Medeiros assignala a invasiva influencia do espirito francez sobre a mentalidade do Brasil, mostrando como na litteratura do seu paiz se succedem as mesmas fases por que passou a litteratura da França, tendo as letras brasileiras o seu *romantismo*, o seu *naturalismo* e o seu *symbolismo*.

É especialmente engenhoso o modo como o douto conferente explica a criação dos grandes institutos de ensino coincidindo no Rio de Janeiro com a residencia alli de D. João VI. *Le roi n'était pas d'une grande intelligence. Au contraire.* Todavia — acrescenta o sr. Medeiros por meio destes ou equivalentes termos, — como rei elle trazia comsigo toda uma côrte que inesperadamente nos cahiu em cima: nobreza de sangue e nobreza de intelligencia, o

que havia de melhor no reino. Como toda esta gente nada tinha que fazer no Brasil, tornava-se indispensavel dar-lhe occupação. Foi assim que os primeiros cursos juridicos, as primeiras altas escolas de sciencia e d'arte se fundaram no Rio...

Esta explicação do sr. Medeiros patenteia — para mim pelo menos — um ponto de vista inteiramente novo na historia das origens da civilisação brasileira. Tal interpretação dos factos faz desaparecer, sob a imposição do mais impenetravel mosquito, a iniciativa pessoal do principe, que, segundo o sr. Medeiros, tinha um unico ideal: o de comer. D. João VI no emtanto recrutava o pessoal da sua comitiva assim como o da sua mais intima convivencia entre os homens mais sabios do seu tempo, e desembarcava no Brasil fazendo-se acompanhar dos melhores dos seus livros e dos seus mais preciosos manuscritos que elle ahi arrecadava, segundo de lá nos contou o seu bibliothecario Marrocos, nas casas contiguas á do seu quarto de dormir como sendo

esse o deposito das mais valiosas joias da sua corôa.

Não ha muitos annos ainda que o erudito sr. Ramís Galvão, antigo director da Bibliotheca Nacional do Rio, creada com os livros que D. João lhe levou da sua livraria da Ajuda, encontrou entre as obras que o principe lhe doara uma esquecida e primorosa collecção de gravuras de Alberto Durer, — o que denota da parte do doador tão nobres gostos d'arte como de erudição.

Para comilão pareceu-me justo advertir que eis aqui um que sabia bem sacrificar a voracidade dos seus appetites gastronomicos aos mais altos interesses do espirito a que se pode devotar um grande rei. Se a gula fosse com effeito a faculdade dirigente d'esse organismo pantagruelico a logica exigiria que o seu incontestavel amor aos brasileiros se manifestasse pedagogicamente no Brasil por meio de um supremo esforço de ideal substituindo todas as suas demais fundações pela de um laboratorio d'augusta feijoada ou de real baba

de moça. É de lastimar que um testemunho historico d'este genero não confirme mais concretamente uma reputação de simples glotão com que a posteridade agradecida brindou o grande civilizador do Brasil. O exagero da gratidão tem comsigo um perigo: o de apoucar o beneficio pela desproporção do agradecimento. Se o intento critico do sr. Medeiros foi o de evitar esse escolho de uma abusiva lisonja posthuma ao delinear-nos o perfil historico de D. João VI, confessemos que sua excellencia o conseguiu com a mais delicada pericia.

Herculano, synthetizando numa só frase a politica de D. João VI no Brasil, disse um dia que durante os doze annos da residencia do principe no Rio de Janeiro, o Brasil fôra a metropole e Portugal a colonia. É de advertir que o enorme desenvolvimento dado ao progresso nacional do Brasil durante os primeiros annos do seculo XIX não subalternisou a tal ponto a importancia de Portugal no concerto europeu que logo em 1814, no Congresso de

Vienna, demolido o imperio napoleonico, Portugal não fôsse incluído no rol das oito principaes potencias da Europa, classificação que me permite duvidar pudessem hoje alcançar de um accordo internacional os mais argutos diplomatas da joven democracia portuguesa.

O sr. Medeiros, reproduzindo a frase de Herculano, considera: que a lingua portuguesa é fallada em Portugal e no Brasil; que o Brasil conta hoje vinte e cinco milhões de habitantes, ao passo que Portugal não conta mais de seis milhões, dos quaes, segundo as estatisticas officiaes, por não caberem lá todos, cerca de noventa mil emigraram durante o corrente anno; que o movimento litterario do Brasil é já consideravelmente superior ao de Portugal. D'estas considerações, suggerindo varias outras que seria indesejavel enumerar, conclue o sr. Medeiros que a affirmacão d'Herculano assume um valor profetico.

O eixo da litteratura portugueza evidentemente se desloca, e em breve tempo, inevita-

velmente, será o Brasil a metropole da nossa lingua.

Para um paiz cuja profunda desordem politica, economica e moral é talvez neste momento um principio de agonia, a hypothese do sr. Medeiros é menos o prenuncio de um desastre do que o lenitivo de uma compensação. Terá para nós a melancolica doçura da transmissão de um legado de familia vêr assim passar da mão dos avós combalidos para a dos netos emancipados o estandarte hege- monico da sua missão de belleza, d'aventura, de poesia, de fé, de entusiasmo e de gloria, atravez da historia commum da sua raça.

## XV

### A raça

---

Logo a seguir á proclamação da Republica e á publicação das suas primeiras leis, em Lisboa, o *Times*, n'um artigo proficientemente raciocinado, applicava aos destinos de Portugal uma theoria que, ao que me recordo, se poderia resumir:

Quando, em resultado de profundas discordias de principios, de idéas, de sentimentos e de crenças irreconciliaveis, um paiz perde o sentimento collectivo da sua unidade, a nacionalidade naturalmente se desfaz pela desagregação dos elementos que a constituíam, sobrevivendo unicamente a raça na continuidade affectiva da familia. Se, porém, a familia carece d'essa forte e excepcional homogeneidade espiritual que, por exemplo, caracteriza a

familia judaica, a raça por seu turno é rapidamente absorvida por outras raças mais poderosas, e do que foi uma nação florescente e gloriosa no mundo, nada mais restará que um vago nome na historia.

E' com effeito possivel que Portugal se ache destinado ás mais destructivas provações. E' possivel talvez que, como diz o *Times*, a nacionalidade se dissolva e se extinga. E' possivel que, por caducidade dos mesmos motivos que invocamos para, ha oito seculos, nos desaggregarmos do reino de Leão, tenhamos ainda de restituir á *Hispania Mater* o territorio que lhe cerceámos, e no qual á ponta de espada implantámos a independencia e a autonomia a que nos dava direito a maravilhosa cohesão, a inquebrantavel disciplina, o saber administrativo, o poder de commando e a fé profunda n'uma divina missão de proselytismo, de resgate e de justiça, através do mundo.

Assim transformámos n'um poderoso reino o primitivo condado portucalense, conquistando successivamente o terreno que pisava-



mos na divagação da nossa indole aventureira, e vendo dia a dia alargar-se, no continente peninsular e para além do mar, adeante do galope das nossas hostes e da prôa das nossas caravellas, o exiguo dominio da velha suzerania leonesa.

Que estranhar se houermos ainda de retroceder por um tragico recuo de civilização ao ponto de que partimos! Não é um axioma rigorosamente mathematico que, para transformar uma quantidade negativa em quantidade positiva, é indispensavel começar por a reduzir transitoriamente a zero?

Uma vez postergadas e dissolvidas as altas virtudes civicas que foram a base e a razão movel e juridica da nossa posse, não será por ventura inteiramente chimerica a hypothese de que um dia nos obriguem, como ao expirar dos contractos emphiteuticos, a restituir ao primitivo senhor a terra que possuimos e occupamos, juntamente com as delicadas e sentidas obras com que durante oitocentos annos a enriqueceram e sublimaram o esfor-

ço, o engenho, o trabalho e o talento de tantas gerações d'homens.

Até ahi alguma plausibilidade pode ter a tremenda theoria formulada pelo *Times*.

Emquanto á absorpção da nossa raça, não. A raça portugueza, por mais decahida que a consideremos pelo abastardamento dos elementos que a formaram, é ainda hoje consideravelmente menos absorvivel do que absorvente. Que essa raça realmente existe é para mim uma verdade que debalde teem por vezes contestado alguns dos nossos proprios e pessimistas ethnografos. Não é pela deducção seccamente scientifica dos atavismos e das hereditariedades dos grandes agrupamentos humanos, nem tão pouco pelos seus caracteres anatomicos, senão pelos elementos psychologicos da sua mentalidade, que hoje historicamente se differençam, se dividem e subdividem as raças. N'este ponto de vista, que é aquelle em que eu me colloco, o portuguez constitue um typo inteiramente especial no grupo indo-europeu.

Elle é sentimentalista, idealista, galã, dado a aventuras e a viagens como o Preste João, como Fernão Mendes, como o infante D. Pedro, como Camões. E' sobrio e é rijo. Tem o dom sociavel e fecundo de amar e se fazer amado, e é singular a sua facilidade de adaptação a todos os meios biologicos e sociaes, bem como a sua enorme força de resistencia á fadiga, á fome, a todas as privações da vida e a todas as hostilidades da natureza. De resto, propenso á rebeldia, leviano, gastador, volúvel e inconstante. Durante o seculo xvii, depois de celebre pelos seus grandes feitos de guerra, de navegação e de conquista, era proverbial em Hespanha a sua *melosidad y derretimiento* em amores. Quevedo dizia que de portugueses não ficariam torresmos no fogo do inferno, porque, havendo lá mulheres, os portugueses derreteriam completamente, não deixando como vestigio mais que uma simples nodoa no chão.

Na nossa *Historia Tragico-maritima*, livro composto, sob um titulo de convenção retho-

rica, pelas authenticas narrativas maritimas dos nossos soldados e marinheiros da India, — livro sem rival em nenhuma outra litteratura do mundo — conta-se que os naufragos de um dos nossos galeões se encontraram na costa de Moçambique com uma hoste guerreira de negros selvagens, da qual se reconheceu que fazia parte um soldado portuguez, que alguns annos antes, por occasião d'outro naufragio alli dera á costa e ficara cativo. Em pouco tempo elle aprendeu a lingua da tribu, impuzera-se á obediencia dos nomadas que o haviam capturado, e fizera-se inteiramente tão negro como elles. Eis um caracteristico especimen da raça.

O mesmo poder de adaptabilidade que no sertão d'África o fizera um preto, teria egualmente feito d'elle em Londres um *gentleman*, e em Paris um *dandy*.

Um dos seis ou oito primitivos fundadores do Jockey-Club, em Paris, era portuguez. Um dos mais *excentricos* dos parisienses registados na conhecida galeria de Champfleury era

portuguez. O elegante cavalheiro e o dono dos mais bellos cavallos que ainda no fim do século passado escarvavam o sólo de Long-champs, no Bois de Boulogne, era portuguez. O mais elegante palacete dos Campos Elysios, notavel pelo seu typo architectonico, no estylo do segundo Imperio, famoso pela sua escadaria d'onix, no qual ao presente se acha installado um dos mais selectos *cercles* de Paris, o *Vauclers-Club*, foi construido pela viuva de um janota portuense, hoje condessa de Donesmark, por affinidade prima millionaria de Bismark.

Raras são as interrupções em que Portugal tem deixado de ter um representante seu no Jockey-Club e bem assim no Instituto de França. Um d'esses *clubmen*, portuguez, pagou de de uma vez, segundo consta das *Memorias* de Henri Villemessant, fundador do *Figaro*, cem mil francos pela nota de uma ceia que offereceu aos seus consocios, e que elle terminou atirando á rua com toda a baixella da mesa.

A par d'estes attestados de puro *chic* os por-

tugueses devem á congenita rusticidade da sua robusta constituição e do seu aguerrido temperamento, o privilegio de terem sido os melhores soldados de Napoleão na campanha da Russia e de serem ainda hoje os mais invencíveis soldados d'Africa.

Ha poucos annos ainda, o Imperador da Allemanha, Guilherme II, explicando amavelmente a alguns generaes estrangeiros reunidos n'um banquete em Potsdam, as razões por que havia sido dado o primeiro logar á mesa a um simples major, Mousinho d'Albuquerque, lhes dizia que elle era alli o unico chefe de Exercito que, tendo combatido em Africa, contava as victorias pelas batalhas.

Os exercitos modernos dispõem hoje de uma nova e formidavel força, o aeroplano. Não será talvez descabido lembrar que essa maravilhosa machina de guerra provém do invento de um portuguez, que creou o aerostato, e do consecutivo encaminhamento d'essa descoberta, devido a um garfo illustre da nossa raça, a um brasileiro, que tornou dirigivel o balão.

Em Inglaterra é bem sabido que era, ainda ha dous annos, portuguez o diplomata de mais prestigio junto do Ministerio dos Estrangeiros e da côrte de Eduardo VII.

Por esse mesmo tempo era secretario d'Estado em Londres outro portuguez.

Era tambem portuguez o engenheiro encarregado pelo governo britannico de fazer a primeira organisação dos serviços telegraphicos na China.

Na Italia é ainda um portuguez o chefe de todos os serviços d'arte.

Mais longe, no Uruguay, por exemplo, é portuguez o venerando decano da Universidade de Montevidéo.

Nos concursos de esgrima de 1909, em Nice, em Monte-Carlo e em Paris, esgrimistas portugueses obtêm os primeiros premios do torneio.

Em todos os concursos hypicos internacionaes, os officiaes, portugueses se distinguem entre os mais perfeitos cavalleiros.

Entre os primeiros medicos de Paris citam-se nomes de portugueses.

Nas escolas estrangeiras são em geral distinctamente notados os estudantes portuguezes. Ha dous annos dizia-me em Lausanne o director da Escola Normal, que eram conhecidos pela sua applicação e pelo seu talento todos os operarios portuguezes pensionistas do Estado, que alli se achavam em curso de aperfeiçoamento. Tinham rapidamente aprendido a falar allemão e francez. Um ou dois iam casar-se com mulheres suissas.

Não ha muito que da escola de engenheiros de Berlim sahia um portuguez condecorado pelo Imperador com a medalha destinada ao primeiro alumno do seu curso.

Tem-se a impressão de que portuguezes precisam de emigrar para desenvolverem todos os recursos da sua nativa e latente capacidade. Porque? Porque na sua terra a casta dos politicos, *a mais vil de todas as castas*, como diz Paul Adam, predomina; absorve as energias nacionaes, na misera ambição e na reles intriga de partidos; revoluciona; revolve até os seus mais profundos alicerces o equilibrio



---

social; perturba e enxovalha a serenidade da applicação e do trabalho; em nome de uma chimerica *igualdade* com que incendeia a brutalidade das multidões, decapita e destróe a influencia ponderadora das *elites* e deturpa avilta, emporcalha tudo, afogando n'um cataclismo de lama a dignidade de um paiz inteiro. Mas não é da putrida infecção da politica, é da sã resistencia da raça que eu hoje me ocupo. Prosigamos.

## XVI

### A nova Lisboa

*Seu aspecto. — Seus habitantes. — Operarios. — Carbonarios. — Funcionarios publicos. — Lojistas. — Senadores e deputados. — Os militares. — Os janotas. — As meninas elegantes. — As esposas dos ministros. — As transformações da cidade e do paiz. — As pequenas patrias. — O meu gato e o de Rochefort. — A minha casa e eu.*

---

Evian, 30 de julho de 1913.

Em Lisboa, que saudosamente eu voltára a ver depois de dois annos de ausencia, e onde acabo de passar quatro estirados mezes, apathicos, aturdidos e mudos, transformou-se tudo durante os ultimos dois a tres annos.

A primeira vaga impressão que o contacto da rua produz no espirito d'um recémchegado é a de que ha talvez na cidade mais gente do que d'antes.

Encontro-me com uma multidão espessa, mesclada, heterogenea e confusa, lembrando o excepcional movimento hebdomadario de uma populosa villa de provincia em dias de mercado.

Figura-se-me que na massa de transeuntes predominam operarios não em traje de trabalho, de blusa e calças de bombasina, como nas cidades industriaes e laboriosas, mas quasi burguezmente vestidos, de gravata La Valière e bengala de passeio. A sua expressão phisionomica nada tem de provocadora, nem de hostil, nem sequer de particularmente grosseira. Se foram algum dia arruaceiros e espancadores de officio, mudaram de modo de vida.

Os antigos carbonarios, de cujas proezas tanto ouvi falar com geral panico, conjecturo que desapareceram. É possivel tambem que, perante a victoria da causa popular, tendo ao presente no governo a força que elles exerciam, por traumatismo, na rua, os carbonarios houvessem por ventura desmobilisado, ensarilhando os seus cavallos marinhos ou depon-

do-os até nova chamada no bengaleiro do poder.

É o que mui aprasivelmente communico aos viajantes transatlanticos, que nos seus roteiros de viagem á Europa por algum tempo assignalaram Lisboa como um escolho temeroso a todos aquelles que não quizessem muito intimamente familiarisar-se com essa especial fórma theurapeutica da massagem denominada a sova.

É certo que no decorrer do meu primeiro passeio pelas ruas mais concorridas e centraes, muitas vozes bradaram: *Olha o thalassa! Cá está o thalassa!* Admirado de que tanta gente me conhecesse e aclamasse, vim a saber mais tarde que tal apostrophe era apenas o pregão de um novo jornal á venda.

Aos numerosos magotes dos operarios em folga segue-se como elemento componente do pessoal lisbonense a legião consideravel dos empregados publicos, dos deputados e dos senadores do novo regimen. Todos estes cavalleiros patenteiam o ar regosijado e feliz de

quem tem assegurado o seu taller de conviva á mesa redonda ou ás pequenas mezas floridas do orçamento geral do Estado.

Dos seus olhos, do seu sorriso, de todos os poros da sua pelle, reluzente e nedia, aflora a convicta affirmação d'aquelle principio que tão bem define a essencia do regimen democratico representativo, e que um parlamentar illustre tão profunda e tão concisamente formulou n'esta synthese immortal: — Mudar de opinião mudarei eu, de voto nunca!

O sorriso dos logistas, no Chiado e na rua do Ouro, é um pouco mais hesitante e amarellecido. Tal sorriso, se bem o interpreto, quer pouco mais ou menos dizer: — O meu bello sortido ahi está! As minhas lettras de cambio estão lá dentro em caixa. Que me comprem o sortido e me não protestem as lettras, eis o meu enthusiastico voto como patriota e como republicano. Festas, muitas festas, é — a meu vêr — do que o paiz precisa para fazer andar o commercio. Accudam as luminarias e toque a musica!

Officiaes do exercito velhos ou de meia idade não sei se ha. Não vi nenhum: apenas vi uns jovens officiaes, numerosos e lindos, lindos de indumentaria guerreira e de garbo marcial. Não sei se tem ou não um bom ministro da guerra. É indubitavel que teem um optimo alfayate. Põem muito bem todos, ou quasi todos, o seu elegante uniforme, o seu correcto calção Saumur e as suas perfeitas botas Chantilly. Suspendem o fino e longo sabre, largamente empunhado, de alta esgrima, e entalam na orbita o monoculo regulamentar com uma graça militar e uma firmeza mavortica que jámais vi excedida nem em Allemanha, nem Hespanha, nem em Inglaterra, por nenhum dos mais primorosos e requintados figurinos de guerra.

São estes jovens e galantes filhos de Marte os unicos personagens que alguma honra fazem ao quasi exhausto mundanismo lisboeta.

Emquanto não houver guerras em Africa ou combates na fronteira contra invasores estrangeiros, desejo que a disciplina não obrigue nunca estes bellos militares a baptisarem de

sangue as suas espadas furando sordidamente ventres de compatriotas. Emquanto não se lhes offereça oportunidade de conduzirem os seus esquadrões á gloria pela defesa da sua patria, melhor seria para elles do que conduzir bisonhos recrutas á chacina fraticida ingloria e iniqua, conduzir apenas á valsa, em elegantes cotillons, finas, esveltas mulheres espirituosas, de patente superior, podendo ser, ás da indesejavel Liga das Republicanas Portuguesas.

Ha tambem alguns civis, e numerosas meninas *chics*.

Os jovens janotas, de calças arregaçadas, chapéu côco atirado para a nuca, bengala agarrada pelo meio, e pés curtos de bicos para dentro, sempre que não estão parados ás esquinas, caminham rijo e desenganadamente para a frente, parecendo quererem, a cada passada, carambolar com as duas bolas de bilhar que todos trazem mettidas por dentro nas biqueiras dos seus sapatos americanos. Todos elles se penteiam (nenhum á Capoul como os

do meu tempo) á moda nova, a que em Montmartre chamam a *coiffure casquette*: risca ao meio, e todos os cabellos, escorridos e lustrosos, achatados a toda a redondeza do craneo. E isso lhes dá o ar interessantissimo de outros tantos naufragos acabando de emergir das vagas e aguardando os acontecimentos philosophicamente do alto de uma rocha.

Estão vendo, meus senhores, o minudente escrupulo absolutamente imparcial com que, á devida distancia do modelo para conveniente campo da visão, eu estou descrevendo, ainda nos detalhes aparentemente mais infimos, realmente os mais caracteristicos, a physionomia actual da terra á que mais quero, e por isso mesmo talvez, aquella de que mais me queixo.

A moderna menina *chic* de Lisboa usa, como todas as parisienses de Paris, de Carpentras e de todo o resto do mundo, a saia *entravée* moldando-lhe ás formas o mais cingidamente possivel, o cabelo encrespado ao canto de cada olho, e o *réticule*, em fórmula de carteira



oblonga, debaixo do braço esquerdo. *Allure* correspondente á moda. Vê-se que a lisboeta *chic* está soffrivelmente informada da maneira de andar, do dandinamento, do meneio, um tanto de tango, um tanto de machiche, um tanto de *pas-de-l'ours* e um tanto de valsa de *apaches*, que os manequins de Paquin exhibem com os vestidos de cada estação e communicam como um segredo maçónico da elegancia feminina á sua mais selecta clientella:

Ter o vestido do dia e não ter a adstricta *maneira* correlativa — *gaffe* medonha.

A lisboeta elegante tem o vestido e tem a *maneira* algum tanto retardatariamente talvez, o que não é de extranhar, por mais exigente que se queira ser, dada a inevitavel differença de latitude entre a Rue de la Paix e o Pote das Almas.

Assim não poderemos garantidamente affirmar que a elegancia feminina de Lisboa, tal como a moderna Lisboa presentemente a comprehende seria precisamente a do ultimo *rendez-vous* de Bagatelle ou de Longchamps. O

que me parece que, sem favoritismo, se pôde dizer é que a moda lisboeta em que essa elegancia exclusivamente se estriba não está longe de ser a penultima ou ante-penultima do *boulevard* Poissonière. O que já é um bem bonito *chic* para cá dos Pyreneus!

Mas, para chegar a este honroso resultado, que lucta homerica nos lares recentemente enobrecidos e acatitados!

Esposas de ministros, esposas de diplomatas, esposas de deputados e de senadores e damas do paço... presidencial, em que roda viva teem repentinamente de se mexer para arrostar victoriosamente com todos os encargos sociaes e todas as responsabilidades mundanas da alta posição que desde hontem occupam perante a Republica, perante a Europa, perante o mundo todo que n'ellas tem postos inquisitorialmente os olhos arregalados e atonitos! Ai de mim, muito custa a ser grande, sobretudo de repente.

Da Republica franceza dissera desalentadamente Gambetta: «*elle manque de femmes*». É

forçoso que se não diga o mesmo da Republica portuguesa, a qual, segundo Theophilo muito bem explicou aos criticos estrangeiros, é inquestionavelmente a primeira do orbe. Convém, pois, não recahir mais n'aquelle funesto equivoco das damas officiaes que, no fim do primeiro jantar diplomatico a que assistiram, beberam, como calix da amargura official, a taça d'agua morna com uma talhada de limão, que creados insidiosos lhe puzeram na frente para lavar os dedos.

Pobres sympathicas senhoras! Para ellas toda a minha sincera sympathia e todo o meu affecto compadecido. Quantas d'ellas, recolhidas ao leito conjugal, clandestinamente, no mysterio imperscrutavel da alcôva, não farão á velha Providencia dos regimens retrogados, hoje demissionaria, a seguinte dolorosa pergunta: Deus do céo, porque déstes vós a meu marido um laureado talento tão incorporavelmente enorme como o que tem para meu desassocego e amargura n'esta vida?

Em todos os demais pontos de vista, em-

quanto eu me mudara para Paris, a minha tão doce Lisboa mudou tambem, e muito mais e para muito mais longe do que eu.

Dentro de dois a tres annos, tanto physicamente como immoralmente, mudou tudo. Mudaram os nomes das ruas, das praças, dos jardins, dos theatros, dos periodicos. Mudou a moeda. Mudou a hora. Mudou o typo, o programma e a denominação das escolas. Mudou a orthographia da lingua. Mudaram os dictionarios. Mudaram os compendios escolares da historia patria. Mudaram os tribunaes. Mudaram as repartições do Estado. Mudou a já remota noção do direito e da liberdade. Mudou a tropa. Mudou a bandeira. Mudaram as attribuições dos tres poderes do Estado, o legislativo, o executivo e o moderador — passando o veto para a alçada do executivo, reduzindo-se o legislativo á missão ôca e honorifica de um moinho em giro e sem grão, moendo-se a si mesmo, e houve por bem desaparecer da scena por inutil o caduco poder moderador. Mudou o nome, insufficientemente res-

peitoso, de *bombas de dynamite* para o nome official de *artilharia civil* consignado nas etiquetas do novo Museu da Revolução. Por meio da profanação das egrejas, da secularisação dos cemiterios, da instituição das associações cultuaes e dos padres casados, de bigode e pera, e com mulher e filhos, mudou para a pratica dos nossos filhos a religião de nossos paes. Mudou, emfim, no publico a expressão das physionomias, mudou a gente, mudou o proprio sólo, porque o pavimento das ruas se revirou com o debaixo para cima. E até por ultimo mudou o céu, o nosso apre-goado *bello céu*, porque as auctoridades competentes aboliram o infinito azul e mandaram apagar as estrellas.

Assim demudada até os seus mais profundos fundamentos, dá-me Lisboa a impressão da cidade mais extranha e, portanto, a mais esquiva e a mais hostile de quantas tenho visto no mundo. Como Ovidio, o poeta das *Metamorphoses* e dos *Tristes*, bem pudera eu, no seio da minha propria patria, exclamar como

elle no seu desterro da Mesia:— Sou aqui um barbaro, porque me não entende ninguem !

N'essa Lisboa tão revoltantemente metamorphoseada, eu tinha, porém, como inviolavel tabernaculo, o recluso e modesto refugio da mansarda que habito ha cincoenta annos, tão longe da rua e tão perto da Via Lactea, alto ninho por sua obscuridade apropriado a encaixilhar a pacificante divisa de Descartes: «*Bene vivit qui bene latuit*».

Fui, portanto, para casa, onde tornei a vêr o meu gato e meu companheiro com a mesma alegria épica com que Ulysses, de regresso a Ithaca, viu de novo o seu cão, segundo Homero.

As odysseas não são precisamente a mesma coisa; A minha differe da de Ulysses emquanto á especie dos animaes domesticos no lar do peregrino.

Entendo dever esta menção da fidelidade caseira dos gatos á memoria do gato de Rochefort, que ha poucos dias se deixou morrer de pena pelo fallecimento do seu dono.

Pobre velho Rochefort, meu tão acolhedor e sympathico amigo! Eloquentemente sarcástico, romanesco espadachim, cavalheiroso e prodigo, elle foi o primeiro dos paladinos na imprensa, elle foi o prestigioso Cyrano de Bergerac do jornalismo do seu tempo. Paris amara-o illimitadamente e fizera-o um potentado. «A uma palavra minha — dizia elle — faço sahir á rua cem mil homens. O seu jornal, o *Intransigent*, rendeu-lhe por muito tempo 200 mil francos por anno. E este idolo da França acabou os seus ultimos dias trabalhando como um aprendiz, assediado pelo terror de vir a morrer de fome! Só a affeição do seu gato se lhe conservou fiel até além da campa. Melancholico documento da instabilidade da gloria na carreira das lettras! Cruel testemunho da versatilidade dos homens e da fidelidade dos gatos!

Revertendo ainda ao meu caso, é certo que todos teem, além da grande patria, a sua patria pequena. Para uns ella é a sua provincia natal, para outros a sua villa ou a sua aldeia;

para alguns — e são esses talvez os que mais a amam — a terrinha querida e o solo em que se plantou o simples casal desagremiado e só no monte com o seu exíguo pinhal, a sua hortasinha toscamente ajardinada mas onde medram repolhos e alfaces, cantam melros, zumbem abelhas e voejam borboletas por cima das sebes dos malmequeres e d'alfasema. E, dominando a humilde herdade, envolto em musgo e coroadado de aboboras, o casinhoto paterno, com o assento de pedra á porta debaixo do parreiral, e dentro, cheirando ao fumo de pinheiro bravo, do alecrim e da urze, a borralheira enegrecida com os seus dois bancos em que se sentavam os *velhos!*

Se todos teem pois a sua patriasinha especial dentro de um maior ou menor espaço sobre a terra, porque não ha de ter um por patria pequena, e amal-a, a simples casa de renda que serena e longamente habitou e onde, se não plantou a arvore como queria Goethe, cumpriu pelo menos submissamente o resto do destino humano, creando o filho e



escrevendo o livro em serviço da patria grande?

Assim deliberei eu refugiar-me da Lisboa grande na minha Lisboa pequena, — o que Faguet chamaria *emigrar para o interior* — enclausurando-me, e cortando todo o meu convívio com um aggressivo mundo extranho que desconheço e que me não conhece.

*Para andar comigo* — dizia Lope de Vega — *me bastam mis pensamientos*. De mim mesmo julguei eu poder dizer outro tanto. Grande illusão minha, illusão de Lope de Vega, illusão de nós ambos, illusão de muita gente! Não. Os meus ultimos mezes de solidão em Lisboa acabam de demonstrar-me que é Spinoza afinal que tem razão. Ha um determinismo mental de que ninguem se liberta. Ninguem tem pensamentos exclusivamente proprios. Ninguem pensa o que quer. Muita vez nem sequer se consegue querer aquillo que mais se deseja querer. A mesma volição, tão frequentemente em conflicto com a vontade, é em nosso espirito um facto condicionada com o raciocinio. São as condições exteriores do ambiente

que por intermedio dos sentidos nos governam a intelligencia e d'ahi o aforismo «Nihil in intellectu quod non erat in sensu». A sociabilidade e a convivencia são elementos de conducta mental essenciaes ao homem.

Demais toda a perturbação da rua tem a sua repercussão no interior do lar. Na minha casa de Lisboa, por exemplo, a revolução imprimiu, como em tudo mais, a sua pégada esterilizadora e destructiva.

A minha cosinheira, depositaria na familia dos segredos tradicionaes da nossa culinaria domestica, despediu-se para casar com um carbonario.

Defronte das minhas janellas, no Conservatorio dramatico, a Republica está construindo um novo theatro cuja creação irresistivelmente se impunha aos desvelados reformadores da nossa capital, desde que o antigo theatro do mesmo Conservatorio não era senão tão grande como o de Conservatorio de Paris, e que os demais theatros de Lisboa se acham mais do que nunca ás moscas, e se encontra fechado

o de S. Carlos por falta de companhia na scena, e, ainda mais sensivelmente, por falta de companhia na sala.

Uma larga empena da obra desfalca-me de uma consideravel parte da vista que eu tinha sobre o Tejo.

O reboliço dos materiaes cobre incessantemente da poeira os meus livros e os meus papeis, e, comquanto, felizmente, os operarios, por falta de numerario para o pagamento integral da feria semanal, não trabalhem senão alternadamente tres ou quatro dias por semana, o barulho estonteador da carpinteria amotina tudo. Duas cantoras toutinegras que todos os annos vinham regularmente veraneiar nas laranjeiras do jardim silencioso do antigo convento, fugiram espavoridas para regiões mais propicias á construcção dos ninhos, bem como ao labor das letras.

Em tal conjectura não recorri como Lope da Vega á companhia dos meus pensamentos, porque cessei de pensar; e, tendo por mais indicado consultar um medico, fui ter com o

Doutor Moreira, meu amigo e meu assistente na unica enfermidade que durante a minha vida lhe dei o incommodo de ter ha quinze annos. O doutor, depois de medir a minha tenção arterial e de se inteirar dos diversos symptomas da minha psycasthenia, mandou-me sahir desde logo de Lisboa e ir fazer uma cura de espirito na oxigenada serenidade da floresta do Tyrol ou junto da communicativa mansidão dos lagos na Italia ou na Suissa.

Eis ahi toda a historia, prolixa e fastidiosa, da minha vinda para Evian, á beira do lago Léman e na visinhança do Monte Branco, de Chamounix e do Grande S. Bernardo, procurando aprender humildemente, na passageira mudança d'ares e na suprema e inquebrantavel belleza das coisas, a supportar mais docemente os homens ou a viver sem elles. Até ámanhã.

## XVII

### El-Rei D. Carlos

---

A data de 1 de fevereiro de 1908, que este jornal piedosamente commemora, é a mais negra de toda a nossa historia. Sabe-se que o duplo regicidio de D. Carlos e do Principe real seu filho não foi a obra individual de um facinora, de um nihilista ou de um doido. Foi a tremenda execução de uma sentença friamente lavrada por um conluio revolucionario.

Alguns individuos aparentemente normaes, serenos, senhores de si, tendo talvez um lar, tendo uma familia, gosando amplamente a saude, a liberdade, a alegria de viver, reúnem-se em tertulia politica e por uma dissidencia de partido resolvem por unanimidade matar um homem e uma creança.

O rei D. Carlos poderia ter fraquezas como toda a creatura humana, mas não tinha crimes, e tinha os mais altos dons de coração e de espirito que enobrecem a humanidade. Tinha a honradez, tinha a indulgencia, tinha o bom humor, tinha a benignidade, tinha o talento, tinha a coragem, e, como emanção d'essas qualidades juntas, tinha e exercia sobre todos aquelles que o conheceram e trataram em Portugal e nas cortes estrangeiras essa especie de sortilegio a que se chama o prestigio.

Amava a sua terra como rei, e amava-a talvez mais ternamente ainda como paisagista, como proprietario rural, como lavrador, como caçador, como excursionista.

Curioso bibliophilo, falando com correcção e virtuosismo cinco linguas, formára nos seus aposentos, nas Necessidades, perto do seu atelier de pintura, uma copiosa bibliotheca abrangendo toda a erudição moderna, alem dos milhares de volumes da collecção de seu pae e de seu tio D. Pedro V, que adquirio do

seu bolso no inventario do rei D. Luiz e depositou para uso dos estudiosos na real bibliotheca do Paço da Ajuda.

Na alludida livraria particular das Necessidades colligira ainda grande numero de incunabulos, de manuscritos preciosos e de livros raros portuguezes.

Pela sua indole, pelo seu temperamento, pelos atavismos da sua cerebração, esse alentado homem louro, de aspecto physico tão acentuadamente saxonico, era psychologicamente o portuguez mais genuinamente portuguez que jamais conheci. A sua linguagem familiar na convivencia dos seus intimos era pictorescamente esmaltada de todos os expressivos provincianismos, de todos os modismos regionaes, de todos os anexins e de todos os proloquios e estribilhos populares do seu tempo.

Sem embargo da polidez do seu trato e da elegancia das suas maneiras, elle foi sempre, pela molecular predilecção dos seus gostos, mais um simples e chão lavrador alemtejano

do que um homem de cõrte. Uma vez jubilosamente liberto da etiqueta palaciana, e só nas suas herdades, nunca mais se vestia senão como os seus abegões e os seus maioraes, de jaleca curta e camisa grossa sem goma e sem gravata. Não montava mais senão cavallos campinos afeitos a saltar valados e arreados de almatrixa e estribos de madeira com manta alemtejana afivelada ao arção. Da sua culinaria rural eram então rigorosamente bannidos os *menus* franceses do paço, substituidos pelos da rustica e tradicional cosinha popular da região.

Conheci-o de muito novo, não como aulico ou cortezão que nunca fui, mas como amigo particular do seu avô paterno.

Com a maior parte dos *vencidos da vida*, dos ques elle folgava de se dizer *confrade supplente*, frequentei a sua casa de principe no paço de Belem e na quinta do Relogio em Cintra, onde a princesa mesma decorava as suas salas com festões de hortensias azues e brancas, e fazia servir aos seus convivas um



*cup* de sua invenção composto de vinho tinto do Dão com agua e assucar e rodellas de pecegos celebres de Alcobaca. Não se poderia vêr lar mais simples, mais risonho e de mais intimo encanto. Era o seu anno de noivado. A princeza, quasi uma joven educanda, estudava com ardor a lingua da sua nova patria e dançava as suas primeiras valsas.

Para festejar os noivos a duqueza de Palmella deu então na sua bella vivenda de Cintra o mais lindo baile. Da porta da casa até á grade do parque illuminado á venesiana, sob um toldo de seda ás listas azues e brancas, estendia-se um tapete em que faziam alas empunhando candelabros os creados da casa Palmella, em grande libré, agaloados de ouro, calção curto de veludo verde, luvas brancas e cabello empoado. Deu signal da entrada dos principes no parque uma orchestra aerea de violinos empoleirados na copa do arvoredos.

Nesse baile uma contradança de lanceiros foi caprichosamente improvisada num quadro de dancistas de que eu fazia parte, cabendo-

me a honra de ter por par a distincta e elegante esposa do meu amigo o illustre archeologo Anselmo Braamcamp Freire, então par do Reino, hoje, segundo me dizem, presidente do Senado.

No fim d'essa incoherente contradança ouvimos todos dizer a princesa á dona da casa: — *Oh! ma foi, je m'amuse comme une petite folle!*

Das tres illustres senhoras a que me refiro uma morreu, feneendo com ella a mais fina, a mais delicada, a mais preciosa flor da antiga elegancia e da antiga nobresa de Portugal. A segunda é hoje uma rainha viuva no exilio. A terceira, transplantada para uma sociedade nova bem differente d'aquella em que nasceu e em que viveu os mais floridos annos de sua juventude, nunca mais — estou certo d'isso — nem pela caricatural violencia dos contrastes, tornará, como a princeza, a divertir-se tanto como nesse esvahido sonho de verão, sob o luar de Cintra.

*Sunt lacrymae rerum.*

A esses dias tão desanuviados e tão serenamente felizes seguiram-se os annos pouco risonhos de um reinado malfadado.

Não quero nesta ephemera pagina exclusivamente consagrada a saudosas recordações tocar por mais levemente que seja no conflicto politico. Fujo de aprofundar antigas feridas destinadas talvez a não se fecharem nunca. Cumpro modestamente apenas um dever d'honra e de fidelidade depondo como testemunha de defeza no processo historico do mais calumniado e todavia do mais affectivo, do mais indulgente, do mais bondoso dos homens. Alguma vez porventura desdenhoso ou altivo com os poderosos e os soberbos, elle foi sempre e invariavelmente da mais terna, da mais carinhosa, da mais christã affabilidade para com todos os humildes.

Do rei que elle foi me permitto consignar apenas que monstruosamente o assassinaram no preciso momento culminante em que, perante o abjecto rebaixamento dos costumes politicos do seu tempo elle emprehendia como

chefe do estado a mais profunda, a mais decisiva obra de remodelação administrativa, de renovamento moral e de saneamento publico de que jamais fôra objecto, desde a sua origem até então, o corrompido e viciado regimen constitucional.

Lucidamente conscio de que nesse aventureiro lance arriscava talvez a corôa e a vida, elle não vacillou um instante, e encarando a morte caminhou firme e resolutamente para ella, amortalhado, como os heroes e os martyres, na resplandescente convicção do dever cumprido.

Em torno do pavoroso attentado do 1.º de fevereiro houve na imprensa e nas assembleias parlamentares um silencio sinistro. Dôr, espanto ou desdem? Dil-o-ha mais tarde a justiça da posteridade, a qual, longinquo mas incorruptivel eco na terra da justiça de Deus, um dia designará a cada um o logar que lhe cabe na perpetração e na cumplicidade d'este crime.

A mim, que na camara dos pares do reino

ouvi uma unica voz clamar justiça para o regicidio, a altiva, a intemerata, a quasi espectral figura do nobre conde de Arnoso, descarnado, pallido, rapidamente envelhecido, attingido já do mal de viver a que pouco depois tinha de succumbir, pareceu-me ser então a unica figura viva e em pé no meio d'uma sociedade morta.

Escrevo de Paris estas melancolicas linhas a 21 de Janeiro de 1913, dia anniversario da morte de Luiz XVI sobre o cadafalso da Place de la Révolution. Numerosas e profundas analogias ligam um ao outro os ensanguentados destinos dos dois soberanos. De Luiz XVI nos deixou um poeta francez esta breve synthese, que em nossa historia, por emquanto imperfeita, poderá ser um dia o epitaphio de D. Carlos: *Teria sabido inteiramente reinar se houvesse sabido punir.*

## XVIII

### Carta de um velho a um novo

---

Meu joven camarada e amigo — Pede-me V. um artigo para o seu jornal *A Restauração*. Esse pedido eu o agradeço e me apresso a satisfazel-o porque o considero um testemunho de solidariedade e de sympathia prestado pela sua valorosa e combativa geração, que é a geração dos meus netos, á encanecida e aposentada geração a que eu pertenço.

A orientação mental da mocidade contemporanea comparada á orientação dos rapazes do meu tempo estabelece entre as nossas respectivas cerebrações uma differença de nivel que desloca o eixo do respeito na sociedade em que vivemos obrigando a elite dos velhos a inclinar-se rendidamente perante a elite dos novos.

Em face da batalha de sentimentos e de ideias no conflicto portuguez dos nossos dias entendo que á ala dos veteranos cabe o dever marcial de apresentar as suas antigas armas a essa nova ala de namorados, que se não batem já pelo precivel prestigio da sua dama mas pela belleza imortal da sua convicção, e batem-se não em combate fortuito, de torneio de gala, mas em pugnas regulares e successivas em que quotidianamente arriscam os seus interesses, a sua liberdade e a sua vida os redactores dos modernos jornaes monarchicos e os de publicações periodicas de tão consideravel importancia philosophica e educativa como a *Lusitania*, a *Nação Portugueza*, *Aqui d'El-Rei*, os *Cadernos de Mariotte*, a *Alma Portugueza*, a *Chronica Politica*, a *Entrevista*, etc.

A incontestavel superioridade d'essa pleiade estudiosa consiste em ter admiravelmente presentido a necessidade culminante da reeducação integral do povo portuguez.

Combater apenas o analfabetismo do povo

por meio de escolas primarias e de escolas infantis sem religião e sem Deus, não é salvar uma civilização, é derruil-a pela base por meio do pedantismo da incompetencia, da materialisação dos sentimentos e do envenenamento das ideias. Quem ignora hoje que foi a perseguição religiosa e o dominio mental da escola laica o que retalhou e fraccionou em França a alma da nação? Quem é que n'esse tão amado, tão generoso e tão attribulado paiz não está vendo hoje objectivar-se praticamente o prophetico aphorismo de Le Bon: É sobretudo depois de destruidos os deuses que se reconhece a utilidade d'elles!

Quanto é commovente e illucidativo comparar as nossas modernas instituições com o quadro da evolução da terceira republica franceza ainda ha pouco delineado por Paulo Bourget, o eminente pensador de quem disse Anatole France: «Elle é o mais philosopho de todos nós».

«Como não cortejar — escrevia muito recentemente Bourget — o programma da terceira



republica, idealizado por tantos patriotas sinceros, com o quadro da nossa presente decadencia! Um parlamento tão impotente como deshonrado; costumes publicos dia a dia mais degradados; a perseguição religiosa alternativamente a mais brutal e a mais hypocrita; um corpo de mestres envenenando as gerações novas, essa reserva viva do futuro, por meio de um ensino de demissão collectiva e de nefasta utopia; o exercito sistematicamente corrompido pela politica, humilhado em trabalhos de baixa policia, enfraquecido pelo sobrelanço eleitoral, a ponto de que os chefes mais respeitados desaparecem para não serem cúmplices de um attentado continuo contra a de-feza nacional; a guerra social incessantemente prestes a rebentar em episodios sangrentos; a anarchia moral precedendo e annunciando a anarchia civil e administrativa, cujos prodomos são sensiveis por toda a parte... Emfim para que prolongar este paralelo entre a Republica tal como ella funciona, como não poderia deixar de funcionar, e a Republica

tal como a sonharam os melhores dos nossos antepassados?»

Em Portugal somos hoje um povo medonhamente deseducado pela inepta pedagogia que nos entoxica desde o principio do seculo XIX até os nossos dias.

O Marquez de Pombal teve a previsão d'esta crise quando por occasião da expulsão dos jesuitas elle procurou explicar que o aniquilamento da companhia de Jesus não decapitaria a educação nacional porque os eruditos padres da congregação do oratorio vantajosamente substituiriam como educadores os jesuitas expulsos.

Com a influencia intellectual dos oratorianos, introductores do espirito criticante de Port Royal na renovação da mentalidade portugueza, condisse realmente o advento de um dos mais brilhantes periodos da nossa erudição.

Vieram porém mais tarde os revolucionarios liberaes de 34, os quaes condemnaram, espoliaram e baniram os padres da congregação

do oratorio como Pombal espoliara e banira os padres da companhia de Jesus.

A obra liberal de 1834 — convem nunca o perder de vista — foi inteiramente semelhante á obra republicana de 1910. Nos homens d'essas duas invasões é identico o espirito de violencia, de anarquismo e de extorção. Dá-se todavia entre uns e outros uma consideravel differença de capacidade.

Os de 34, de que faziam parte Herculano, Garrett e Castilho, eram espiritos oriundos da Academia da Historia, da livraria das Necessidades e do collegio de S. Roque.

Tinham tido por mestres ou por companheiros de estudo, homens taes como Antonio Caetano de Sousa, o auctor da *Historia Genealogica*; Barbosa Machado, o auctor da *Bibliotheca Lusitana*; Bluteau e os collabores do seu Vocabulario; Santa Rosa de Viterbo, o auctor do *Elucidario*; João Pedro Ribeiro, o admiravel erudito iniciador dos altos estudos da nossa historia e precursor de Herculano; Antonio Caetano do Amaral, o infati-

gavel investigador da *Historia da Luzitania*; D. Frei Caetano Brandão, seguramente o mais elevado espirito e a mais formosa alma que deitou o seculo XVIII em Portugal; o padre Cenaculo, o mais prodigioso sementeiro de bibliothecas; o padre Antonio Pereira de Figueiredo, o auctor do famoso *Methodo de estudar*; Felix d'Avellar Brotero, o insigne naturalista; o poligrapho abbade Correia da Serra, e outros que não menciono porque teria de reproduzir um copioso catalogo se quizesse dar mais completa ideia do que foi a cultura portugueza n'essa phase da nossa evolução litteraria.

Os novos revolucionarios de 1910, com excepção honrosa dos que não sabem ler, não tiveram por decuriões senão os seus predecessores revolucionarios liberaes de 34. E d'ahi para traz — o que quer dizer d'ahi para cima — nunca abriram um livro com medo da infecção clerical, porque todos elles acreditam com fetichistico ardor que o *clericalismo é o inimigo*, segundo a formula celebre com que

o principe de Bismarck conseguiu suggestionar Gambetta para a irremediavel desmembração moral da França.

Tal a razão porque os raros homens de letras, que a nossa republica conseguiu mobilisar, dia a dia se desaggregam da hoste refugiando-se no anachoretismo philosophico, enojados da crassa ignorancia dos sarrafações a que o regimen os emparelhou. Como Nietzsche, perante a grosseira petulancia da Allemanha depois da hegemonia que lhe conferiu a victoria de 1870, os desilludidos da Republica Portugueza apetezem, como requeria Nietzsche, que se criem novos ermiterios onde os homens que pensam se enclausurem e se separem para todo sempre dos homens que governam.

Atolados ha mais de um seculo no mais funesto dos illogismos politicos, esquecemos de que a unidade nacional, a harmonia, a paz, a felicidade e a força de um povo não teem por base senão o rigoroso e exacto cumprimento colectivo dos deveres do cida-

dão perante a inviolabilidade sagrada da família, que é a celula da sociedade; perante o culto da religião, que é alma ancestral da comunidade; e perante o culto da bandeira, que é o simbolo da honra e da integridade da patria. Em pleno seculo xx, muito depois de inteiramente refutada pela moderna critica historica e supersticiosa lenda da revolução franceza, revolucionamo-nos nós para o fim de abolir todos esses velhos deveres e de adoptar como um evangelho novo a estafada, ensanguentada e enlameada *declaração dos direitos do homem*, como se á fragil e ephemera creatura humana fosse licito invocar qualquer especie de direitos perante as leis inexoraveis e eternas que implacavelmente regem toda a ordem universal! E para o fim de pormos em plena evidencia essa illusão rhetorica aclamamos uma sexta republica nova dezenas d'annos depois de successivamente abolidas as outras cinco a cuja existencia deu origem o extincto prestigio da Revolução, e das quaes nem sequer já sobrevivem os nomes. Quem se lem-

bra hoje do que foram a Batavica, a Cisalpina, a Ligurica ou a Parthenopéa?

Quebramos estouvadamente o fio da nossa missão historica. Desmoralisamo-nos, enxovalhamo-nos, desaportuguezamo-nos.

Pelos processos improvisados e cahoticos em que vivemos successivamente nos desenraizamos do torrão paterno, desandando e retrocedendo da ordem ascendente e logica de toda a evolução social, principiando por substituir o interesse da patria pelo interesse de partido, depois o interesse do partido pelo interesse do grupo e por fim o interesse do grupo pelo interesse individual de cada um. E' a marcha da dissolução, marcha rapidissima para o aniquillamento porque é inteiramente applicavel á vida social a lei biologica de que toda a decomposição organica dá origem a seres parasitarios cuja funcção é acelerar e completar a decomposição.

Escrevo estas linhas em face da mais pavorosa onda de sangue e de lagrimas que parece encapelar-se das profundidades do desconhe-

cido para subverter o mundo. Perante um tão descomunal conflicto de violencia e de força parece-me indubitavel que o desfecho da actual conflagração europeia não poderá ser senão a refutação absoluta do dogma democratico da liberdade, da egualdade e da fraternidade humana. A lição final da guerra será na humanidade assim como o é na natureza o simples triumpho implacavel do que pode mais sobre o que pode menos.

Não nos precipitemos a amaldiçoar a brutalidade de um tal destino enquanto não reflectirmos no que é realmente a força e de que natureza são os tão complexos elementos integrados n'esse phenomeno global.

De quantos vicios e de quantas farroncas se compõe uma fraqueza? De quantas virtudes ignoradas e reconditas se constitue uma força humana?

Bem exiguo, bem fragil, bem desacompanhado do mundo era o pequeno Portugal que no espaço de cem annos, entre o seculo xv e o seculo xvi, se assenhoreou no globo de um



imperio territorial e maritimo, consideravelmente superior áquelle a que aspira a hegemonia germanica dos nossos dias.

Á ponta da espada Portugal submetteu nada menos de trinta e tres reinos a que dictou a lei e que tornou tributarios do seu soberano; dilatou o dominio portuguez ás mais vastas regiões da Asia e da America, deixando ainda aos seus missionarios e aos seus portadores de civilisação atravez do mundo o tempo e a serenidade precisa para concomitantemente escreverem doze grammaticas e 17 dictionarios de linguas orientaes até então desconhecidas, além de muitas dezenas de obras diversas, por meio das quaes, antes de mais ninguem, elle ensinou á Europa a geographia phisica e geographia politica do Oriente e da Africa.

Porquê? Porque pelas virtudes guerreiras dos seus navegadores e dos seus soldados, pelo saber dos seus letrados e dos seus monges, pela disciplina do seu povo, pelo exemplo dos seus Reis no campo de batalha, a Portugal coube então o privilegio d'esse di-

reito que tanto nos confrange quando exercido pelos outros — o direito da força.

Defenda-nos Deus por sua misericórdia da hora do perigo nacional em que tenhamos de perguntar onde estão os descendentes e os representantes dos antigos homens de Ourique, de Aljubarrota, de Ceuta e de Diu.

Bem sei que n'esse transe o actual chefe do Estado será bastante competente para desembainhar a sua espada de guerra e de justiça, abotoar a sua sobrecasaca de comparecer e proclamar ás tropas que, atravez da batalha, no caminho do dever e da honra, ellas sigam os oito reflexos do seu mavorcio e relusente chapéu alto.

Presumo que S. Ex.<sup>a</sup> é tão edoso como eu. Creio porém que esta circumstancia em nada alterará o bello gesto patriótico que confiadamente espero do seu valor. Quando a Patria chame ás armas os seus filhos que importa a idade! Não são os mais ou menos breves dias que cada um tem para existir o que a Patria nos requer, é simplesmente a vida, a

vida do individuo, que é da raça e da nação que o creou, assim como a seiva da arvore é da terra em que vive.

De cabellos brancos — ruços, como diz Azurara — eram todos os chefes militares da expedição de Ceuta. No conselho que D. João I reuniu em Torres Vedras para expôr o seu plano de conquista, João Gomes da Silva, notando que todas as cabeças eram brancas, exclamou: *Quanto eu, Senhor, não sei al que diga senão — ruços alem!* O que equivalia a dizer: *Avante os velhos!*

E foi com esse entusiastico grito de guerra que se levantou o conselho.

Mais tarde, quando no Porto o infante D. Henrique recebia os contingentes da expedição, os batalhões dos besteiros com os seus anadeis, as levas dos concelhos e as mesnadas dos fidalgos, apresentou-se-lhe, á frente dos seus homens, o meu conterraneo Ayres Gonçalves de Figueiredo, que então contava noventa annos de idade, e vestia as armas de ponto em branco, lança em punho, cota res-

plandecente ao sol, pluma do elmo ondulando ao vento.

Notando o infante a desproporção entre o cansaço dos seus dias e o esforço do seu animo, Ayres Gonçalves respondeu:

— Sei bem que estou mais para morrer que para batalhar, mas fui companheiro d'armas de El-Rei vosso pae, e as exequias que para mim mais desejo são as de ter acabado combatendo ao seu lado.

Assim se passavam as coisas no tempo em que havia reis e vassallos, ricos homens, cavalleiros, piões e besteiros, prelados e monges, mosteiros e solares, estradas com cruzeiros e egrejas com santos.

Não calculo bem como em analogia contingencia as coisas passariam hoje ou como passarão amanhã sob a egide de um governo aperfeiçoado, em companhia dos seus senadores, dos seus deputados, dos seus ministros, dos seus livres pensadores, dos seus pedreiros livres e da sua formiga branca.

E com esta incerteza me recolho ao meu

buraco — *in angello cum libello*. Adeus, meu amigo. Lembre-me affectuosamente a todos os seus esforçados companheiros de lucta, e a todos communique o estreito e comovido abraço que lhe envia o seu dedicado confrade.

Cascaes, 7 de Setembro de 1914.

APPENDICE

# REI D. CARLOS

O MARTYRISADO

Les morts que l'on fait saigner dans leur tombe  
Se vengent toujours.

PAUL VERLAINE.



O Rei — Politica portugueza durante o seu reinado — Deterioração do systema parlamentar — Contaminação social — A corrente das idéas — A dictadura — João Franco e Turgot — Luiz XVI e o Rei D. Carlos — O homem — Seu logar na sciencia e na arte portugueza — Seu character — Seu talento — Sua convicção — Seu fim

---

«Tenho grandes imperfeições como homem e como rei. Os meus defeitos procedem de duas causas: primeira, a hereditariedade na gestação do meu ser; a segunda, a influencia do meio em que nasci e me criei. Considero como primeiro dos meus deveres de pae eliminar ou, quando menos, restringir, por meio da educação mais attenta e escrupulosa, no temperamento, no character e na intelligencia



dos meus filhos, a intervenção dos elementos que actuaram na minha tão imperfeita compleição».

Estas austeras palavras, que poderiam ser lemma de todos os que teem a missão de crear homens e de educar nações, são do Rei D. Carlos, por elle dirigidas a Mousinho de Albuquerque no dia em que, na cidadella de Cascaes, o nomeou aio do Principe que hoje repousa com elle na immobilidade eterna.

Mousinho preparava a esse tempo a historia que projectava escrever de seu glorioso avô. Eu fornecera-lhe da Bibliotheca Real da Ajuda e da minha exigua collecção particular varias obras, que depois da morte d'elle pela sua viuva me foram restituídas. Repetidas communições de estudo sobre a historia do nosso tempo haviam estabelecido entre nós intimas relações de espirito que me auctorizam a afiançar que são absolutamente veridicas, se por ventura não são textualmente authenticas, as palavras que reproduzo como schema da bio-

graphia do finado rei, por elle mesmo delineada em dois traços: influencias herdadas, influencias adquiridas. Taes serão os dois capitulos que a historia terá de preencher antes de evocar a revelada figura d'aquelle que, victima do inflexivel dever, morto no seu posto de honra, hoje entra na posteridade pelo portico do martyrio.

É muito avançada a minha idade, e são muito recentes os factos sobre que terá de elaborar-se a historia do reinado findo, para que jámais possa eu fazel-a documentalmente.

Ai dos velhos que, violando as leis providenciaes que regulam o equilibrio e a evolução do sentimento humano, se arrojam a tomar parte no conflicto das opiniões militantes! A missão dos da minha idade é guardar a torre eburnea, onde das pelejas e dos naufragios da vida se recolhem os dispersos elementos de serenidade, de poesia e de belleza, que são o patrimonio ideal do homem e a dignificação da vida.

Oiço, porém, e leio nas gazetas, que, a se-

guir ao acto canibalesco de serem espingar-deados como feras á esquina de uma rua de Lisboa o Rei D. Carlos I e o rei (por alguns momentos) seu filho D. Luiz II, se acha regulado, por accordo commum das opiniões, um salutar regimen de «acalmação geral». Creio — se ainda bem comprehendo a lingua dos periodicos — que sinceramente se trata de rejeitar todos os odios e de acolher todas as sympathias. Esta consideração me anima, sem receio de melindrar os que me são indifferentes, a consagrar estas linhas unicamente áquelles que estimo. — «On ne doit écrire que de ce qu'on aime» — diz um dos mestres do meu espirito.

Era, até ha cerca de dois annos, voz corrente, expressão, ao que parece, de um convencimento geral, que a politica portugueza desgarrara do seu rumo.

O accordo de dois partidos, revesando-se successivamente no poder, dizendo-se um liberal e outro conservador, segundo o regimen

inglez, fallára inteiramente na sua reiterada applicação pratica.

O jogo permanente d'essa rotatividade representativa, com vinte annos de funcionamento automatico, desgastára todas as engrenagens, boleára todos os angulos, poíra todas as arestas, safára todos os cunhos que caracterisavam o systema. Quem eram os liberaes que pela contribuição de novas idéas se propunham accelerar a energia propulsora do parlamentarismo no sentido do mais rapido progresso? Quem eram os conservadores incumbidos de cõordenar a marcha e de manobrar os travões do machinismo?... Ninguem o saberia dizer, porque nenhum dos dois partidos a si mesmo se distinguia do outro, a não ser pelo nome do respectivo chefe, politicamente differenciado, quando muito, pela emphase pessoal de mandar para a mesa o orçamento ou de pedir o copo d'agua aos continuos.

Um facto summamente grave preoccupava no emtanto a attenção dos que isoladamente

contemplavam a integral concatenação dos acontecimentos. Esse facto era a decomposição da sociedade, lentamente, surdamente, progressivamente contaminada pela mansa e sinuosa corrupção politica. Quantos symptomas inquietantes! a indisciplina geral, o progressivo rebaixamento dos caracteres, a desqualificação do merito, o descomedimento das ambições, o espirito de insubordinação, a decadencia mental da imprensa, a pusilanimidade da opinião, o rareamento dos homens modulares, o abastardamento das letras, a anarchia da arte, o desgosto do trabalho, a irreligião e, finalmente, a pavorosa inconsciencia do povo.

Contra esta ordem de coisas, a que se chamou o «progresso da decadencia» era unanime a opinião do publico, incluindo a dos mais intimos amigos do rei, que o accusavam de indolentemente se abandonar ao «não-me-importismo» constitucional, dando-lhe como exemplo e estimulo a voluntariosa intervenção nos negocios publicos de seu prestigioso tio

D. Pedro V. A theoria do «engrandecimento do poder real», enunciada por alguns intellectuaes do grupo a que pertencia Oliveira Martins, o que era, no intimo da sua palpavel inconstitucionalidade, senão um desenvolvimento da convicção de todos os espiritos independentes ácerca da esteril e perigosa passividade do poder moderador? O erro da neutralidade monarchica perante o escandalo da administração publica corrigia-se coherentemente com a rectificação atrevida de uma formula consagrada: «O rei reina e tem obrigação de governar».

Cumpre consignar ainda, em complemento da historia dos ultimos vinte annos, a que tão resumidamente me refiro, que nunca o supremo e dominante facho da sciencia se ergueu tão alto e alumiou tão longe.

A synthese sociologica acompanhára em sua luminosa orbita a ascensão maravilhosa da synthese organica.

A critica historica exercera-se particularmente na correcção de numerosas theorisações

deduzidas de uma errada observação de phenomenos. Assim, por exemplo, a da Revolução Franceza, de que nitidamente se separou a parte declamativa, a parte lendaria e a parte philosophica.

A Revolução foi a ablação formidavel da gangrena que devorava o velho mundo; mas não passou de uma tentativa malograda como reconstituição social do mundo moderno.

A declaração dos direitos do homem, — uma utopia. A liberdade como alicerce fundamental de qualquer especie de governo, — um equivoco grosseiro e funesto. Só o principio da auctoridade technica, culta, esclarecida e honesta, prevalece e dirige. Os povos modernos não se governam por anachronicas constituições e por importunos codigos. Não se contentam com palavras. Governam-se por interesses. Integrar os interesses economicos com os interesses moraes e com os interesses estheticos, e pôr, quanto possivel, de accordo o interesse de cada um com o interesse de todos, eis a missão da politica.

Estudou-se clinicamente a psychologia dos parlamentos, e Nordau demonstrou com exactidão algebraica que o resultado de votos nunca pôde representar senão uma opinião de mediocres. O suffragio é a indirecta exclusão da superioridade. Por isso, a tendencia da sociologia moderna é para combater a tyrania dos parlamentos, estabelecendo tribunaes supremos encarregados de manter a lei fundamental, alargando os regimens provinciaes conferindo aos municipios a faculdade do referendum.

Fez-se ainda o processo historico das dictaduras, resultando que as ha de varias especies. Ha dictaduras «funestas» como a de Robespierre. Ha dictaduras «reparadoras» como a de Turgot. Ha dictaduras «fataes» como a que Rousseau no «Contracto Social» prevê como desenlace impreterivel de toda a democracia absoluta. A dictadura tanto pôde, pois, ser um mal, como ser um bem, segundo as circumstancias que a determinam e as condições em que ella se exerce.



Devo dizer ainda que, durante o periodo historico a que me estou referindo, se fundou nas mais poderosas nações da Europa, na Inglaterra e na Allemanha, a nova doutrina politica do «Imperialismo», um de cujos traços mais caracteristicos é subordinar á interferencia directa da opinião publica a fiscalisação das assembléas representativas.

Tal é — creio eu — sobre a base dos factos, a perspectiva de idéas em que se produz o ultimo ministerio do Rei D. Carlos e se destaca a figura do dictador João Franco.

«É um selvagem, desageitado para as cortesias palacianas, sem brilho pessoal que desperte emulações ou invejas. Não quer nada para si. É um trabalhador terrivel. O rei aperta-lhe a mão. Adopta incondicionalmente o seu plano de governo. Promette-lhe ter coragem. Ambos se enternecem. Quanto á sua politica, propriamente dita, quem a saberá? Quem ouşará dizer o que elle faria se durasse? O seu ministerio foi evidentemente um prefa-

cio. O seu defeito é um ardor descommunal e selvatico. Foi um tyranno, um despota, quasi um rei. O seu trabalho, a sua rigidez impoz-se de tal modo ao rei e aos ministros que teve carta branca para fazer o que quiz. Quiz fazer em tres annos toda a sua revolução, e tentou realisar-a demasiadamente á pressa: reformas economicas, reformas politicas, reformas municipaes, refundição da instrucção publica, severo regimen de contabilidade, suppressão de adeantamentos e de antecipações orçamentaes, todas as portas do favoritismo do estado implacavelmente cerradas não só á influencia dos politicos, mas até ao prestigio das senhoras. Para curar as chagas sociaes elle principia por as pôr á vista: descaroamento contra o qual os feridos opportunamente invocam a sensibilidade das almas delicadas e compadecidas. Ousa levantar a vista para a organização e para o regimen tributario da casa real. Foram taes os gritos que não se proseguiu. O parlamento intratavel, resistindo ás reformas mais uteis, deu-lhe o primeiro golpe. Então se cons-

tituiu a liga geral dos seus inimigos, e se fechou em torno d'elle o circulo do odio. Fizeram-se todas as pressões sobre o animo do rei. Era forçoso enforçar o despota. Tudo o hostilisa. São todos toureadores, elle só o touro. Um amigo diz-lhe: Serenidade, prudencia! Não é o amor do bem publico que tu tens, é a raiva. (Impulsividade, vesania, epilepsia.) Elle respondia: — «Durarei pouco». — É manifesto que ninguem está contente, nem sequer o proprio rei, que se mostra apprehensivo e sombrio. Elle quereria sobretudo ser amado. Ao amor do seu povo, sinceramente, honradamente, se consagrara, e o povo não lhe tributa senão desgosto. Contraste curioso: o estrangeiro admira, e mostra-se convencido de que o paiz encontrou pela primeira vez um homem que o dirija».

Os que acabam de ler as precedentes linhas me farão talvez a immerecida honra de suppôr que n'ellas se contem, a feição por feição, delineado por mim, o retrato de João Franco.

Não. As linhas que intercalo em aspas na minha narrativa, são meramente, palavra a palavra, o retrato de Turgot, traçado por Michelet, («Histoire de France — Tome xvii. — Louis XV et Louis XVI. — Chapitre xiii. — Ministère Turgot»). Para rectificação de qualquer equivoco dou em nota as palavras de Michelet na mesma lingua em que elle as escreveu.

Quem foi Turgot, o original d'esse retrato devido áquelle dos historiadores francezes que mais fervorosamente amou o povo, e com mais apaixonada e epica eloquencia defendeu as liberdades da sua patria?

Turgot, um dos santos do calendario dos positivistas, cuja commemoração elles celebram, juntamente com a de Campomanes, no dia 20 do mez de dezembro de cada anno, foi como ministro de Luiz XVI um dos maiores bemfeitores da humanidade e dos melhores amigos da França. A historia politica do mundo inclina-se reverentemente perante a sua imma-

culada memoria, e o mesmo Michelet, n'um bello gesto de piedosa genuflexão, inicia o capitulo que na sua obra lhe consagra por estas commovidas palavras: «Une voix intérieur m'avertit et me dit: qui est digne aujourd'hui de parler de Turgot?»

Se a obra do seu ministerio, extra-parlamentar e despotico, se houvesse consummado, se não houvesse trepidado e succumbido a coragem que Luiz XVI lhe promettera ter, o eixo da historia moderna se haveria necessariamente deslocado, e á humanidade se pouparia talvez o sangue derramado nos patibulos da Revolução.

Turgot não passou pelo martyrio infligido a João Franco. Cahiu menos tragicamente que elle. O Rei D. Carlos não era o tibio e pusillanime Luiz XVI. E toda a sua definitiva gloria reside n'essa differença entre o rei de França e o rei portuguez. No meio da hostilidade geral Luiz XVI, apavorado e lacrimoso, abraçado ao seu primeiro ministro, perguntava: «Não haverá com effeito de que nos accu-

sem, razão por que nos condemnem?» D. Carlos não precisa de que o amparem e lhe acaentem o brio. Este homem raro, verdadeiro temperamento de heroe, que em qualquer disposição de espirito ou de corpo, sem a mais leve trepidação de nervos, enfiava á pistola successivas balas por buracos de fechaduras, era, assim como refractario á fadiga, inacessivel ao susto. Perfeito cavalleiro á Bayard, sem medo e sem mancha, firme na consciencia do dever cumprido, e fiel á palavra dada, profundamente convicto de que mais uma vez servia o bem da sua patria mantendo inexoravelmente no poder o ultimo ministerio do seu reinado, elle transpõe o Rubicão, intemerato e sorridente. E, de certo, nunca bocca mais pura e mais firme repetiu a heroica palavra de Cesar: «*Alea jacta est.*»

Luiz XVI fizera a Turgot no principio do seu governo a solemne promessa de nunca mais requerer do erario adeantamentos de dinheiro. Apesar d'esse compromisso, n'um dia do mez de maio de 1776, uma pessoa da

côrte apresenta-se no Thesouro com um vale do rei na importancia de meio milhão. Turgot, não querendo pagar, vae ter com o soberano, que lhe diz vexado: — «Arrancaram a minha assignatura. Não pude negar-me». — «E agora?» pergunta Turgot. — «Não pague», resolve o rei. Turgot não pagou. Tres dias depois achava-se destituido.

Porque morreu na guilhotina Luiz XVI? Temeraria pergunta, porque não é licito a ninguém affirmar seguramente o que succederia no futuro, uma vez alterados os factores que o determinaram no passado. A historia, porém, mostrando-nos que o governo de Turgot poderia ter evitado a revolução franceza, permite-nos com alguma plausibilidade dizer: Luiz XVI morreu por demittir Turgot, entregando assim a corôa á camarilha, que por seu turno a entregou ao Terror.

Contradicção flagrante na logica das cousas: em circumstancias analogas, Luiz XVI morre por ter tido a fraqueza de demittir Turgot; D. Carlos morre por ter cumprido o ar-

riscado mas patriotico dever de não demittir João Franco.

Disse que «por mais uma vez», arriscando a vida, o rei D. Carlos julgou servia a sua patria, porque de outros precedentes serviços a patria lhe deve reconhecimento e gratidão.

Foi elle que, em successivas viagens a nações estrangeiras, pela variedade dos seus conhecimentos e das suas idéas geraes, pela facilidade em falar as linguas, pelo envolvente encanto do seu trato, pela sua bondade illimitada, e pela despresumida e primorosa elegancia das suas maneiras, em contacto não só com os chefes de Estado, com soberanos e com principes, mas com sabios e artistas, estabeleceu entre o espirito portuguez e o espirito europeu um conhecimento reciproco, uma affectuosidade carinhosa, uma «entente cordiale» emfim, que nunca outr'ora se deu. N'este ponto de vista, a sua projectada viagem ao Brasil seria o mais bello coroamento da sua obra de internacionalidade, de sympathia e de paz. Nenhuma duvida de que o seu



exemplo seria seguido por outros chefes de Estado, e esta seria a mais doce maneira de modificar a formula um tanto restricta e antiquada de Monroe — «a America aos americanos», antepondo-lhe o aphorismo mais lato, mais sociavel e mais fraternal — «O mundo aos homens.»

É inteiramente incontestavel que a nossa politica externa, na qual a sua influencia pessoal actuou mais directa e desafogadamente do que na politica interna, foi durante o seu reinado habilissimamente conduzida, fazendo subida honra á diplomacia portugueza em todas as chancellarias da Europa e da America. Confirmação posthuma: Morre em Lisboa o chefe de um dos Estados mais pobre e mais humildes, ainda ha pouco manifestamente desdenhado da amisade de todas as potencias, e em torno d'esse ataúde reune-se o mais numero concurso de principes e de embaixadores que tem visto o mundo. A que se deve o incomparavel tributo de uma tal homenagem se não ao incomparavel prestigio do que morreu?

Foi elle de todos os poderes do Estado o que mais se interessou pela cultura e pelos progressos da sciencia moderna, não só favorecendo pela sua sympathia e dedicação os altos estudos experimentaes, mas collaborando pessoalmente n'elles com aturada diligencia e exemplar ardor. A especialisação scientifica é um dos seus titulos á consideração do futuro. A sua obra de naturalista, comprehendendo as preciosas collecções zoologicas e de apparelhos de pesca expostos ao publico em Portugal e no estrangeiro, bem como os seus livros «Investigações scientificas a bordo do yacht *Amelia*,» faz subida honra ao seu methodo scientifico e á gravidade dos seus estudos. Os inventarios das suas explorações oceanographicas, das suas pescas e das suas sondagens nos mares de Portugal, cujas profundidades determinou e descreveu, comprehendem numerosas especies, umas rarissimas e outras inteiramente novas na nossa fauna abissal, de capital interesse para a historia da vida na profundidade das aguas. É certamente

de consideravel brilho para a mentalidade de um rei a honra de concorrer com tão valiosa contribuição para a obra collectiva de compa-  
nheiros que se chamam Humbold, Darwin, Jussieu, Agassiz, Geoffroy Saint-Hilaire. Das «Investigações scientificas por Carlos de Bragança», a Academia Real das Sciencias ainda ha poucos dias recebia notificação de haver ficado completo, e inteiramente escripto do punho de El-Rei, o terceiro e ultimo volume da serie.

Ocioso accrescentar que foi elle ainda quem deu ás sciencias e ás instituições militares os principaes impulsos que fizeram do exercito portuguez o brilhante exemplar de disciplina, de pericia e de intrepidez, que em mais de um lance da nossa historia contemporanea tem admirado o mundo.

Da sua influencia pessoal provém ainda o revivido culto da bandeira, a estima da marcialidade, o amor e a honra da farda, virtudes militares que antes do seu reinado se tinham consideravelmente abastardado.

Ninguém mais escrupulosamente do que elle, soube evitar um dos escolhos da realza: o abuso da sumptuosidade dispendiosa. Nunca foi dissipador, nem perdulario, nem libertino. Afortunadamente casado por amor com uma senhora exemplar, em quem a virtude é um nunca desmentido attributo de familia e de raça, a sua casa foi sempre um inexcedivel modelo de ordem, mantida pelos mais rigorosos regulamentos, definindo todas as attribuições e todas as responsabilidades perante os mais minuciosos inventarios. Era a revivescencia contemporanea da administração famosa da antiga casa de Bragança, da qual D. Antonio Caetano de Sousa tão curiosas regras de economia domestica colligiu e publicou nas «Provas» da sua «Historia Genealogica».

Com o producto do ultimo córte de cortiça nas suas herdades do Alemtejo. D. Carlos pagára, bem recentemente ainda, os ultimos encargos da casa ducal, que herdara empenhadissima, e lega inteiramente desaffrontada aos seus successores.

A educação de seus filhos, da qual tão grande e brilhante parte cabe á Rainha, é claro testemunho da mais alta perfeição que póde attingir a puericultura e a pedagogia na criação de dois homens. A escolha das suas aias, do seu insigne preceptor Kerausch e dos seus mestres, recahiu na flôr da competencia. Nos exames periodicos das disciplinas que estudavam e a que os dois principes annualmente satisfazião em patriarchaes solemnidades de familia, o que escreve estas linhas teve, como honra inherente ao cargo litterario que exercia, occasião de admirar a poderosa seiva de conhecimentos que progressivamente desenvolviam a capacidade mental d'esses dois espiritos. Na que tinha de ser a ultima d'essas provas ouvi largamente discorrer aquelle que destino tão sacrilegamente roubou á gloria do seu reino e á mocidade do seu tempo, aquelle que sua mãe com tão justificado orgulho podia, como obra prima da sua esclarecida ternura, dar por exemplo a todas as mães portuguezas.

O ponto proposto eram «os grandes effeitos de pequenas causas na historia da civilisação». Esse moço, a quem mal pungia a barba, alentadamente constituido, posto que ainda rosado e louro como um menino, falando correntemente quatro ou cinco linguas, acabando de passar por brilhantes exames de physica e de mathematica, gravemente incluso, reflectido, concentrado, velando o olhar, como um marmore em que as pupillas parece verem unicamente para dentro, e de quando em quando comprimindo na mão a testa vincada, n'um gesto de contensão profunda, esclareceu pausadamente, prolongadamente, a sua these, com a mais variada profusão de idéas, de factos e de raciocinios. Erudição assombrosa na sua idade. Lembro-me de que elle principiou por estabelecer, com desenvolvimento de muitos dados technicos, a influencia do primitivo uso da roupa branca, origem de trapo, na fabricação do papel, na industria do livro, na irradiação do pensamento impresso. Terminou, ao findar o praso da sua prova, referin-

do-se á acção das enfermidades phisicas sobre a mentalidade humana, analysando pormenorisadamente para esse effeito, a historia do pensamento monarchico de Luiz XIV — antes e depois da fistula. Refiro-me a este pormenor porque elle claramente revela que da educação dos novos principes portugueses absolutamente se banira a clausula «Ad usum Delphini». No seculo de Luiz o Grande, Bossuet recuava oratoriamente perante a trivialidade da expressão «caldo de gallinha». N'uma côrte do seculo xx, louvores a Deus, o proprio Delphim, com a mesma simples indifferença com que discutiria um assumpto de cortezia ou de protocolo, não hesita em enumerar e discutir como factor historico a mais secreta affecção morbida do Rei Sol. E é sob este rigoroso criterio de completo exame e de inteira critica que se ensinam estudantes e se educam homens.

Havia na personalidade do Rei D. Carlos um fundo singular de acanhamento organico, que elle publicamente encobria sob a mascara

de uma altivez postiça. Na convivencia intima elle era mais do que affavel, era terno, e a sua bondade chegava a ser humilde. Todos os seus creados o attestam: elle era o amo «que nunca ralhou».

Idealmente refugiado no culto da pintura, em que foi eximio, attingiu uma das mais altas eminencias a que pôde ascender o espirito: foi consagrado «artista». O que distingue o artista dos outros homens não é, em rigor, o modo como executa um dado trabalho tecnico, mas sim o modo como demonstra pensar e sentir. Artista é aquelle que, ou por um maravilhoso instincto nativo que se chama o genio, ou por uma intensa, humilde e profunda contemplação da natureza eterna, consegue reduzir o vago e poetico sentimento da belleza a uma noção synthetica, dominativa e irrevogavel. Artista é aquelle que, pela exteriorisação concreta do seu sentimento individual, verdadeiramente «reina» sobre o sentimento informe, abstracto e disperso da multidão, guiando-a e condu-



zindo-a pela concordia esthetica á *sympathia* universal.

Nunca as pompas da realza e os cerimoniaes da cõrte captaram a predilecção dos seus gostos simples. A sua casa do Vidigal, que elle mesmo edificou e em cujo retiro rural tanto se comprazia, em nada se differença da de qualquer mediano lavrador alemtejano. Ahi frugalmente se alimentava da rude cosinha local, e habitualmente vestia, como os seus abegões, a jaqueta de burel e os ceifões de pelle de borrego, podendo dizer na lingua chã, predilecta do fundador da sua dymnastia: — «A mim todo o alimento me sustenta, todo o panno me cobre, toda a roupa me serve».

Muitas outras affinidades de temperamento e de espirito o assemelhavam em bonhomia áquelle dos Braganças que a João Pinto Ribeiro, annunciando-lhe em Villa Viçosa que em poucos dias seria rei e procurando como vassallo beijar-lhe a mão, respondia: — «Não, João Pinto, por emquanto não... Não com-

premos a couve emquanto não tivermos a carne para a panella».

Não quiz, de resto, D. Carlos I, como D. João IV, ser, no ultimo periodo do seu reinado, o «procurador dos desperdicios do reino», «o mais zeloso homem do bem publico»?

É certo que n'um momento tragico, pasmo e horror do mundo, todo o seu programma sossobrou inundado no seu proprio sangue. Mas para o valor de sentimentos e para o valor de idéas que importancia tem o exito, o contingente, o fallaz, o estúpido exito?... Quantas e quantas vezes, através das immanentes justiças da Historia, não tem sido a derrota dos vencidos a condemnação dos vencedores! Cumpre saber esperar. O Evangelho o ensina: «A arvore não dá flôr emquanto a semente não tenha apodrecido no seio da terra».

\*

Não terminarei sem commovidamente agradecer á *Gazeta de Noticias* ter-se de tão longe

lembrado de mim, seu antigo collaborador, para no dia seguinte ao do assassinato do Rei e do Principe me pedir pelo telegrapho o presente artigo. Trata-se de um bem modesto tributo de saudade a dois mortos e de homenagem a um vivo, depois de vencido insultado ferozmente na derrota, escarnecido na dor, ultrajado na desgraça. Da penna de um escriptor que, jámais em vida d'elles, exaltou potentados ou cortejou triumphadores, não poderia em verdade confiar-se encargo mais do que este honroso e bello.

## NOTA

### Palavras de Michelet

---

... C'était un sauvage, un homme gauche, impropre à la cour, qui ne pouvait porter ombre, un travailleur terrible, mais ne visant à rien. — Le jeune roi lui pressa les mains, lui dit qu'il entrerait dans ses vues, promit qu'il aurait du courage. Tous deux furent très émus. — Quant à sa politique proprement dite qui la sait? Qui osera dire ce qu'il eut fait, s'il eut duré? Son ministère de dix-huit mois ne fut évidemment qu'une préface. — Il avait, dit Monthion, une confiance excessive, présomptueuse dans la sagesse populaire. — Le caractère unique de ce grand stoïcien, absolu de vertu, de force et de lumière, n'offre qu'un seul défaut: une ardeur sans mesure qu'on trouvait sauvage. — En dix-huit mois il fit l'œuvre des siècles. — Malesherbes son collègue, étonné

«Vous vous imaginez disait-il, avoir l'amour du bien public. Vous en avez la rage. Il faut être enragé pour forcer à la fois la main au Roi, à Maurepas, à la cour et au parlement». Turgot répondait gravement: «Je vivrai peu». — C'était un roi ou à peu près. — Quelqu'un a très bien dit que, depuis Richelieu, notre gouvernement était celui des trente tyrans. Turgot le fut dans un sens admirable. Son labeur, sa rigidité s'imposèrent tellement qu'il obtint carte blanche et fit ce qu'il voulut. — Turgot en trois années voulut faire sa révolution. Tout cela trop haté? Oui, mais il le fallait. Il sentait sous les pieds les rats qui lui creusaient le sol pour le faire bientôt enfoncer. — Le parlement rentra, hautain, hargneux et résistant aux réformes les plus utiles. Première défaite de Turgot. L'hiver se fit la ligue générale de ses ennemis. — Il avait commencé par frapper la finance, ne voulant plus d'avances et d'anticipations. — Enfin l'affreux tyran avait posé qu'à l'avenir, la cour, les seigneurs, les grandes dames ne seraient plus croupières

(pensionnaires) des fermiers généraux. Il avait fait une charge sur la maison du roi. Les cris furent si perçants qu'on resta à moitié chemin. La capitation des princes, ducs, etc., pour la première fois fut levée, leurs carrosses visités, comme tous, par l'octroi. — En guérissant les plaies il les avait montrées. — Contre un pareil ministre la route était toute tracée. 1.<sup>e</sup> rappel du parlement, 2.<sup>e</sup> attaque violente sur le point où Turgot était plus vulnérable. — On travaillait le roi de très près. — Necker, adversaire de Turgot, fit paraître un livre ridicule à l'usage des âmes sensibles. — Des agents ameutèrent des masses crédules. — Il restait de faire pendre Turgot. — Celui-ci avait contre lui tout le monde, le roi même, qui avait les larmes aux yeux. — On vit alors la force de la foi. On vit ce que pouvait la colère d'un homme de bien. Il accourt à Versailles, change tout, se fait autoriser à donner des ordres à la troupe. Donc le cercle se ferme autour de lui. Tous sont taureadors, et il est le taurau. Rien de plus grand que ce spectacle. — On sent à l'attitude

de Miromesnil qu'il a un monde derrière lui. Turgot tout au contraire est seul. — Le roi apparemment doit être bien joyeux? Au contraire, de plus en plus sombre. Il avait dit à son événement: «Je voudrais être aimé!» Et il ne voit que mécontents. «M. Turgot, dit-il, ne se fait aimer de personne». Ce ministère tout entier déplaît. — Contraste curieux. L'étranger admirait. En France tout paraissait hostile. — Marie Thérèse elle même est frappée de la grandeur des résultats. La Hollande rend à Turgot un hommage significatif. Elle montre sa confiance, offre ses capitaux. Ce sage peuple, voyant en dix-huit mois l'ordre merveilleusement revenu, sent bien que pour la première fois, c'est un homme qui conduit la France.

Não é verdadeiramente esta, substituídos os nomes próprios de pessoas e logares, e retocados detalhes mínimos, a historia flagrante do ministerio de João Franco, antecipadamente escripta pelo mais eloquente dos chronistas como prophetica lição de critica?

# Indice

---

Advertencia justificativa .....	7
---------------------------------	---

## Cartas Portuguesas

I — A revolução de outubro.....	13
II — Portugal antigo .....	37
III — O sebastianismo nacional .....	57
IV — A comedia politica .....	73
V — Em transito.....	89
VI — Breve recapitulação.....	107
VII — Bom anno! .....	125
VIII — O natalicio da Republica — A menina- deusa .....	137
IX — O figurino francez .....	149
X — Como nós eramos — Como elles são...	167
XI — Experiencia feita .....	181
XII — Uma sessão parlamentar .....	199
XIII — Uma lei .....	215
XIV — Embaixadores de letras brasileiras na Europa — Medeiros e Albuquerque — Conferencia brasileira na Sorbonne...	225



XV — A raça .....	245
XVI — A nova Lisboa .....	257
XVII — El-Rei D. Carlos .....	277
XVIII — Carta de um velho a um novo.....	287

### Appendice

Rei D. Carlos, o martirisado.....	305
-----------------------------------	-----

